

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

JAQUELINE RODRIGUES DA SILVA PEREIRA

***FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO, DE MARY SHELLEY: ESPAÇO
E PERSONAGENS EM UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA***

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CURITIBA
2020**

JAQUELINE RODRIGUES DA SILVA PEREIRA

***FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO, DE MARY SHELLEY: ESPAÇO
E PERSONAGENS EM UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, do Departamento de Linguagem e Comunicação – DALIC, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens. Área de Concentração: Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin

CURITIBA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Pereira, Jaqueline Rodrigues da Silva

Frankenstein ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley [recurso eletrônico]: espaço e personagens em uma perspectiva ecocrítica / Jaqueline Rodrigues da Silva Pereira. -- 2020.

1 arquivo eletrônico (171 f.): PDF; 1,48 MB.

Modo de acesso: World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. Área de Concentração: Linguagem e Tecnologia. Linha de pesquisa: Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia, Curitiba, 2020.

Bibliografia: f. 168-172.

1. Linguagem e línguas - Dissertações. 2. Shelley, Mary Wollstonecraft, 1797-1851. Frankenstein, ou, O Prometeu moderno. 3. Frankenstein, Victor (Personagem fictício). 4. Ecocrítica. 5. Literatura - História e crítica - Teoria, etc. 6. Romantismo. 7. Literatura inglesa. 8. Análise do discurso narrativo. 9. Representações sociais. 10. Natureza na literatura. 11. Homem - Efeito do meio ambiente. 12. Literatura e tecnologia. I. Cantarin, Márcio Matiassi, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. III. Título.

CDD: Ed. 23 -- 400

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR
Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná Diretoria de Pesquisa e Pós-
Graduação

TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO

A Dissertação de Mestrado intitulada “*Frankenstein ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley: espaço e personagens em uma perspectiva ecocrítica*”, defendida em sessão pública pelo candidato(a) **Jaqueline Rodrigues da Silva Pereira**, no dia **13 de março de 2020**, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, Área de concentração **Linguagem e Tecnologia**, Linha de pesquisa **Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia**, e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin - Presidente- UTFPR

Profa. Dra. Jaqueline Bohn Donada – UTFPR

Prof. Dr. Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger – UFPR

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.

Curitiba, 13 de março de 2020.

Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a) do Programa

Aos meus amores, meus filhos Sabrina e Breno, com vocês aprendo todos os dias, por vocês me esforço para ser uma pessoa melhor. São vocês que fazem a minha vida valer a pena. Vocês são a mais perfeita expressão do amor.

AGRADECIMENTOS

Ao apresentar esta dissertação, gostaria de transmitir os meus mais sinceros agradecimentos a todos os que me apoiaram neste percurso. É difícil expressar em palavras minha enorme gratidão e, em virtude dos lapsos de memória, elencar com propriedade todas as pessoas que deram o seu contributo. Ainda assim, agradeço:

Primeiramente a Deus pela vida e por me fortalecer a cada dia.

Aos meus filhos Sabrina e Breno, por tanto amor.

Ao meu esposo Antonio Carlos, por toda dedicação e apoio.

Ao meu amigo pe. Martin Kaithakkatt, sua força me ensinou a ser forte. Sua presença me faz ver a vida com outros olhos.

À minha amiga-irmã Ana Dutra, por me trazer tanta alegria e por me ajudar a superar os momentos de angústia com leveza.

Aos meus pais Antonio e Juliana por serem exemplos de fé, de força, de lealdade e de comprometimento com a verdade. Por serem presença de amor em minha vida.

Aos meus irmãos Elizabete e Edson (*in memoriam*). Vocês me ensinaram o valor da vida, da efemeridade das coisas e da urgência em amar e ser feliz.

Aos amigos do curso, pela amizade, pelo carinho, pelas contribuições. Foi um privilégio partilhar momentos tão significativos com vocês.

Aos colegas do GECO (Grupo de Estudos Ecocríticos), o amor que vocês têm pela natureza me faz acreditar em um mundo melhor.

Ao Prof. Dr. Klaus Eggensperger e à Prof^a Dra. Jaqueline Bohn Donada, membros da Banca de Qualificação deste trabalho, pelas várias indicações que fizeram e que me permitiram ampliar minhas perspectivas.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens e ao seu competentíssimo corpo docente, por oferecer com tamanho comprometimento e seriedade, os recursos necessários para meu crescimento acadêmico.

E, por fim, um obrigado muito especial ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin, pela confiança em aceitar o desafio de caminhar comigo pelas subjetividades de *Frankenstein*, por ser um interlocutor paciente e compreensivo, por me apresentar uma perspectiva nova, repleta de natureza, de sensibilidade, de humanidade e por ser este ser humano tão especial e generoso.

Quando encontra sua criação nas encostas geladas do Mont Blanc, Victor Frankenstein reage com raiva e repugnância, gritando para a criatura: “Vai-te! alivia-me da visão de tua forma abominada!”

Em resposta, o monstro simplesmente pousa as mãos sobre os olhos de Frankenstein. “Assim eu te alivio, meu criador”, diz ele. “Assim afasto de ti uma visão que abominas. Ainda assim poderá me ouvir e outorgar-me a tua compaixão. Ouve minha história; ela é longa e estranha.”

Ainda estamos ouvindo.

(HITCHCOCK, 2010, p. 348, grifo nosso).

RESUMO

PEREIRA, Jaqueline Rodrigues da Silva. *Frankenstein, ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley: espaço e personagens em uma perspectiva Ecocrítica*. 2020. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Frankenstein ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley: espaço e personagens em uma perspectiva ecocrítica é uma pesquisa fundamentada pela teoria da ecocrítica. O propósito deste estudo é fazer uma leitura crítico-reflexiva do romance, a partir das ecologias psíquica, social e ambiental. Este estudo verifica ainda, por meio da ecocrítica, como a natureza presente na obra também representa estes conflitos e como se configuram em face da complexidade que é a vida humana sobre a Terra. As análises ocorrem por meio de estudos teóricos e históricos, com base em autores, como Eric J. Hobsbawn, Ernest Callenbach, Félix Guattari, Fritjoff Capra, Greg Garrard, Leonardo Boff, dentre outros que apresentam temas relacionados com a literatura, com a ecocrítica, com os avanços tecnológicos e suas representações sociais como elementos indissociáveis da cultura e das práticas cotidianas e com a relação do homem com o meio ambiente.

Palavras-chave: Romantismo. Literatura Inglesa. Ecocrítica. Frankenstein.

ABSTRACT

PEREIRA, Jaqueline Rodrigues da Silva. *Frankenstein, or the modern Prometheus, by Mary Shelley: space and characters in an ecocritical perspective*. 2020. Master's dissertation. (Master's in Language Studies) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Frankenstein, or the modern Prometheus, by Mary Shelley: space and characters in an ecocritical perspective is a research based on ecocriticism theory. The purpose of this study is to make a critical-reflexive reading of the novel, from the psychic, social and environmental ecologies. This study still verifies, through ecocriticism, how the nature present in the work also represents these conflicts and how they are configured in the face of the complexity of human life on Earth. The analysis take place through theoretical and historical studies, based on authors like Eric J. Hobsbawn, Ernest Callenbach, Félix Guattari, Fritjoff Capra, Greg Garrard, Leonardo Boff, among others who present themes related to literature, ecocriticism, technological advances and their social representations as inseparable elements of culture and daily practices and with the man's relationship with the environment.

Key words: Romanticism. English Literature. Ecocriticism. Frankenstein.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	10
2	FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO, DE MARY SHELLEY: DA INQUIETUDE PERANTE A MORTE À CONSAGRAÇÃO DE UM ÍCONE DA MODERNIDADE.....	17
2.1	O mito de prometeu.....	26
3	IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS, ASPECTOS DO CONTEXTO ROMÂNTICO E A ECOCRÍTICA EM FRANKENSTEIN.....	31
3.1	Contextualização histórica: as revoluções e suas implicações na constituição das personagens e no desenvolvimento do enredo.....	33
3.2	O meio natural presente em <i>Frankenstein</i> : a expressividade da paisagem romântica sob o prisma da ecocrítica.....	41
3.3	Ecocrítica: conceitos e abordagens literárias.....	47
3.3.1	As três ecologias de Félix Guattari.....	62
4	COMPREENDENDO ALGUNS ELEMENTOS DA NARRATIVA.....	68
5	O ANTROPOCENO.....	76
6	CAPITÃO WALTON, VICTOR E SUA CRIATURA SOB A ÓTICA DAS TRÊS ECOLOGIAS DE GUATTARI: HAVERIA EM FRANKENSTEIN UM PRENÚNCIO DE CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA?.....	84
6.1	Capitão Robert Walton: o comportamento do homem antropocêntrico confrontado por questões ecocríticas e ecosóficas.....	89
6.2	Victor Frankenstein: o representante do desequilíbrio das três ecologias na constituição do ser.....	107
6.3	A criatura de victor frankenstein sob a ótica da ecocrítica e da ecosofia: a exteriorização dos conflitos humanos mais profundos diante do desequilíbrio ecológico do ser.....	138
6.4	Um encontro épico: o equilíbrio e o desequilíbrio das três ecologias de Guattari evidenciados no diálogo entre criador e criatura.....	154
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
	REFERÊNCIAS.....	167

1 APRESENTAÇÃO

O romance *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley é um clássico do romantismo inglês do século XIX. Escrito em 1816 e publicado pela primeira vez em 1818, retrata, dentre outros aspectos singulares, a vida do cientista Victor Frankenstein, homem do século XVIII, ávido por descobrir os segredos da vida. O protagonista representa o homem fascinado pelo desejo de vencer a morte, tema que perpassa toda a narrativa em estudo neste trabalho. É importante destacar, contudo, o quanto o contexto de épocas anteriores imprimiu nas pessoas deste período valores e considerações acerca de seu lugar no mundo que fizeram com que suas atitudes e comportamentos fossem ainda balizados por uma herança marcada por resquícios e influências teocêntricas. Apesar disso, Victor Frankenstein estava imerso em um ambiente de progresso técnico e de ciência emergente. As contradições do ser às quais o cientista estava concatenado explicam suas ações e a complexidade de seu projeto. Imbuído pelo desejo de solucionar questões referentes às doenças e à morte, ele emprega todos os seus esforços na busca incessante por recursos que possam elucidar tais problemas. Além dele, sua criatura e o navegador Robert Walton ganham destaque nesta pesquisa. Para o estudo aqui proposto, novos conceitos de humanidade estabelecidos foram observados sob o viés da ecocrítica que busca estudar a relação entre a literatura e o meio ambiente.

Segundo Leonardo Boff (1995), os questionamentos que mais perpassam a mente do ser humano, que mais o preocupam não são somente “a majestade incomensurável do universo, os buracos negros (verdadeiro inferno cosmológico pois impede qualquer comunicação) e o infinitamente pequeno da microfísica até seu ponto zero inicial no momento do big bang” (1995, p. 58), mas são questões subjetivas, “são demandas do coração, onde moram as grandes emoções que fazem ora triste a passagem por esse mundo, ora trágica a existência, ora exultante a vida, ora realizadora dos mais ancestrais desejos” (1995, p. 58). O autor aprofunda tais questionamentos com vistas a refletir sobre “Como tolerar o sofrimento do inocente, como conviver com a solidão, como aceitar a própria pequenez? Para onde vamos, já que sabemos tão pouco de onde viemos e apenas um pouco do que somos” (1995, p. 58)? Segundo ele estas perguntas sempre estiveram “na agenda

da inquietação humana. As respostas nos fazem corajosos ou covardes, felizes ou trágicos, esperançosos ou indiferentes” (1995, p. 58). No cerne destas perguntas está a angústia por não se saber o que acontece antes e depois da vida, uma vez que só se sabe um pouco acerca do presente. São indagações cujas respostas perpassam e afligem as mentes mais curiosas e comprometidas com a causa ecológica em todos os tempos. Além disso, o leitor pode reporta-lás, por exemplo, para o cientista Victor Frankenstein e para o capitão Robert Walton, em uma análise crítica de sua postura na obra em estudo. São também estas inquietações que motivam as ações destas duas personagens.

Neste contexto se insere conhecimentos que, tanto do ponto de vista científico ou empírico ou mesmo do ponto de vista metafísico se interessam pelas mudanças que acontecem com o meio ambiente e com o estudo e compreensão do universo como um todo. É sabido ainda, que as demais ciências que se desenvolveram a partir da filosofia, surgiram dos estudos da filosofia natural. Com relação ao comportamento dominador humano, Francis Bacon afirmou que devemos “subjugar a natureza, pressioná-la para nos entregar seus segredos, amarrá-la ao nosso serviço e fazê-la nossa escrava” (BACON *apud* BOFF, 1995, p. 25). Foi a partir de pensamentos como os de Bacon que a sociedade passou a justificar comportamentos invasivos e de dominação, que colaboraram para a alienação e exploração de pessoas e à degradação do ambiente natural. Esta é uma das possibilidades de análise que fundamenta este trabalho.

Boaventura de Sousa Santos complementa que existe uma separação total entre o ser humano e a natureza. As ideias discutidas a partir do conceito de Bacon se fazem presentes na postura das pessoas das mais diferentes sociedades e culturas. “Como diz Bacon, a ciência fará da pessoa humana “o senhor e o possuidor da natureza”” (2010, p. 4). Segundo o autor, a partir destes “pressupostos o conhecimento científico avança pela observação descompassada e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenómenos naturais” (2010, p. 4). O ser humano sempre se colocou como um ser supremo diante do elemento natural. Para o sociólogo

A natureza é tão só extensão e movimento; é passiva, eterna e irreversível, mecanismos cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos

impeça de desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes activo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar (SANTOS, 2010, p. 4).

Em uma conferência na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, em Curitiba em 29 de novembro de 2019, o professor, escritor da natureza e crítico literário Richard Kerridge discorreu sobre as três ondas da ecocrítica, um importante assunto para a compreensão do processo de desenvolvimento da teoria. Com o tema "*Writing the environment: Ecocriticism and Literature*" ele explanou sobre seu livro *Cold Blood*, que, segundo ele "é um tratamento lírico e científico dos répteis e anfíbios britânicos, além de uma história de amadurecimento e memórias de luto" (KERRIDGE, 2019). De acordo com Kerridge, sua obra representa um gênero de escrita que os ecocríticos da primeira onda procuravam disseminar por considerar que poderia contribuir para modificar a atitude das pessoas diante do seu relacionamento com a natureza.

Para o professor "a ecocrítica é frequentemente percebida, como outros movimentos culturais e políticos, como se estivesse se transformando em uma série de ondas" (KERRIDGE, 2019). Segundo o escritor, no entanto, a metáfora das ondas não pode sugerir que uma substitui a outra, uma vez que quando uma nova onda surge e se torna central, as anteriores não desaparecem completamente ou podem ser consideradas esgotadas. Kerridge afirma que a terceira onda já chegou, mas tanto a primeira quanto a segunda continuam avançando. Os ecocríticos da segunda onda, por exemplo, acreditam que deve haver também uma preocupação histórica com as "narrativas coloniais masculinas brancas de exploração ou como uma rejeição conservadora da modernidade democrática urbana" (KERRIDGE, 2019). Kerridge afirma que tanto ele quanto muitos escritores contemporâneos questionam

se o gênero pode ser dissociado dessas tradições. Se a assertiva for verdadeira, a esperança é que o gênero possa inspirar um amor do público em geral pela natureza selvagem, ecologicamente informada, vulnerável às ameaças ambientais, diversas em seus pontos de vista e interessada em um diálogo entre diferentes perspectivas (KERRIDGE, 2019) .

Kerridge aponta para o fato de que os críticos da primeira onda “acreditavam que a ênfase na construção cultural - que geralmente significava desconstrução cética - levava a uma negligência perigosa do estudo da realidade física” (2019). Para tanto, o cânone literário foi revisado. O gênero de escrita da natureza, que era visto anteriormente como, nas palavras de Kerridge, “ingenuidade literária romântica ou escapista” foi considerado neste contexto. Com relação à segunda onda, ele explica que os ecocríticos deste momento estavam “preocupados em revelar as conexões entre os problemas ambientais e as formas de injustiça social infligidas às mulheres, pessoas de cor e classe operária, pobres rurais ou indígenas que foram vítimas do colonialismo” (2019). Considerar o projeto da segunda onda, de acordo com os apontamentos do professor, significa “prestar atenção intersetorial às maneiras pelas quais diferentes grupos vitimados foram expostos desproporcionalmente a riscos ambientais” (2019). É importante destacar a abrangência da preocupação dos ecocríticos deste grupo. De acordo com o crítico literário

A ecocrítica da segunda onda explora as relações entre as prioridades ambientais do feminismo, anti-racismo, teoria *queer*, pós-colonialismo e a luta o contínua pela descolonização. Destas perspectivas, a escrita da natureza e outras tradições do amor à natureza selvagem seriam interrogadas sobre se eram exclusivamente brancas, masculinas ou ocidentais (KERRIDGE, 2019).

Além disso, um importante trabalho para a ecocrítica, enfatizado por Kerridge, é criar e incentivar meios que promovam a visibilidade para as conexões existentes entre os “inúmeros e pequenos atos de consumismo” no ocidente que provocam o que ele chama de “violência lenta”. O autor destaca a importância da terceira onda neste sentido, uma vez que a mesma busca “mudar a ênfase difundida na cultura ocidental sobre a distinção e autonomia do eu individual”. O professor declara, assim, que “A individualidade não é negada, mas sua inserção em redes e sistemas materiais, pelas quais é constituída e mantida, recebe maior ênfase” (2019). É importante destacar, ainda que

Curiosamente, esse movimento traz de volta à ecocrítica a compatibilidade com o pós-estruturalismo, com ênfase na construção e discursividade contínuas - mas a versão ecocrítica é material e cultural, e as duas formas de construção são inseparáveis (KERRIDGE, 2019).

O autor defende a ideia de que é necessário haver uma mudança na forma com a qual o indivíduo age no processo de transformação das coisas, se reconhecendo como parte do ecossistema. Para ele “a percepção ecológica dissolve noções unificadoras de individualidade e fortes separações dualistas entre cultura e natureza, sujeito e objeto ou humano e não humano” (KERRIDGE, 2019). Tal premissa não é algo simples, uma vez que, a partir do pensamento do filósofo Michel Serres a guerra é o “motor da história” (1991, p. 24). Ainda que não apareça explicitamente no romance, um império como o Britânico está sempre envolto com a guerra, o que certamente influencia o pensamento do período.

Diversas são as pesquisas realizadas acerca de *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, com diferentes enfoques. Entretanto, ao realizar uma pesquisa na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), bem como em outras bases de teses e dissertações, é possível constatar que não há pesquisas com foco ecocrítico acerca do comportamento e dos conflitos internos e externos vividos por Victor Frankenstein, pela sua criatura e pelo capitão Walton. Sendo assim, este é um trabalho inédito no Brasil, conferindo ao mesmo um caráter importante para os estudos de ecocrítica. O texto original em língua inglesa publicado pela Penguin Classics em 2003 foi selecionado para análise a que se propõe este estudo. Para a tradução em língua portuguesa, foi escolhido o texto de Marcos Maffei, na edição de 2012, da editora Ática.

Este é, portanto, o escopo da pesquisa: fazer uma análise, por meio da ecocrítica, para verificar como os desencadeamentos de domínio e controle da natureza em *Frankenstein ou o Prometeu moderno* representam os conflitos vividos pelas personagens selecionadas e como seus desajustes se configuram diante da complexidade que é a vida humana sobre a Terra. Vale destacar que à época não seria possível que Victor ou as demais personagens compreendessem como antiecológicas as suas ações dado o caráter contemporâneo do termo e da própria ideia de consciência ecológica. Neste sentido, este estudo se vale, também, de uma das estratégias da ecocrítica apontadas por Kerridge quando se refere à terceira

onda da teoria: abordar a escrita da natureza e a (re)leitura dos clássicos do passado sob esta nova perspectiva teórica.

O texto se apresenta dividido em cinco capítulos. Todos voltados para a análise de algum aspecto da obra em estudo. Após apresentar a obra e os principais conceitos que direcionam a pesquisa, aspectos teóricos, históricos, sociais e humanos foram brevemente explorados na apresentação do trabalho com vistas a contextualizar e introduzir a discussão pautada na relação homem/natureza. O primeiro capítulo, no entanto, se dedica a discorrer sobre o desejo do ser humano (de todos os tempos) em transpor os limites existentes entre a vida e a morte, bem como a questão da ética, neste contexto. O capítulo traz, ainda, um breve apanhado sobre a divulgação da obra pelas diferentes mídias e das inúmeras referências que surgiram a partir do prefixo FRANKEN, ou mesmo da ideia de elaboração e de construção da criatura. Na sequência, o subcapítulo 1.1 discute a questão do mito de Prometeu, as diferentes conotações que pode apresentar e algumas das diferentes representações do mito prometeico tanto em *Frankenstein* quanto em outras obras, como Fausto, de Goethe, por exemplo. Além disso, há um destaque para a diferença existente entre o mito discutido no romance e os clássicos. O duplo romântico também é brevemente abordado.

O segundo capítulo, dividido em quatro subcapítulos, está pautado na discussão acerca das implicações históricas do período, bem como na observação do desenvolvimento tecnológico e científico, do sentimento antropocêntrico de superioridade dos homens perante os demais seres, na relação da obra com o Romantismo e em como esta relação se dá, frente ao posicionamento das personagens estudadas, com especial destaque para suas atitudes diante do elemento natural e dos seres nele inseridos. O subcapítulo 2.1 aprofunda a relação entre o período revolucionário, o desenvolvimento promovido pelo capitalismo e em como isso ocorre no romance a partir da postura do cientista Victor Frankenstein, de sua criatura e do capitão Robert Walton. O subcapítulo 2.2 faz uma análise da expressividade da paisagem romântica na obra e na constituição das personagens sob o enfoque da ecocrítica bem como na relação do homem romântico com a natureza, além de promover uma reflexão sobre a ecologia e sobre as principais demandas existentes neste segmento. Já o subcapítulo 2.3 apresenta o conceito da ecocrítica e aprofunda a discussão ecológica, com destaque para a crise ambiental que assola o planeta. O conflito entre os ideais ecológicos vigentes e o desejo

capitalista pelo consumo desenfreado são também abordados. Diante destas questões, esta parte da dissertação promove uma reflexão sobre a necessidade de se compreender que os problemas não podem ser entendidos de forma isolada, que o ser humano e a natureza estão interligados e reforça a ideia de que todos os seres são importantes para a harmonia da vida sobre a terra. Em seguida, a subdivisão 2.3.1 apresenta as três ecologias de Félix Guattari e em como elas intercorrem quando o homem se separa do mundo natural. Os principais problemas ecológicos existentes são analisados e é discutida a necessidade de se repensar a interferência humana no meio com o intuito de uma mudança que promova o bem comum.

O capítulo três resgata alguns elementos da narrativa com o intuito de melhor compreender aspectos importantes para a análise aqui proposta. Por meio do estudo das metáforas, dos campos lexicais utilizados, da estrutura narrativa escolhida para a composição da obra, dentre outros elementos destacados, o leitor pode compreender a incidência de ocorrências que explicam as atitudes e as escolhas feitas pelas personagens analisadas.

O quarto capítulo, por sua vez, apresenta o antropoceno, que é considerado uma nova época geológica. O capítulo aborda questões que atentam para os efeitos das ações humanas no contexto ecológico mundial. A partir das ponderações promovidas pelos estudiosos do antropoceno, faz-se necessário compreender a mudança histórica e cultural radical pela qual passa o mundo que é o resultado da forma como os homens modificam o planeta de forma irreversível. Outrossim, este capítulo exhibe algumas ações que denotam como as pessoas estão se organizando para discutir a temática em escala global.

No capítulo cinco, dividido em quatro subcapítulos, as personagens escolhidas para a investigação aqui proposta ganham destaque. Victor Frankenstein, sua criatura e o capitão Walton, são apreciados sob a ótica das três ecologias de Guattari. Além disso, o capítulo promove a reflexão sobre a possibilidade de haver, em *Frankenstein*, um prenúncio de consciência ecológica. O subcapítulo 5.1 apresenta o capitão Robert Walton e busca analisar seu comportamento antropocêntrico por meio de suas ações que são confrontadas por questões ecocríticas e ecosóficas. Já o subcapítulo 5.2 apresenta o protagonista, Victor Frankenstein e o coloca como o representante do desequilíbrio das três ecologias que pode ocorrer na constituição do ser humano. O subcapítulo 5.3 explora a criatura de Victor Frankenstein também sob a perspectiva da ecocrítica e da

ecosofia. Neste caso, discute-se, por meio das ações desta personagem singular, a manifestação dos principais enfrentamentos humanos frente ao desequilíbrio ecológico do indivíduo. Por fim, o subcapítulo 5.4, apresenta o momento do encontro entre criador e criatura. Debate-se, a partir do diálogo travado entre as duas personagens, o equilíbrio e o desequilíbrio das três ecologias de Félix Guattari.

2 FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO, DE MARY SHELLEY: DA INQUIETUDE PERANTE A MORTE À CONSAGRAÇÃO DE UM ÍCONE DA MODERNIDADE

Swift as light and cheering was the idea that broke in upon me. 'I have found it! What terrified me will terrify others; and I need only describe the spectre which had haunted my midnight pillow.' On the morrow I announced that I had thought of a story. I began that day with the words, 'It was on a dreary night of November,' making only a transcript of the grim terrors of my waking dream¹ (In SHELLEY, 2002, p. xxii).

O romance de Mary Shelley retrata um homem que deseja transpor os limites da vida e da morte bem como os limites éticos sobre esse assunto, instituídos pela sociedade, subvertendo os princípios estabelecidos. A identificação de Victor com esta nova forma de entender e se colocar no mundo, se dá a partir de suas ações antropocêntricas permeadas por angústias, marcadas principalmente pelos valores familiares arraigados em seu ser e dos quais ele se afasta para concretizar seu sonho. Suas atitudes diante das questões que ele considerava tão importantes o levam a caminhos inexplorados até então e o conduzem ao sofrimento.

Nem a sociedade, nem o próprio Victor Frankenstein estavam preparados para receber e conviver com as consequências do trabalho por ele produzido. A perspectiva de vida e de comportamento das pessoas que viviam no momento histórico no qual o enredo se passa é transposto para a obra de forma singular. Questões subjetivas e incompreendidas pela maior parte das pessoas, que versam sobre as dificuldades enfrentadas pelos envolvidos no processo que Victor

¹ Rápida como a luz, e tão reconfortante quanto ela, foi a ideia que se revelou a mim. “Encontrei-a! o que me aterrorizou também aos outros aterrorizará; tudo que é preciso é descrever o espectro que veio me assombrar à meia-noite.” Na manhã seguinte anunciei ter enfim *pensado numa história*. Comecei naquele dia com as palavras “Foi numa lúgubre noite de novembro”, fazendo apenas uma transcrição dos sinistros horrores do sonho que tivera acordada (SHELLEY, 2012, p. 16).

empreendeu, direcionam o enredo. É sabido, ainda, que a ciência alcança cada vez mais espaço neste período. O status social também ganha novos contornos. Ao permear pelos sentimentos das pessoas e pela ânsia pelo domínio de posse, nota-se que o ser humano busca sua inserção no campo científico, explora os meios necessários para realizar suas atividades e não se constrange com o que se apresenta.

Vale destacar neste segmento, o que Serres reforça sobre o contrato social, importante para as relações humanas. As pessoas estabelecem contratos que regem a organização das diversas atividades desenvolvidas, e, para o autor, é importante que se estabeleça uma forma de organização das subjetividades. “A origem da ciência se parece muito com a das sociedades humanas: espécie de contrato social, o pacto de conhecimento controla mutuamente as expressões do saber” (1991, p. 33-34). O autor pondera ainda que, mesmo estando este contrato mais próximo do mundo, ele não é suficiente para que o indivíduo tenha uma postura de respeito para com o mesmo. Para Serres, o ser humano não reconhece que tudo o que há na natureza é importante, tem seu valor intrínseco e existe também para a sobrevivência de todos os demais seres e para a conservação e a continuidade da vida sobre a Terra. Ele não se reconhece como parte da natureza. Além disso, o filósofo coloca que “A ciência soma fato e direito: daí seu lugar hoje decisivo. Em situação de controlar ou de violentar o mundo mundial, os grupos científicos se preparam para governar o mundo mundano” (1991, p. 34). Esta é uma questão que coloca o indivíduo, guiado pela ganância e sede de poder, em uma posição de total hostilidade perante os demais seres.

É importante considerar ainda, as diferentes perspectivas acerca do comportamento humano, da sua psique e da relação do ser humano deste período também com seu passado medieval. A relevância da obra em questão para o cânone literário deve ser considerada, pois, além dos questionamentos sobre a vida e a morte para esse homem, a obra transpôs as barreiras de espaço e de tempo ao ser consagrada como um clássico e um dos primeiros grandes romances da história. Segundo Guimarães, “*Frankenstein* é um romance que nunca deixou de ser publicado ao longo destes quase duzentos anos e que aparece sempre, nas mais variadas edições, nos escaparates das livrarias” (2018c, p. 52). No texto de Guimarães, a consideração de Haining sobre a obra da jovem escritora britânica evidencia a importância da mesma ao esclarecer que o livro “É agora geralmente

visto, com muito boa razão, como o maior de todos os romances de histórias de horror e o mais influente do gênero” (HAINING, 2003: 3 *apud* GUIMARÃES, 2018c, p. 52). A fala de Haining retoma a força literária que confere à obra de Mary Shelley um lugar de destaque na história do romance e da literatura universal como um todo.

A jovem escritora da obra em estudo convivia com os principais representantes do Romantismo inglês, especialmente com Lord Byron e Percy Shelley, o que por si já revela algo do seu posicionamento com relação a sua forma de escrever. Segundo Jaqueline Bohn Donada, “It is undeniable that the period the Shelleys spent with Lord Byron impressed Mary Shelley to the point of imprinting clear, deep marks on her novel²” (2009, p.20). Os amigos que estavam reunidos na Villa Diodati, uma mansão na vila de Cologny, na Suíça, alugada por Lord Byron naquele histórico verão de 1816 possuíam em comum o apreço pela literatura, com destaque para o anfitrião que, na ocasião, era o nome mais influente neste âmbito.

O livro faz uma reflexão sobre o ser humano em toda sua potencialidade e fragilidade ao apresentá-lo com possibilidades de obter conhecimentos acerca da vida e da morte, atribuindo ao mesmo a percepção da possibilidade de criar vida em laboratório e imprimindo nele toda a complexidade dos sentimentos conflituosos que tal empreendimento poderia comportar. Segundo Elizabeth Kubler-Ross, “quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá” (1969, s/p.). A obra apresenta nitidamente o quanto Victor abomina a morte, a partir de quando perde sua mãe e passa a considerar a possibilidade de dominá-la. Para a autora,

Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo (KUBLER-ROSS, 1969, s/p).

² “É inegável que o período que os Shelleys passaram com Lord Byron impressionou Mary Shelley ao ponto de imprimir marcas claras e profundas em seu romance” (Tradução nossa).

A autora salienta que basicamente, a visão que as pessoas possuem acerca da morte não mudou. “A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis” (KUBLER-ROSS, 1969, s/p.). Em uma análise do psicológico humano, ela ressalta que a tendência do ser é se angustiar diante da impossibilidade de prevê-la e tentar se defender do medo da morte. Para isso, ele procura, de vários modos precaver-se contra ela. No caso da personagem central da obra de Mary Shelley, ele investe em conhecimentos tecnológicos e científicos em uma tentativa desesperada de evitar o inevitável. Ainda sob este aspecto, uma análise diferente e mais próxima das demandas contemporâneas sobre o conceito é o que Terry Eagleton afirma sobre a morte ao considerá-la a vitória final que “a natureza tem sobre a cultura”. Para Eagleton,

Culturalmente falando, a morte é quase ilimitadamente interpretável: como martírio, sacrifício ritual, alívio abençoado da agonia, libertação feliz de um longo sofrimento para um parente, fim natural biológico, união com o cosmos, símbolo da futilidade definitiva etc. Mas o fato é que ainda morremos, não importa que sentido damos a isso. A morte é o limite do discurso, não um produto dele. Ela é parte da natureza, que, nas palavras de Kate Soper, designa “aquelas estruturas e processos materiais que são independentes da atividade humana (no sentido de que não são um produto humanamente criado), e cujas forças e poderes causais são a condição necessária de toda prática humana” (EAGLETON, 2001, p. 128).

Ao retomar o alcance da obra, vale destacar que ela foi amplamente reeditada e, posteriormente, as descrições nela contidas, o enredo e os significados que possui foram transpostos para outros aportes midiáticos, ora apenas com as devidas adaptações, ora aproveitando-se tão somente do nome e do aspecto geral das personagens, com especial destaque para a criatura. Isto posto, é importante ressaltar ainda que as mais diversificadas produções derivadas do original trouxeram também as belíssimas paisagens inóspitas do ártico, com toda sua magnitude, bem como as imagens encantadoras dos diferentes lugares que perpassam a trama. É importante destacar que o ambiente natural descrito na obra se transformou com o passar dos anos, uma vez que a configuração da paisagem escolhida por Mary Shelley para o enredo, atualmente, é outra.

A natureza exuberante é minuciosamente descrita e valorizada em diversos materiais que vão desde o texto com ilustração aos mais distintos produtos culturais, provenientes das mídias impressas ou cinematográficas. De modo geral, é relevante destacar que as imagens produzidas no imaginário coletivo são, em grande parte, resultantes do que foi propagado pelas diferentes mídias nesses duzentos anos de publicação da obra. A exemplo disto destaca-se a figura do monstro que se perpetua a cada nova produção, com suas características físicas e psicológicas potencializadas ou esvaziadas de qualquer sentido do original, como em algumas histórias em quadrinhos que mantêm apenas a figura iconograficamente consagrada. É importante considerar que, para a maior parte das pessoas

o medo, o terror e o horror que esta obra suscita e provoca, hoje potenciados pela imagem hollywoodesca inesquecível de Boris Karloff³ no papel de monstro, fizeram com que entrasse de uma maneira indelével no imaginário popular a tal ponto que, quando falamos deste monstro, é essa imagem de Boris Karloff que surge (GUIMARÃES; ARAÚJO, 2018a, p. 73).

A articulação entre texto, imagem e som, garantiu, portanto, a disseminação da ideia que se tem popularizada de que todos conhecem (ou pensam conhecer) a obra de Mary Shelley. A obra foi amplamente divulgada, mas, de acordo com as considerações de Radu Florescu (1998) “Iguamente sem sentido seria uma lista de reimpressões e de edições estrangeiras, começando com a primeira edição francesa de 1821” (1998, p. 142). Segundo o autor “*Frankenstein* caiu hoje no domínio público, e seria inútil apresentar aqui suas várias edições populares, muitas das quais explorando a conhecida efígie de Boris Karloff na capa para aumentar as vendas” (1998, p. 142). Apesar de julgar desnecessário elencar tais dados, o pesquisador apresenta, em seus estudos, um breve panorama das publicações do romance uma vez que a obra foi amplamente traduzida para diversas línguas e, posteriormente, adaptadas para diferentes mídias. Logo, é importante reforçar que a intermedialidade favoreceu a disseminação da imagem tanto da criatura quanto do espaço no qual a trama ocorre.

³ Boris Karloff foi o ator que consagrou a figura da criatura do doutor Victor Frankenstein ao protagonizar o monstro na versão que celebrizou a obra no cinema em 1931, no filme *Frankenstein*.

Além disso, a relação entre a natureza e os sentimentos mais profundos das personagens estão intrinsecamente próximos. A visão romântica está amplamente presente no romance e nas inúmeras edições adaptadas disponíveis no mercado, de forma abrangente, muito embora alguns elementos desta história secular aparentam não ter sido explorados, nas diferentes adaptações, com a mesma preocupação imagética que a personagem icônica de Mary Shelley.

De acordo com Denise Guimarães (2012) “[...] cada adaptação tem “vida própria” (2012, p. 64). Segundo a autora, ao entrarmos em contato e conhecer “o texto anterior, haverá sempre uma constante oscilação em nossa comparação latente entre ele e a nova adaptação; se não conhecemos o trabalho que foi adaptado, não vamos apreciá-lo como uma adaptação” (2012, p. 64). A forma como o romance foi retratado no filme *Frankenstein*, de 1931, por exemplo, exemplifica essa nova imagem estabelecida do monstro que foi propagada mundialmente. Tais publicações colocaram a obra ao alcance de inúmeras pessoas, nos mais diferentes lugares do mundo, o que demonstra o quanto as temáticas desenvolvidas na obra são de interesse do ser humano, não importa sua nacionalidade, genealogia ou cultura.

A obra *Frankenstein: as muitas faces de um monstro*, por exemplo, de Susan Tyler Hitchcock, apresenta o romance, recontado nos mais diversificados contextos e períodos. Ao discorrer sobre a figura icônica perpetuada por Karloff, a autora considera que “Esse retrato teve uma influência tão ampla e poderosa que a partir daí as representações da história passaram a depender dele, espelhar-se nele ou efetivamente defender-se contra associações referentes a ele” (2010, p. 148-149). Os detalhes, elencados por Hitchcock, revelam a imagem tão amplamente divulgada como os detalhes do rosto e explica que as “faces encovadas, a cabeça quadrada no alto e os parafusos no pescoço criados pelo maquiador artístico Jack Pierce para Boris Karloff passaram a representar o monstro de Frankenstein perante todo mundo” (2010, p. 149). Ela salienta que isto ocorre até mesmo entre os que desconheciam o nome Mary Shelley. E justifica dizendo que “o monstro era o melhor de todos os tempos, era o pior de todos os tempos” (2010, p.149). A consideração de Hitchcock revela a força literária do texto.

Curiosidades, portanto, acerca de *Frankenstein* são inúmeras e, de modo geral, apontam para os problemas decorrentes de atitudes que distorcem o que poderia ser considerado como o curso natural da vida sobre a Terra. É o caso, por

exemplo, do episódio, mencionado por Florescu, no qual a obra literária ganha novos contornos ao afetar substancialmente o comportamento de um grupo de soldados com vistas a impor sua força perante seus adversários. O autor apresenta uma situação na qual é perceptível a observação do esforço dos seres humanos na busca por suplantar outros homens. Segundo a narrativa, é presumível que a organização sem fins lucrativos Armed Service, Inc., de Nova York, ao colocar o livro à disposição de seus homens “acreditasse que a leitura de *Frankenstein* poderia galvanizar o ímpeto dos soldados contra seus adversários alemães, a serem identificados com o monstro de *Frankenstein*” (1998, p. 142). O trecho citado é apenas um dos inúmeros exemplos de atitudes, de reflexões e de comportamentos que a história influenciou, com destaque para o desejo de poder a qualquer custo que coloca uns em detrimento de outros.

Fato é que o prefixo FRANKEN passou a ser utilizado em um variado espectro de situações, caso conhecido é a aplicação do termo *Frankenfoods*. Ele foi muito utilizado na década de 1990 para se referir a alimentos modificados, o que também foi e continua sendo um assunto amplamente debatido, sobretudo por aqueles que se preocupam com as consequências invasivas destes alimentos para a integridade da saúde das pessoas, dos animais e do próprio meio ambiente, tal qual, na história original a ação invasiva e imprevista do monstro era objeto de preocupação da parte das personagens. “You do not need to cite *Frankenstein* to refer to ‘Frankenfoods’, which is how many began to talk about genetically modified crops in the 1990s”⁴ (MORTON, 2016. p. 143-144). É possível perceber, neste sentido, a dimensão da atitude humana frente à possibilidade de produzir elementos que possam satisfazer suas necessidades e anseios, independentemente do quanto isso seja prejudicial tanto ao meio quanto aos homens e demais seres.

O emprego do termo revela o fascínio que a obra representa no imaginário coletivo ao longo dos séculos. E as derivações são diversas. “Até hoje as criações linguísticas continuam a se multiplicar: “Frankencorn” [milho], “Frankenwheat” [trigo], “Frankencotton” [algodão] e até mesmo “Frankentrees” [árvores]” (HITCHCOCK, 2010, p. 309), termos que sempre se referem receosamente a organismos vegetais geneticamente modificados. Segundo a autora, os termos são hibridismos

⁴ Você não precisa citar *Frankenstein* para se referir a “Frankenfoods”, que é como muitos começaram a falar sobre culturas geneticamente modificadas na década de 1990.

semelhantes ao ícone do qual são derivados. Hitchcock chama a atenção para a conotação que tais termos revelam uma vez que julgamentos éticos estão incutidos nas expressões utilizadas.

Tais julgamentos vinculam-se diretamente com as questões que mais se relacionam com os estudos ecocríticos. Ao mencionar cada expressão que denomina cada novo produto elaborado de forma híbrida, Hitchcock considera a complexidade que a formação das novas palavras representa, ao utilizar *Franken* como prefixo, em um sentido mais amplo. A autora aproxima os sentidos dos novos termos com a ideia de configuração da figura da criatura de Victor Frankenstein, também produzida de forma híbrida, o que, segundo ela, se constituiu como um problema. Para Hitchcock, o morfema “Franken” adquiriu um caráter pejorativo, uma vez que, na questão dos alimentos, são uma mistura, um hibridismo forçado e perigoso. Segundo a autora,

este é um produto criado por humanos; este produto ameaça não só a raça humana como também toda a biosfera; sua própria existência desafia as leis da natureza; esse é o resultado da arrogância moderna e da cobiça corporativa, além de ser um símbolo do triunfo do intelecto, da tecnologia e da motivação pelos lucros sobre o coração e a alma, o amor e a compaixão, o bom senso e a dedicação à humanidade (HITCHCOCK, 2010, p. 310).

As referências não param por aí. *Frankenstein* extrapolou os muros da literatura e se embrenhou pelos mais singulares campos sociais, dada sua multiplicidade temática e possibilidades de leitura. Vale ressaltar que o que prevalece nesta análise, são questões passíveis de discutir a partir do conceito das três ecologias preconizadas por Guattari: as ecologias psíquica, social e ambiental, a serem abordadas posteriormente.

Além das discussões já elencadas, Guimarães e Araújo (2018a) retomam um amplo questionamento acerca do romance em estudo “(é um romance gótico? literatura fantástica? um romance romântico? obra pioneira de ficção científica? literatura do horror?)” (2018a, p. 73). Responder a tais indagações parece ser uma tentativa de muitos estudiosos no decorrer dos séculos. Os autores salientam que a leitura do romance de Mary Shelley não é uma tarefa fácil, pois a mesma “escapa aos padrões literários estabelecidos”. Como toda grande obra, eles constatam ainda

que a mesma “se presta a numerosas leituras e interpretações desde a crítica literária, à leitura política, filosófica, sociológica, educativa, psicanalítica, marxista, feminista, científica, mitológica, ecológica e até vegetariana” (2018a, p. 73). Com tamanha diversidade de aspectos possíveis de se discutir a partir da obra, estudiosos e leitores de modo geral têm em *Frankenstein* um rico material para análise.

Outra questão importante a ser discutida é sobre o papel da criatura na obra, uma vez que ela é, ainda, confundida com seu criador: ao mencionar “Frankenstein”, é comum às pessoas remeterem a ela ao invés do cientista. “Não à toa a criatura será chamada pelo mesmo nome do criador; mais: usurpará seu nome, ao menos no imaginário popular, em que Frankenstein batiza a criatura e não o criador” (ALMEIDA, 2018, p.167). Neste sentido, popularizou-se o que o senso comum acredita ser Frankenstein: o ser monstruoso em vez de seu criador. “Isto é, o anónimo monstro acabou por se tornar mais conhecido e famoso que o seu criador e estes dois mais famosos e conhecidos que a jovem inglesa que os criou” (GUIMARÃES; ARAÚJO, 2018a, p. 73). Tal constatação é bastante comum com diversos clássicos da literatura, como, por exemplo, Dom Quixote que, poucos leram, mas que todos acreditam conhecer. O projeto dramático Criador *versus* Criatura será, portanto, também considerado.

E, como complemento de tal constatação, Geraldo Galvão Ferraz (2012), na apresentação da edição pela editora Ática afirma que “Frankenstein, claro, não é o monstro, mas seu criador, o jovem médico que ousou desafiar aquele velho ditado latino: “A ninguém é permitido imitar os deuses”” (2012, p. 7). Vale ressaltar que Prometeu, o mito⁵ resgatado no subtítulo do romance, já havia tentado imitar, sem sucesso, os deuses, reforçando o ponto de vista sinalizado por Ferraz.

⁵ Quando se fala em mito, é preciso ressaltar que Frankenstein não é um mito como os clássicos. Ele pode ser comparado aos mitos, devido à proximidade de significação que ganha no contexto no qual se insere. Frankenstein representa, portanto, em seu contexto, o que os mitos representavam para o contexto do qual faziam parte.

2.1 O mito de prometeu

Had I a right, for my own benefit, to inflict this curse upon everlasting generations⁶ (SHELLEY, 2003, p. 171)?

Ao se falar sobre *Frankenstein*, ou o *Prometeu moderno*, diversos questionamentos e opiniões são elencadas. Um dos assuntos de interesse de grande parte dos estudiosos da obra de Mary Shelley é com relação ao personagem literário Prometeu. Klaus Eggensperger (2017), ao discutir as figuras de Prometeu, de Fausto e de Frankenstein, destaca a questão do mito ao afirmar que, embora existente “nas literaturas europeias desde a antiguidade greco-romana, o mito perdeu influência com a preponderância do cristianismo, mas nunca caiu em esquecimento” (2017, p. 139). A representação dos mitos continua, em certa medida, presente nas grandes obras literárias de todos os tempos. O autor aponta ainda que,

Quando, a partir do renascimento, começou o declínio do garante ideológico da ordem feudal, da igreja católica, a temática prometeica ganhou novamente espaço, especialmente mais tarde com a ascensão do Iluminismo e a renovação do humanismo clássico, movimentos culturais responsáveis pela mudança de uma cosmovisão teocêntrica para um mundo antropocêntrico (EGGENSPERGER, 2017, p. 139).

Diferentes são as obras que se valem do mito de Prometeu, que se tornou ícone durante o Romantismo. Ele aparece em *Teogonia*, uma obra poética escrita por Hesíodo, (cerca de VIII a.C.); na peça de Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, três séculos mais tarde, entre 456 a 525 a.C.; ganha destaque em *Ode to Prometheus*, de Lord Byron (1816) e no poema *Prometheus Unbound*, (1820) de Percy Shelley, esposo e grande influenciador da escritora de *Frankenstein*, dentre outras. Nas diferentes obras nas quais ele é representado, ganha contornos diferenciados. Eggensperger demonstra a flexibilidade deste mito sobre a cultura humana, ao afirmar que “dependendo do relato, Prometeu pode ser rebelo (rebelde), traidor, herói da humanidade ou protetor da cultura” (2017, p. 137-138). Quando entendido

⁶ Teria eu o direito, só para meu próprio bem, de infligir tamanha e perpétua maldição para gerações futuras (SHELLEY, 2012, p. 184)?

como protetor da cultura, automaticamente está posto como opositor da natureza, considerando o binômio “cultura versus natureza”. Isto posto, é primordial compreender que há diversas possibilidades para a compreensão da figura prometeica em diferentes textos.

Ao percorrer, em linhas gerais, diferentes considerações acerca do mito de Prometeu, Eggensperger apresenta uma importante análise para este mito a partir da obra *Fausto: uma tragédia*, de Goethe. Para o autor, “Não se trata, em Goethe, de astúcia ou de roubo por parte do titã, mas de uma revolta aberta contra a autoridade divina tradicional que aparentemente dissipou há muito tempo seu poder de ordenar” (2017, p. 140). O ser humano passa a se sentir em condições de decidir e de atuar em campos antes inquestionáveis. O conhecimento é evidenciado, mas, junto com ele, há consequências para as quais as pessoas podem não estar preparadas. De acordo com Eggensperger,

A figura de Fausto está vinculada a uma tradição antiga que condena os perigos do saber. Tanto a mitologia judaico-cristã (lembramos da árvore do conhecimento referida no *Gênesis*) quanto os mitos gregos (ali especificamente a caixa de Pandora, muito ligado a Prometeu) advertem contra os males que o conhecimento traz consigo (EGGENSPERGER, 2017, p. 140).

Com relação ao romance *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, é fundamental considerar que Prometeu é também uma figura importante para o desenvolvimento da obra da jovem escritora. A figura prometeica perpassa a narrativa com especial destaque nas atitudes de Victor Frankenstein, que, ao se dedicar à pesquisa e ao considerar a possibilidade de criação de um novo ser, o aproxima, também, da personagem do escritor alemão que se vale da figura prometeica. No entanto, ao comparar as produções de Goethe e de Mary Shelley, por exemplo, Eggensperger afirma que

Goethe encenou as ocorrências em torno do seu Homúnculo como um jogo estético-intelectual sério, em versos serenos e alegres, ao passo que Mary Shelley elaborou um romance gótico-romântico na tradição setecentista, fazendo uso de uma prosa que combina o romanesco com o realismo burguês, mistura o romance epistolar com o diário, tudo narrado em

primeira pessoa por três figuras literárias diferentes (EGGENSPERGER, 2017, p. 148).

Inúmeras são as pesquisas e as referências acerca do mito em discussão. Alessandro Yuri Alegrette, em sua dissertação *Frankenstein: uma releitura do mito de criação*, se refere ao jovem Goethe, em *Prometheus*, fragmento dramático escrito em 1773. Alegrette reforça que, em um novo prisma, o drama apresenta Prometeu como fundador de uma sociedade mais justa. Ele ensina aos homens sobre o amor e os instrui acerca de seus sentimentos e de sua própria condição humana, abordando questões sobre violência e guerras de conquista e se posiciona contra as mesmas. A considerar essa lógica, podemos pensar que Victor, como “prometeu moderno” é, na verdade, um anti-prometeu. Além disso, segundo o autor, Prometeu representa o poder criativo do artista que pode dar vida a qualquer coisa. “Dessa forma, Goethe utiliza-se do mito de Prometeu para exaltar a imaginação e a criatividade dos autores românticos” (2010, p. 50). De acordo com uma das versões mais populares, Prometeu é primo de Zeus, senhor do Olimpo e pertence, portanto, à raça dos titãs. Sob o prisma desta narrativa mítica, o líder dos deuses estava prestes a derrotar monstros e também seus semelhantes em um importante enfrentamento quando Prometeu, a partir do limo da terra, cria a raça humana e torna-se o grande benfeitor da humanidade.

Ao retomar Prometeu no texto de Mary Shelley, é importante considerar a obra *Frankenstein: mito e filosofia* (1991), de Jean-Jacques Lecercle (1991). O texto de Lecercle apresenta diversas correntes de pensamento que estão presentes tanto na obra de Mary Shelley quanto no universo literário ao qual ela pertencia. Diante das mais diferentes nuances que envolvem o livro, a questão do mito é amplamente discutida. O autor questiona a proximidade que pode compreender entre Victor Frankenstein e a figura do mito. “Se Frankenstein é um mito, surgem imediatamente duas questões. De que mito se trata? E que concepção do mito é necessária para justificar o que é também um romance filosófico?” (1991, p. 20). Para este autor, “o mito pertinente talvez seja o de Prometeu. É o que o livro nos diz, o que traz como título *Frankenstein, ou o moderno Prometeu*. Mas, ainda que explícita, esta referência é curiosa. Ela faz de Victor uma figura de Prometeu” (1991, p. 21-22), uma vez que ele buscava elementos que pudessem garantir a supremacia humana sobre os demais seres.

Essa supremacia é o que possivelmente explica o teor da obra de Mary Shelley. De acordo com o Lecercle “Frankenstein é punido por sua *hubris*, por ter desobedecido às ordens divinas, ameaçado a ordem do cosmos, e o monstro é o equivalente da águia ou do abutre que atormentam Prometeu” (1991, p. 21-22). O reencontro entre criador e criatura na geleira de Montanvert revela, no entanto, uma analogia que, segundo Lecercle “para aí”, o que remete à consideração de que o termo mito, ao ser utilizado em *Frankenstein*, não tem a mesma conotação que os mitos clássicos.

É possível apontar que um dos motivos pelos quais as obras literárias, com especial destaque para as que se inserem no Romantismo, se valem da presença do mito, pode ser explicado pelo fato de os mesmos ganharem força por abordar tanto as teorias científicas quanto as questões que se relacionam a ideais filosóficos. Neste sentido, eles também podem simbolizar as contradições da natureza humana, o desenvolvimento pelo qual passa as sociedades bem como as angústias, os anseios, as limitações e os conflitos dos homens. Para Alegrette,

Também foi neste período, conforme demonstrado, que dentre eles, o mito de Prometeu tornou-se o preferido entre os autores românticos, pois na visão deles representava a revolta contra a opressão e tirania de uma autoridade superior, e ao mesmo tempo remetia ao progresso da ciência e da civilização. (ALEGRETTE, 2010, p. 91-92)

Frankenstein representa, portanto, em seu contexto, como explicitado anteriormente, o que os mitos clássicos representavam para o contexto do qual faziam parte. Compreender as alusões históricas e sociais, as manifestações da interferência tecnológica, científica ou mesmo o levantamento de questionamentos éticos, permeados pela complexidade que envolve o humano no planeta se faz importante para que o leitor menos atento não se confunda.

Para além da figura prometeica, outra questão importante a ser destacada neste momento, é o fato de que, tanto Victor Frankenstein quanto sua criatura, se perdem diante das possibilidades a eles apresentadas e as personagens ganham novos contornos no decorrer da narrativa. O conflito existente entre os dois exerce neles uma proximidade tão profunda que passam a compartilhar do mesmo desejo. Há uma espécie de fusão aqui, na qual os anseios se cruzam em um objetivo

comum. Segundo Araújo e Guimarães (2018b), “é verdade que, no decorrer da narrativa e quanto mais nos aproximamos do final do romance, os dois, Victor e criatura, tenderão a confundirem-se e a fundirem-se” (2018b, p. 89) e salientam ainda que “cada um deles terá como objetivo último e última razão de vida (e de morte) a destruição do outro”⁷ (2018b, p. 89). O entrelaçamento entre eles revela a necessidade de uma reflexão mais acentuada com relação ao papel que esse duplo romântico exerce na constituição do enredo e na progressão dos acontecimentos.

É importante refletir também sobre a importância de se compreender que o ser elaborado por Victor, que originalmente não recebe um nome, é reconhecido pelo nome de seu criador. No entanto, Araújo e Guimarães, afirmam que isto “deveria também lembrar-nos que recentrar as nossas reflexões no criador e não na criatura, não só faz sentido como respeita o título do próprio romance” (2018b, p. 89), o que muito é esquecido quando se tem contato com a obra, de modo especial nas inúmeras adaptações existentes nas quais a figura da mesma ganha destaque e a do cientista é minimizada.

Outros temas perpassam a obra. Ao discorrer sobre os demais questionamentos que surgem ao leitor de *Frankenstein*, Hitchcock (2010), reflete sobre as diversas leituras que a obra pode proporcionar, com as mais variadas temáticas que podem surgir a partir do enredo e a considera “um caleidoscópio no qual os vetores morais mudam de acordo com a perspectiva da qual se olha” (2010, p. 17). Para ela, a história equilibra “perspectivas contraditórias da natureza humana dentro de uma história” (2010, p. 18). E são diversos os aspectos contrastantes encontrados no romance. A complexidade dos elementos que constituem a narrativa revela duas importantes perspectivas ao leitor.

De acordo com Hitchcock, é importante destacar que “Frankenstein, o personagem central, é tanto herói quanto pecador; a sua criação é tanto feito grandioso quanto um crime hediondo” (2010, p.18). Importante ressaltar que isso é a base da constituição do herói trágico: ele é um “culpado-inocente”. Ao mencionar o paradoxo, a autora declara ainda que é a partir dele que Mary Shelley conseguiu

⁷ Em exemplificação, a respeito disso, há a uma interessante fala de Ahasverus (o judeu errante) no conto “Viver!”, de Machado de Assis. Ele diz a Prometeu:

“— Sim, foi o teu crime, artífice do inferno; foi o teu crime inexplicável. Aqui devias ter ficado por todos os tempos, agrilhado e devorado, tu, origem dos males que me afligiram. Careci de piedade, é certo; mas tu, que me trouxeste à existência, divindade perversa, foste a causa original de tudo”.

Aqui o ser humano, como criatura de Prometeu, o acusa de ser origem de todos os seus males, como se um pai fosse o responsável pela miséria dos filhos (tema caro a Machado).

imprimir o valor que a obra engloba, o que fez com que o romance se tornasse um símbolo universal disseminado em todo o mundo. Os diferentes ângulos possibilitados pelo texto de Shelley se constituem em tema de inúmeras pesquisas. A obra da jovem escritora britânica oferece ao mundo uma gama de assuntos que fazem com que o enredo não se esgote em si mesmo.

3. IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS, ASPECTOS DO CONTEXTO ROMÂNTICO E A ECOCRÍTICA EM *FRANKENSTEIN*

Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas (GUATTARI, 1990, p. 52).

O momento histórico no qual o enredo da obra de Mary Shelley está inserido é extremamente importante para que se possa compreender como o contexto interferiu na representação dos pensamentos e das atitudes das personagens da trama, evidenciadas nesta pesquisa. É um período marcado por grande pobreza material das classes mais baixas, pela precariedade do início da Revolução Industrial, com uma medicina ainda frágil quanto ao desenvolvimento de pesquisas e de aparatos tecnológicos que pudessem auxiliar os homens em suas tarefas mais sofisticadas com o intuito de elucidar os problemas de saúde e pela condição simples das pessoas que não tinham ainda acesso aos recursos científicos e tecnológicos que se imagina quando se fala em Revolução Industrial. No entanto, a partir desse momento, passa a surgir uma forte influência da ciência e das inovações tecnológicas, a ideia de progresso ganha destaque, o desenvolvimento sócio econômico e cultural é visto como uma possibilidade iminente, além das inúmeras oportunidades de descobrimentos e de criações.

Victor Frankenstein, supõe que seja possível realizar seu objetivo maior, que é vencer a morte. De acordo com Coli, “Na virada do século 18 para o 19, há um deslocamento do lugar onde se encontra o humano. Surge uma nova configuração, onde o olhar do homem sobre o homem não é mais sobre si, mas sobre uma coisa” (2002, s/p.). Ele passa a acreditar em seu potencial investigativo e criador, uma vez que os recursos tecnológicos e científicos que surgem fazem com que ele se sinta apto a realizar o que antes era improvável.

Ao abandonar o pensamento medieval, as pessoas se posicionam enquanto cidadãos e consideram sua capacidade de atuar na sociedade, ao produzir, questionar e interferir no meio. Elas sentem-se no controle das coisas e passam a escolher os caminhos que acreditam ser importantes para sua vida e para modificar o seu próprio destino. A investigação à que o mundo natural foi exposto colocou os humanos em um lugar de superioridade perante os demais seres e o desejo de suplantar a natureza o levou à exploração indiscriminada dos elementos naturais. Em consonância com o exposto, Isilda Melo Seabra Alves (2000) complementa que “Com o acréscimo da revolução industrial e o progresso científico, o homem sente ainda mais vontade de dominar a Natureza. Surge-nos, assim a exploração humana e animal em nome do progresso científico” (2000, p. 90). A ciência começa então, a ter seu espaço e valor reconhecidos na sociedade e, embora seja observada com ceticismo por algumas pessoas, por outras, é vista como panaceia da humanidade. O mundo passa, portanto, a se constituir de um significativo objeto de investigação, de análise e de modificação com vistas a atender as necessidades das pessoas.

O sentimento antropocêntrico de superioridade do humano perante os demais seres oportuniza ao mesmo o pensamento de senhor das coisas. Os desenvolvimentos da Ciência no século XVIII e o pensamento Antropocêntrico potencializaram esse pensamento, mas, vale ressaltar que ele é muito anterior, autorizado pelas escrituras sagradas do judeu-cristianismo. A humanidade se sente poderosa e acredita que o controle da natureza está em suas mãos e que pode fazer o que lhe aprouver. Não há, nesse sujeito, o conhecimento acerca da relação do ser humano com o meio sob o prisma da Ecocrítica (por ser uma teoria posterior), tampouco acerca do equilíbrio entre as três ecologias, ideia que viria a ser desenvolvida séculos depois por Félix Guattari. O ser humano em estudo está colocado no polo da cultura e do capitalismo. As questões, hoje emergentes, que estão relacionadas à preservação do meio ambiente e à manutenção da vida sobre a Terra são posteriores a esse momento e não faziam parte ainda, de suas concepções. Ao avançar um pouco mais na história, é possível considerar, entretanto, que todo o desenvolvimento histórico vivido pelos humanos reflete em suas ações perante a sociedade e o meio no qual estão inseridos.

Compreender um pouco do Romantismo é importante para entender os comportamentos e o posicionamento das personagens em destaque. No entanto, não é intuito desta pesquisa o aprofundamento do período literário em si. “O

romantismo é de fato “pura afirmação da identidade”, que não pode fixar-se em nenhuma orientação precisa” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 23). Não há, nesta pesquisa, a intenção de defini-lo, haja vista que a complexidade de configuração do mesmo é matéria de pesquisas de inúmeros teóricos e o mesmo é abordado sob diversos aspectos. Por mais que se procure definir, é complexo explicar a natureza do mesmo. Além disso, Löwy e Sayre observam “uma lacuna importante: não existe uma análise global do fenômeno que leve em conta toda a verdadeira extensão e toda a sua multiplicidade” (2015, p. 34). Entretanto, algumas questões sobre o Romantismo serão consideradas para a análise a que se propõe este trabalho haja vista sua importância para a compreensão da obra analisada.

3.1 Contextualização histórica: as revoluções e suas implicações na constituição das personagens e no desenvolvimento do enredo

Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa (HOBBSAWN, 2004, p. 83).

Frankenstein ou o Prometeu moderno, de Mary Shelley é fruto de um período marcado pelo início da Revolução Científica, pela Revolução Francesa e pelas inovações da Revolução Industrial. Os acontecimentos históricos que antecederam a publicação da obra são relevantes para entendê-la no contexto no qual está inserida, uma vez que o período literário no qual a obra se estabelece está imbricado nessa conjuntura. Sabe-se que o Romantismo, na qualidade de movimento histórico, surgiu na Alemanha e na Inglaterra, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Para além da preocupação em delimitar uma data para o movimento, é importante considerar que o “fenômeno artístico-literário do romantismo está intimamente relacionado com o desenvolvimento sociocultural pelo qual passou a Europa durante a segunda metade do século XVIII” (D’ONOFRIO, 2007, p. 327). Para tentar circunscrever o movimento seria imperativo abarcar, portanto, questões históricas, políticas e econômicas que envolvem as condições sociais, além de analisar as ideias filosóficas e também a sequência dos estilos

literários que o precederam, o que não será passível de acontecer de forma abrangente devido à configuração do objeto de pesquisa proposto aqui.

No entanto, algumas reflexões se farão necessárias neste estudo e será possível dialogar, em certa medida, com tais elementos. O historiador britânico Eric Hobsbawm reforça que “A era revolucionária, portanto, fez crescer o número de cientistas e eruditos e estendeu a ciência em todos os seus aspectos” (HOBSBAWM, 2004, p. 386-387). Ao ampliar o contingente de estudiosos, as possibilidades de desenvolvimento tecnológico-científico e, conseqüentemente, social, se firmam. Além disso, o autor acrescenta que esta era observou outras direções nas quais o universo geográfico se expandiu ao considerar o progresso tanto do comércio quanto o processo de exploração que, segundo o autor, possibilitaram a abertura de novos horizontes do mundo ao estudo científico. O pensamento sobre as pesquisas científicas também foi, de acordo com o historiador, estimulado. A obra em análise, que foi produzida no seio do século XIX experimentou, por consequência, todas as influências tecnológicas e científicas disponíveis na época que imprimiram no ser humano desse período um caráter de contradição e conflito diante das possibilidades que a ele eram apresentadas.

Outra questão importante é sobre a visão que se tem acerca do corpo humano que também é conflituosa se comparada à de outras épocas. À pessoa desse período é apresentada a possibilidade de mudança na realidade circundante. Com elementos antes inaceitáveis, a humanidade conta agora com possibilidades quase que ilimitadas, utilizando o próprio corpo como elemento de pesquisa e de experimentação. Segundo Coli, “O homem objetiva-se a si mesmo, no sentido de que se dispõe, como objeto, para um sujeito que conhece. Objeto de si, seu corpo se evidencia, apresenta-se enquanto corpo apenas, disposto para a ciência ou para a arte” (2002, s/p). No entanto, apesar de se encontrar imerso em um novo mundo, de possibilidades ímpares, a contradição marca a filosofia de vida do homem romântico que se vê imerso em uma atmosfera de oposição e de contraste de valores. O ser humano questiona, luta, investiga e produz. Há uma projeção utópica que o move a criar segundo sua criatividade e imaginação. A visão deste mundo de beleza, por vezes criado em sua imaginação promove no homem romântico a sensação conflituosa que existe entre o que se considera como o ideal inacessível e a realidade efetiva.

Neste ínterim, “procura-se ou a fuga na solidão e na morte ou a luta para modificar a realidade, ou um suave lirismo ou uma amarga ironia, ou a simplicidade popular ou um refinado individualismo” (D’ONOFRIO, 2007, p. 329). São essas as principais questões que permeiam a literatura romântica, em especial a obra de Mary Shelley. Sua personagem central, representada na figura do cientista Victor Frankenstein, carrega, em sua trajetória no enredo, as marcas profundas do caráter subversivo e individualista de quem deseja a qualquer custo mudar a realidade na qual se encontra. Além disso, a ligação da obra com a tradição romântica não pode deixar de considerar os avanços advindos das ciências naturais. Para Santos,

A fronteira que então se estabelece entre o estudo do ser humano e o estudo da natureza não deixa de ser prisioneira do reconhecimento da prioridade cognitiva das ciências naturais, pois, se, por um lado, se recusam os condicionantes biológicos do comportamento humano, pelo outro usam-se argumentos biológicos para fixar a especificidade do ser humano (SANTOS, 2010, p. 4).

Têm-se assim uma reafirmação do lugar das ciências naturais. Tais estudos se configuravam como elementos indispensáveis para o progresso das pesquisas e para o desenvolvimento das sociedades. A partir daí muitas outras pesquisas já foram desenvolvidas. Na atualidade, a ecocrítica possui os elementos necessários para analisar e avaliar este progresso e refletir com o intuito de compreender aspectos da vida humana que perpassam a teoria no que tange ao papel do humano sobre a Terra. Para exemplificar brevemente o que será posteriormente detalhado neste estudo, toma-se uma passagem no romance na qual o termo “centelha” é mencionado.

Considerado neste estudo um elemento natural importante para as análises da postura de Victor diante das possibilidades de seu feito, ao ser apresentado pelo cientista, no decorrer da narrativa, possui uma conotação voltada para as pesquisas alquímicas estudados por ele. “With an anxiety that almost amounted to agony, I collected the instruments of life around me, that I might infuse a spark of being into the lifeless thing that lay at my feet”⁸ (SHELLEY, 2003, p. 58). Além disso, para além

⁸ Com uma ansiedade muito próxima da agonia reuni os instrumentos da vida em torno de mim, com os quais infundir uma centelha de vida à coisa inerte que jazia a meus pés (SHELLEY, 2012, p. 65).

do símbolo alquímico, “centelha” também remete ao “sopro” da vida bíblico, outra importante referência a ser considerada.

Apesar da oposição entre a ciência racionalista e a dos alquimistas, elas se complementam na formação dos conceitos dos quais Victor se vale para a concretização de seu trabalho. Ao se referir ao termo, Lecercle (1991) explicita que “[...] a metáfora da “centelha” remete a um discurso científico. A história de Victor recapitula a da química” (1991, p. 43). O autor, então, retoma o momento em que Victor entra em contato com as obras de Paracelso e Cornélio Agrippa, para confirmar que é a partir da visão que ele tem da árvore atingida por um raio, que ele encontra a inspiração acerca da eletricidade, o que faz com que o cientista se desvie dos autores cujas teorias estavam então ultrapassadas. Analisar a postura de Victor diante das especificidades de suas pesquisas em Ingolstadt, se faz necessário para compreender o teor de seu empreendimento.

O autor revela que, ao dar prosseguimento aos estudos de química, Victor frequenta ossários não com o intuito de “evocar a alma dos mortos”, mas com o desejo de “observar a decomposição dos tecidos”, o que, segundo ele, era uma atividade duvidosa que cheirava a magia, uma vez que “em Victor, a química emerge da alquimia, mas repelindo-a” (LECERCLE, 1991, p. 43). O filósofo afirma ainda, que tal descoberta possibilitou ao cientista compreender um pouco mais sobre o segredo alquímico por excelência, que, em sua observação, está intrinsecamente ligado ao segredo da vida. Diante do exposto, depreende-se que Victor demonstrava então seu destemor e seu espírito investigativo. A atividade empreendida por ele com base em tais preceitos era, ao mesmo tempo

Curiosa – e contraditória – mistura, que faz coexistir no estudioso que é Victor os sonhos mais arcaicos e a ciência mais moderna. Pois o começo do século XIX é a era da eletroquímica: descoberta da eletricidade animal por Galvani, da corrente elétrica por Volta e da invenção por ele da pilha que leva o seu nome, desenvolvimento desta pilha, por *sir* Humphrey Davy, o que lhe permite isolar novos metais, o sódio e o potássio. A eletroquímica é a ciência da ponta (LECERCLE, 1991, p. 43).

A exploração de diferentes elementos naturais revela o posicionamento do homem da época, com seu interesse por descobrir os segredos das coisas e da vida

e pela ânsia de dominar a natureza em diferentes esferas. Esse anseio representado especialmente por Victor, mas também pelo capitão Walton, era a aspiração iminente, por que não dizer, de toda uma sociedade que estava deslumbrada com as possibilidades que se apresentavam. O mesmo se pode aludir à jovem escritora deste clássico da literatura. Há estudos que elencam, inclusive, curiosidades acerca do interesse que Shelley também possuía por tais questões. Por este motivo, possivelmente, ela consegue concatenar teorias tão distintas para a composição das atividades desenvolvidas pelo cientista. De acordo com Lecercle (1991)

[...] o diário de Mary Shelley mostra que ela lia *sir* Humphrey Davy e as paredes e tapetes do escritório de Shelley em Oxford traziam marcas de experiências elétricas que apavoravam a zeladora e punham um amador tão curioso em risco de ser acusado de bruxaria. Eis que aparece Victor: uma mistura de Shelley adolescente e de *sir* Humphrey Davy (LECERCLE, 1991, p. 43).

Todas as experiências alquímicas, então ultrapassadas, e toda a conotação científica e tecnológica em evolução marcaram o período e produziram no imaginário da autora, a possibilidade de circular por questões pertinentes ao que estava acontecendo na época enquanto reflexo de uma sociedade que passava por momentos turbulentos. Segundo Lecercle (1991) “[...] se Victor Frankenstein criou um monstro é porque sua criatura tinha por pai um monstro sedento de sangue como todos os revolucionários” (1991, p. 62). Os sentidos possibilitados pela obra são inúmeros. O cientista e demais personagens e situações podem ser analisados sob diferentes aspectos. As atividades desenvolvidas pelas personagens na trama revelam o quanto o período, com suas inovações, foi complexo e marcado pela imaginação e pelo subjetivismo. Não se pode deixar de verificar que também fizeram parte do rol de princípios existentes neste íterim, o culto às fortes emoções, o interesse pela natureza como elemento de investigação e de experimentação, a imaginação, o mal do século, dentre outros igualmente importantes.

Ao homem romântico, é permitido, portanto, inovar, desenvolver pesquisas e experimentos, criar coisas e, por que não, especular sobre o segredo da vida, algo antes inquestionável perante o teocentrismo medieval. Para Berman (1986) é com as reverberações da Revolução Francesa que surge dramática e abruptamente um

novo público, maior e mais moderno que possui em comum o mesmo sentimento de viver nessa era revolucionária que mudou drasticamente o panorama social, político e, conseqüentemente, transformou o cenário da vida das pessoas desse período. Conforme o autor, embora toda essa mudança estivesse em evidência, “o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro” (1986, p. 16). Tais questões podem, ainda, ser reportadas à autora britânica, bem como à obra em análise, ao deixar transparecer em sua narrativa, as influências que o contato com os românticos da época imprimiu em sua escrita, o que faz com que *Frankenstein* seja um romance representativo deste momento de emergência de ciência e de tecnologia e que questiona os limites éticos e práticos de tais avanços.

O capitalismo modificou a vida dos homens do século XIX. São influências que também impulsionaram a escritora, mas embora isso possa ser dito, é notório afirmar que Mary Shelley possuía uma capacidade imaginativa considerável e um estilo e intenções próprias ao escrever. Os críticos literários de todos os tempos discutem amplamente sobre o papel do escritor de uma obra no que tange à produção de sentidos da mesma. Lecercle (1991) reafirma a ideia discutida pela crítica literária “de que todo sentido não depende necessariamente das intenções de sentido de seu locutor” (1991, p. 13). No entanto, o autor salienta que

Mary Shelley era Mary Shelley e que ela sabia o que estava fazendo: que ela viu, que ela compreendeu, que ela construiu. O involuntário da coisa, e também talvez o gênio do autor, está mais ligado, como tentarei demonstrar, ao brilhantismo de seu meio familiar, à riqueza de uma conjuntura filosófica e histórica, do que a uma obra do acaso. Nada há de aleatório em um mito – precisamente porque ele tem uma história (LECERCLE, 1991, p. 13).

Vale ressaltar que a história do romance está atrelada à história do nascimento da modernidade e que as mudanças dessa sociedade imersa no capitalismo devem ser pensadas de forma a perceber que as pessoas, além da busca para a solução de seus problemas, buscavam inovações em diversos campos do conhecimento. Segundo Lecercle (1991), “Estamos no terreno da ideologia, ou melhor das ideologias” (1991, p. 62). O desenvolvimento exponencial do capitalismo estava então intimamente atrelado ao possível desajuste do humano em face do

mundo natural e psíquico e isto não é algo que possa ser delimitado com exatidão cronológica. Em conformidade com tal ideia, Hobsbawn (2004) explica que o progresso da ciência não pode ser confundido com um avanço simples que acontece de forma linear, ou seja, não é possível, segundo o autor, que cada estágio da história possa solucionar os problemas anteriormente estabelecidos e produzir novos conceitos, novos questionamentos, desconectados dos que os precederam. Para o autor, novos problemas são elencados, além de se considerar que deve haver a descoberta de formas diferentes “de focar os antigos, de novas maneiras de enfrentar ou solucionar velhos problemas, de campos de investigação inteiramente novos, de novos instrumentos práticos e teóricos de investigação” (2004, p. 384). É importante considerar o período em estudo como uma mola propulsora de uma sociedade ávida por conhecimento e pela exploração de toda a capacidade científica com o intuito de satisfazer suas necessidades, também emergentes.

Victor Frankenstein demonstra possuir, em certa medida, um potencial investigativo e prático na busca de solução para os mais sofisticados problemas encontrados pelo ser humano. Sua criatura é passível de aprendizado e conquista a capacidade de agir conforme os desejos que seu desenvolvimento promove. Além deles, há também o capitão Walton que, de uma forma um tanto distinta das duas personagens citadas, estabelece anseios que também estão consoantes com o espírito antropocêntrico vigente. Mary Shelley trouxe, por meio das ações de suas personagens e da ambientação que escolheu para a trama, a representatividade dos resultados do processo revolucionário, com suas conquistas e conflitos mais sofisticados.

A jovem britânica, sensível às modificações sociais e aos impactos por elas provocados, imprimiu, na figura de suas personagens, na substanciação do meio ambiente e na forma como promove o desenrolar do enredo, os impasses mais relevantes experimentados pela sociedade da época. Vale destacar que “[...] para os conservadores, o monstro não é uma figura ambígua: ele representa o proletariado, a massa revolucionária, as massas sem Deus; ele é violento e absolutamente mau [...]” (LECERCLE, 1991, p. 62). Muito embora Lecercle (1991) reitere que “A violência da revolução é a violência de uma vingança. O povo não é mau, ele está exasperado – exatamente como o monstro” (1991, p. 67). Ao considerar tais

apontamentos, ele evidencia o posicionamento da autora de *Frankenstein* e reforça que

para Mary Shelley (e para os liberais, caso ousassem retomar a metáfora – o que, como vimos, não fizeram), o monstro é contraditório, certamente ele representa a revolução e sobretudo a Revolução Francesa, mas no que ela tem de positivo e negativo ao mesmo tempo, um acontecimento necessário e bem-vindo, pois libertador; mas um acontecimento sangrento, custoso em vidas humanas e em entusiasmos frustrados e que não soube a hora de parar (LECERCLE, 1991, p. 62).

Desse modo, Mary Shelley, segundo o filósofo, apresentou ao mundo uma obra repleta de significação e ressonância do período no qual está inserida. “O livro é, pois, uma solução imaginária à contradição histórica em que se encontravam Mary Shelley e seu meio, e o monstro encarna alguns dos principais elementos da conjuntura” (LECERCLE, 1991, p. 68). Diversos são os estudos sobre *Frankenstein* que abarcam toda essa conjuntura. Lecercle reforça que quando Mary Shelley escreveu seu romance a Revolução já havia acabado, era, pois, um acontecimento que já tinha entrado para a história da humanidade.

O autor afirma que tanto a escritora britânica, quanto seu esposo estavam “em posição de avaliar suas consequências, e o horizonte está recoberto por esta figura, monstruosa para os ingleses, de Napoleão traindo, mas também exportando, os ideais revolucionários” (LECERCLE, 1991, p. 64). Os conflitos vividos pelas três personagens destacadas neste estudo também representam os enfrentamentos do ser humano desse período. Um ser que está ferido e que se sente no direito de ferir. “Para Shelley e para seu meio, a principal tarefa política é tirar as lições do período: todo projeto político passa por esta análise. *Frankenstein* também é o produto deste balanço” (LECERCLE, 1991, p. 64-65). Assim como o ser humano se sente golpeado e prejudicado pelas consequências das inovações presenciadas, ele busca essa compensação por meio do domínio indiscriminado da natureza. Ficam, dessa forma, os resquícios das revoluções a atormentar o espírito humano, o que refletiu na forma como o homem pretendia atuar na sociedade: como desbravador, explorador, dominador.

3.2 O meio natural presente em *Frankenstein*: a expressividade da paisagem romântica sob o prisma da ecocrítica

*These sublime and magnificent scenes afforded me the greatest consolation that I was capable of receiving*⁹ (SHELLEY, 2003, p. 99).

A obra de Mary Shelley apresenta ao leitor imagens emblemáticas ao representar uma natureza exuberante que atua na constituição do enredo não apenas enquanto cenário, mas como força que age na psique das personagens e que está condizente com o espírito do homem romântico. De acordo com Alfredo Bosi, “a natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa” (2006, p. 93). Segundo o autor “ela *significa e revela*. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação” (2006, p. 93). Ambientada, no tempo da enunciação, nas paisagens gélidas do Ártico, a história, que também inclui partes significativas de convivência urbana e em diferentes épocas do ano, começa com o desfecho trágico do enredo, por meio das analepses de Victor Frankenstein que permitem ao leitor conhecer sua história e de sua criatura.

Narrada por meio de cartas escritas pelo capitão Robert Walton para sua irmã Margaret Saville, o desbravador, em meio à neve, introduz o enredo cujo desenvolvimento demonstrará a fragilidade humana diante das forças da natureza, muito embora pareça, a princípio, que o domínio do ser humano sobre a mesma será confirmado. Nas palavras de Walton para sua irmã, é perceptível a confiança que o mesmo deposita em sua atividade. Ao seguir suas convicções, ele garante a ela que “You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which you have regarded with such evil forebodings”¹⁰ (SHELLEY, 2003, p. 15). É observável ainda, neste trecho, o quanto a visão masculina de Walton se opõe ao que sua irmã “intuía” sobre os perigos que ele poderia encontrar na busca pela realização de seu sonho. A conquista de novos

⁹ Essas vistas sublimes e magnificentes suscitavam em mim o maior consolo que que podia ter (SHELLEY, 2012, p. 108).

¹⁰ Você vai ficar contente em saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão sinistros presságios (SHELLEY, 2012, p. 19).

territórios, com o esforço humano e com a exploração tanto das pessoas quanto do meio revelam uma postura bélica e destemida do navegador, coerente com os efeitos que o capitalismo e certos avanços da ciência e da técnica imprimiram nas diferentes classes sociais do período.

O mesmo esforço e dedicação a uma ideia voltada para a exploração e para a conquista de fama e de fortuna a qualquer preço não se apresenta nas figuras femininas que Mary Shelley constituiu em sua obra. As mulheres que na trama aparecem são comedidas, cautelosas, possuidoras de muito afeto e cuidado com os entes queridos e não possuem o desejo impetuoso, investigativo, e por vezes violento que conduzem, por exemplo, as figuras masculinas aqui estudadas. A relação entre o sentimento de superioridade do homem romântico com relação à natureza acontece de maneira diferente com as mulheres do romance, que se colocam diante da mesma de uma forma contemplativa. Vale ressaltar que o papel da mulher no romance em estudo é também um rico material de pesquisas e estudos. No entanto, por mais que elas sejam mencionadas aqui, será para sustentar as análises das três personagens masculinas já citadas.

Ao retomar, por exemplo, as experiências e as afirmações de Walton, pode-se considerar que ele acredita que tudo dará certo e que conseguirá obter êxito em sua expedição ao anunciar para sua irmã que “I arrived here yesterday; and my first task is to assure my dear sister of my welfare, and increasing confidence in the success of my undertaking”¹¹ (SHELLEY, 2003, p. 15). Ele busca reafirmar, por meio da constatação de uma primeira manifestação de sucesso, que teria as condições necessárias para enfrentar a natureza e conquistar o que pretendia. No entanto, o princípio da narrativa segue demonstrando as intempéries naturais, a potência ameaçadora das montanhas e da neve e o poder destrutivo das geleiras, que, de certa forma, se contrapõem ao que o homem romântico compreendia sobre a natureza, que para ele, era um elemento que estaria ao seu dispor.

Essa situação é ainda mais paradoxal quando, na figura da criatura, os anseios vislumbrados pelo cientista e conquistados por ele são colocados à prova diante de Walton. O capitão, ao se deparar com o estranho ser, em meio aos infortúnios do frio e da neve, é surpreendido pela sua aparência disforme e pelo fato de enfrentar, sem grandes efeitos, as privações às quais fora submetido, o que

¹¹ Cheguei aqui ontem, e minha primeira tarefa é assegurar à minha querida irmã que estou bem e cada vez mais confiante no sucesso de minha iniciativa (SHELLEY, 2012, p. 19).

compromete ainda mais as suas concepções de cunho romântico acerca da relação entre os homens e o meio. A Walton é reservada, a partir desse encontro, portanto, a observação e a análise, nas figuras de seu novo amigo e de sua criatura, de sua própria condição enquanto desejoso de fama e fortuna, o que faz com que ele reflita sobre seus atos.

Nesse contexto, a afirmação de Boff (1995) sobre a realização humana pode instigar o leitor a refletir sobre a questão, a partir das páginas do romance. Segundo o escritor, “[...] nenhum ser está pronto e acabado, mas está carregado de potencialidades que buscam a sua realização” (1995, p. 61). As três personagens analisadas neste estudo evoluem durante a narrativa, para o bem ou para mal, para a redenção ou para a destruição. São indivíduos distintos, com anseios condizentes com sua condição, portando necessidades singulares e, portanto, diferentes em muitos aspectos. Três seres cuja vida e destino são colocados em xeque pelas condições que se apresentam: Victor, pela ânsia pelo poder de criação e pelo *modus operandi* que empreendeu em seu trabalho; sua criatura, pela forma singular como foi criada, abandonada e pelo comportamento violento que passa a apresentar no decorrer da narrativa e o capitão Walton, pelo desejo de fama e de fortuna que poderia se constituir na destruição do seu futuro e das pessoas que estão envolvidas em sua jornada. Cada um, a seu modo, abarca, portanto, um pouco de toda a complexidade que envolve o homem romântico e sua relação com o meio natural, o que demonstra que há uma correlação entre eles.

Victor pode ser compreendido como uma alegoria para os impasses aos quais a humanidade foi levada por suas conquistas. Ele promove e combate uma verdadeira guerra: uma batalha interna, subjetiva, movida por seus anseios, mas também uma guerra externa, contra as normas impostas pelas convenções sociais e adversidades desencadeadas pelas próprias ações. As três personagens elencadas compartilham lutas semelhantes, embora em diferentes graus e em aspectos distintos. A partir da análise de Victor Frankenstein, sua criatura e o capitão Walton, com seus conflitos, desajustes e contradições, as temáticas que envolvem suas ações serão discutidas com o propósito de colocar em debate alguns conceitos de humanidade e de natureza sob a perspectiva da ecocrítica, que é uma vertente teórico-crítica surgida nos anos de 1990 cujo escopo é o estudo da literatura “como resposta à crise ambiental” (KERRIDGE, 1998, *apud* GARRARD, 2006, p. 15). Os

conceitos ecocríticos e algumas das vertentes que deles surgem se constituem de embasamento para este estudo e serão posteriormente debatidos.

A reflexão acerca da relação entre o homem romântico e a natureza perpassa toda análise a que se propõe este estudo. De acordo com Boff, “O contato com a natureza abriu a indagações e a novas questões; levou-nos a pensar quem nós somos e a que título nós participamos da evolução global do cosmos” (1995, p. 28). É possível ao leitor pensar no papel que desempenha o indivíduo na natureza a partir das reflexões que o romance pode promover. Boff afirma também que a historicidade não é pertinente apenas aos seres humanos. “A natureza não é um relógio que já aparece montado uma vez por todas. A natureza deriva de um longuíssimo processo cósmico. É a cosmogênese” (1995, p. 43), o que precisa ser levado em consideração, dado seu caráter dinâmico e cíclico. É necessário conjecturar, portanto, que o processo ainda está em desenvolvimento e que, como algo em curso, tende a se moldar conforme as ações das pessoas neste percurso.

Seguindo este raciocínio, o autor complementa que este “relógio” aos poucos foi sendo montado, em um lento processo no qual os seres apareceram em uma cadeia que foi desde os mais simples para os mais complexos, que as implicações contidas na constituição dos mais diferentes seres são históricas e “possuem sua latência, sua ancestralidade e em seguida a sua emergência” (BOFF, 1995, p. 43). O autor explicita ainda que tais encadeamentos naturais são irreversíveis e inerentes ao tempo histórico. Ele reforça também a importância da interação entre os seres, independentemente de suas características, uma vez que o homem “se encontra numa solidariedade de origem e também de destino com todos os demais seres do universo” (BOFF, 1995, p. 44). Para Boff,

A inter-retro-relação do ser mais apto para interagir com os outros constitui a chave para compreender a sobrevivência e a multiplicação das espécies e não simplesmente a força do indivíduo que se impõe aos demais em razão de sua própria força (BOFF, 1995, p. 43).

Frankenstein, ou o Prometeu moderno é uma obra que transita por diversas áreas do conhecimento. Algumas delas fazem parte das discussões que aqui se estabelecem e que compõem o escopo da ecocrítica: Ecologia, Religiosidade,

Antropologia, Botânica, Biologia, dentre outras igualmente importantes. Logo, as personagens selecionadas para este estudo serão analisadas sob o viés de sua classe social, de sua condição enquanto seres que experimentam desejos, sentimentos e emoções diversificados, bem como das relações por elas estabelecidas com outras pessoas e com o meio ambiente. Para Michel Serres, o ser humano é uma espécie de reserva, pois ao falar que “existem lagos de homens” ele o coloca com um papel importante na evolução do globo, assim como as funções que exercem as geleiras e os desertos, por exemplo. Segundo o autor “O homem é uma reserva, a mais forte e a mais conectada da natureza. Ele é um ser-em-toda-parte. E ligado” (1991, p. 28). Nota-se que o filósofo ainda mantém o ser humano em um nível um pouco acima dos demais seres, como agente que precisa e que tem o dever de reorganizar o planeta com vistas a sua sobrevivência e à dos demais seres e, portanto, com a responsabilidade de salvar o mundo do caos iminente.

Além disso, é importante abordar também, questões acerca das relações de poder estabelecidas pelas pessoas no decorrer da História da Humanidade. A exploração e a dominação da natureza devem ser consideradas no contexto, uma vez que é a partir desse processo exploratório que se configuram as especificidades do desconforto e do desajuste das personagens que buscavam a satisfação pessoal em detrimento das forças da natureza. “O homem tem explorado o meio ambiente tendo sempre em vista fins lucrativos e obtenção de poder, esquecendo por vezes que ele também está sujeito às leis da Natureza” (ALVES, 2000, p. 79), o que potencializa o processo de degradação da biosfera e contribui para sua própria destruição. Pensar na ecologia em *Frankenstein* é ponderar sobre a natureza como um todo. É refletir sobre a forma como se configuravam tais questões à época na qual a história acontece e como podem ser retomadas em outros momentos, especialmente, por exemplo, com o advento do antropoceno (termo que descreve o período mais recente na história do globo terrestre e que será posteriormente discutido).

Neste sentido, Timothy Morton esclarece que o romance apresenta um paradoxo ao afirmar que a reflexão ecológica em *Frankenstein* é “so obvious that ironically hardly anyone tackles it directly; and a novel, the very same one, whose ecological resonance is so uncanny in relation to standard beliefs about Nature that

hardly anyone tackles it directly”¹² (2016, p. 145). Segundo o autor, a ecologia é uma presença estabelecida na obra da jovem escritora britânica. Com relação ao termo ecologia e aos encadeamentos dele advindos, diversos são os teóricos que podem discutir e sustentar as principais demandas e conceitos existentes.

O autor americano Ernest Callenbach (2001), por exemplo, faz um levantamento de questões relevantes sobre o assunto. Defensor da construção de sociedades sustentáveis e da difusão de práticas conscientes com relação ao equilíbrio ecológico na Terra, em sua obra *Ecologia: um guia de bolso*, Callenbach apresenta conceitos importantes para estudiosos e membros de movimentos ambientalistas que discutem a crescente problemática ambiental que promove o agravamento das condições de vida das pessoas no planeta. Como um alerta para o futuro, Callenbach discorre sobre a fase de globalização pela qual o mundo passa, “com os hábitos de consumo dos norte-americanos disseminando-se por toda parte, promovidos pela mídia e pelas grandes empresas multinacionais. No entanto, essa tendência não pode durar para sempre” (2001, p. 32). O ser humano precisa estar consciente de suas ações no mundo e se comprometer com novos hábitos que promovam a vida e a harmonia entre os seres que vivem sobre a terra.

Segundo o autor, “À medida que compreendermos melhor o “viver em paz”, conscientes das realidades ecológicas subjacentes ao nosso cantinho particular no planeta, teremos condições de escolher o que funciona em nossa situação” (CALLENBACH, 2001, p. 33). Há, por conseguinte, um longo caminho a ser percorrido como, por exemplo, o fato de os demais seres vivos serem considerados pelas pessoas como vulneráveis e de submissão predeterminada quando, de fato, deveria ser imperativa a necessidade de uma reflexão sólida sobre a função de cada ser no processo de desenvolvimento do meio ambiente. Somente será possível minimizar os problemas ambientais da atualidade e dos anos vindouros se todos compreenderem o valor e a importância de cada ser vivo para a manutenção da vida no planeta – e isso somente pode ocorrer a partir do equilíbrio psíquico, social e ambiental dos seres humanos. Pleiteia-se refletir tais temáticas, a partir das ecologias psíquica, social e ambiental, o que é preconizado por Félix Guattari (1990) quando afirma que

¹² “tão óbvia que, ironicamente, quase ninguém a aborda diretamente; e um romance, o mesmo, cuja ressonância ecológica é tão estranha em relação às crenças padronizadas sobre a Natureza que quase ninguém a aborda diretamente” (Tadução nossa).

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a implantação da vida em sua superfície (GUATTARI, 1990, p. 7).

Diante do exposto, faz-se necessário discutir questões ambientais e humanas e em quais aspectos elas se interligam. Conflitos, vontade de dominar a natureza, dentre outros temas igualmente importantes serão, destarte, apresentados. Promover a ressignificação das três ecologias, de acordo com Guattari, possibilitaria um melhor dimensionamento das relações sociais, entre as pessoas, bem como entre elas e o meio ambiente e as concepções de sua mente.

3.3 Ecocrítica: conceitos e abordagens literárias

It was a most beautiful season; never did the fields bestow a more plentiful harvest, or the vines yield a more luxuriant vintage: but my eyes were insensible to the charms of nature¹³ (SHELLEY, 2003, p. 56).

Pensar na ecologia é pensar no presente e também no futuro do planeta. Refletir sobre o estar no mundo é considerar a diversidade de seres que estão igualmente envolvidos neste processo e em como cada um se relaciona com os problemas existentes. O planeta Terra é o único que possui os elementos necessários para que os seres vivos possam se desenvolver, respirar e se mover sem auxílio de nenhuma espécie de artifício, embora pesquisadores explorem outros planetas para investigar se há outros lugares com condições semelhantes às da Terra, o que ainda não foi elucidado. Com relação ao seu papel no contexto dos seres vivos, o ser humano ainda se julga superior aos demais. Às elites, por exemplo, sempre foram dispensados os bens materiais e culturais, possibilitando às mesmas o sentimento de controle das decisões legitimadas por uma herança do comportamento social de todos os tempos.

¹³ Foi uma estação das mais belas; nunca os campos proporcionaram colheitas mais abundantes, nem os vinhedos vindima mais luxuriante, mas meus olhos estavam insensíveis aos charmes da natureza (SHELLEY, 2012, p. 63).

Os ideais ecológicos vigentes conflitam com o desejo capitalista que não se preocupa com o futuro do planeta e das próximas gerações. Aos participantes das classes sujeitadas, no entanto, quase não restam forças para enfrentar o caos ecológico por não disporem de poder decisional, resultando, assim, na falta de esperança e no sentimento de impotência perante os problemas socioambientais existentes. Mas, por mais que o indivíduo, das elites ou das classes menos favorecidas, insista em separar sua existência da dos demais seres, não há como negar a urgência em promover o respeito e a harmonia nas relações dos mais diferenciados seres vivos, uma vez que, por meio da vida, ele está ligado aos demais organismos viventes. A análise do físico teórico, ambientalista e ativista Fritjof Capra, por exemplo, é enfática ao elucidar que “quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente” (1996, p. 23). Como eles não podem ser compreendidos de forma desarticulada, estudos, discussões e uma reorganização das ações são imperativos.

Ao pensar, por exemplo, na crise que devasta o planeta, Capra, em seus estudos e obras, faz um alerta para tal decadência iminente. Segundo o autor, o indivíduo precisa repensar suas atitudes e comportamentos diante da sociedade e do meio natural do qual faz parte. Para ele, “[...] esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção” (1996, p. 23). Para que tais questões sejam pontuadas e analisadas, o leitor pode, portanto, se valer da visão ecológica para fundamentar sua análise e pensar no caráter da literatura como representante dos anseios de uma sociedade que procura a preservação da vida e a boa convivência entre os seres com vistas ao equilíbrio ecológico e psíquico das pessoas, se, segundo o autor, a ideia de ecologia for compreendida e posteriormente trabalhada com o discernimento que a afaste do senso comum. Isto posto, a literatura, portanto, assume um papel fundamental ao estimular e ao propor discussões não somente no âmbito do meio natural e ecológico, mas igualmente no que diz respeito à ética que rompe com padrões pré-estabelecidos de pensamento.

É preciso dar a importância que o termo ecologia abrange em um aspecto muito mais profuso que o habitual, uma vez que, de acordo com suas reflexões “A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos” (CAPRA, 1996, p. 25). Na visão de Capra, para que o planeta seja

devidamente protegido, é necessário haver uma mudança de paradigmas, pois, conforme o pesquisador, se há uma “interdependência fundamental de todos os fenômenos”, o mundo está totalmente concatenado e a humanidade faz parte deste todo. Além disso, para ele é notório “o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)” (1996, p. 25). É urgente discutir, dessa forma, questões que possam avaliar a postura humana diante do meio e conseqüentemente refletir sobre a problemática que envolve o futuro o planeta.

Ao considerar, por exemplo, a velocidade e a proporção na qual os problemas ambientais se intensificam, o autor afirmava que, com a proximidade do final do século, a preocupação com as questões que envolvem o meio ambiente também precisariam ser vistas com maior importância. Segundo o autor, era um momento no qual o homem defrontava-se “com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível” (CAPRA, 1996, p. 23). Ele fez um alerta ao mensurar sua opinião e afirmar que “Temos ampla documentação a respeito da extensão e da importância desses problemas” (CAPRA, 1996, p. 23). Sendo assim, ações que vislumbrem a resolução de tais problemas precisam ser elaboradas e colocadas em prática.

Com um amplo caminho já trilhado, o processo de desenvolvimento tecnológico-científico leva a uma reflexão sobre os impactos do desenvolvimento dessas áreas, especialmente nos reflexos da condição humana e das suas ações no mundo moderno. Os valores concernentes a esta sociedade moderna apontam para uma visão individualizada do ser e destituída das conexões que os une, enquanto seres participativos de um todo complexo e interdependente. Neste sentido, valores e ideias foram criados e difundidos por todos os lugares. A cultura das sociedades foi dominada durante séculos por pensamentos, com destaque para a visão utilitarista da sociedade moderna ocidental, que ditavam as normas e a conduta das pessoas em direção ao progresso. Este comportamento influenciou de forma expressiva todo o mundo. Capra pontua que existe, no mundo moderno,

a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença num progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e – por fim, mas não menos importante – a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. Todas essas suposições têm sido decisivamente desafiadas por eventos recentes. E, na verdade, está correndo, na atualidade, uma revisão radical dessas suposições (CAPRA, 1996, p. 25).

Para que esta revisão aconteça e produza efeito e, para que tal afirmativa se concretize, as diversas organizações sociais precisariam estar não apenas preocupadas, mas engajadas no processo de mudanças para que a vida sobre a Terra seja preservada. Capra alerta para o fato de que é preciso reconhecer a urgência na modificação da percepção humana e dos pensamentos para que a sobrevivência dos seres seja garantida. No entanto, as organizações sociais, por mais que haja um esforço atualmente neste sentido, não têm controle algum da ação destruidora do ser humano frente à natureza. A humanidade está permanentemente em conflito, o que é possível observar, inclusive, na personagem central da obra de Mary Shelley. No caso de Victor Frankenstein, todo este conflito culmina com uma situação patológica, ou seja, depois do pico de um processo de instabilidade, de crise, vem o desfecho para o problema: cura ou morte. O autor pondera ainda que

O solo comum das várias escolas de ecologia social é o reconhecimento de que a natureza fundamentalmente antiecológica de muitas de nossas estruturas sociais e econômicas está arraigada naquilo que Riane Eisler chamou de “sistema do dominador” de organização social. O patriarcado, o imperialismo, o capitalismo e o racismo são exemplos de dominação exploradora e antiecológica (CAPRA, 1996, p. 26).

Além dessas questões já expostas, há uma importante teia de relações ecológicas que interagem entre si e das quais as pessoas também participam. Ernest Callenbach (2001) salienta que “As idéias ecológicas procuram explicar o fluxo da vida dos sistemas ecológicos da Terra que estão em transformação incessante e são interligados e incrivelmente intrincados” (2001, p. 5). No entanto, o autor reforça que é necessário que as pessoas possuam conhecimentos básicos de ecologia, como uma ciência que estuda os diversos modelos de interação entre os

seres vivos, para que sua participação nessas interações ecológicas aconteça de forma responsável. Segundo ele, a sobrevivência e a saúde dos homens dependem deste movimento. A participação humana consciente e envolvida neste processo, com a percepção de que sua existência depende da harmonia de todos os seres é fundamental para garantir aos demais participantes dessa teia que suas atividades sejam respeitadas e valorizadas no contexto de vida do planeta. Desta forma, ele acredita que ao descobrir a ecologia, o ser humano pode, inclusive, modificar sua existência de outra forma, pois o conhecimento ecológico, segundo o teórico,

nos revela o paradoxo subjacente do nosso lugar na Terra: compreender a maravilhosa complexidade, variedade e beleza da vida nos dá um prazer infinito, mas junto com esse prazer vem o sofrimento de ver quão cruelmente destrutivas para a teia da vida são as nossas atividades industriais, agrícolas e pessoais, da forma que as realizamos hoje (CALLENBACH, 2001, p. 6/7).

Como uma das aspirações dos estudos ecocríticos, cuidar do planeta é fundamental para que a preservação das espécies ocorra. É preciso respeitar o fluxo do planeta ou os recursos se esgotarão e os enfrentamentos serão mais contundentes. *Frankenstein* pode se apresentar ao leitor de todos os tempos como uma obra importante para favorecer a observação e, posteriormente, ponderar sobre as ações egoístas das pessoas frente ao meio natural. O leitor do romance pode refletir em como estas ideias são despertadas, a partir da leitura da obra, o que torna possível pensar sobre o conjunto de questões levantadas neste estudo. Ao retomar os conceitos discutidos por Callenbach, dentre os diversos verbetes presentes em sua obra que estão intimamente ligados à crise ambiental e suas implicações nas questões relacionadas a valores humanos e questões éticas que envolvem a temática, está o conceito “Ciclos”.

Neste, percebe-se que os estados psicológicos das pessoas sofrem grandes influências dos ciclos da natureza, uma vez que há uma interação de relações ecológicas, com a participação humana na vida do planeta. De acordo com o autor todos “os organismos têm “relógios internos” que regulam ciclos diários importantes em química e comportamento corporal” (CALLENBACH, 2001, p. 43). Compreender que há uma relação entre o elemento natural e a vida humana na Terra e que se

deve buscar um mundo melhor, mais justo e equilibrado social e ecologicamente é uma das premissas defendidas pelo autor, nesta obra. Ele apresenta, ainda, algumas atividades como a agricultura e a jardinagem, como exemplos de práticas que são regidas pela alternância das estações do ano, bem como pelas características geográficas às quais estão submetidas.

Assim, o autor afirma que os seres humanos também são regidos por ciclos semelhantes, como o dia e a noite que orientam o sono das pessoas. Para ele, “Os estados psicológicos sofrem uma grande influência desses ciclos, que nós ritualizamos em feriados religiosos, e nossa literatura registra, em miríade de formas, que a vida é cíclica” (CALLENBACH, 2001, p. 43). Estudos ecocríticos e ecosófico na literatura têm servido, desta maneira, de base para discussões nos mais diversos âmbitos sociais, com vistas a promover, além de debates acerca da preservação do meio ambiente, a consolidação da ideia de que todos os seres fazem parte da mesma estrutura que rege a vida no planeta.

Perceber a incidência de conceitos ecológicos representados na literatura é, portanto, um dos pressupostos da ecocrítica, que, de acordo com Badenes e Coisson (2010), é “Una corriente de crítica literaria que se desprende de los estudios culturales em los años 1970, pero que adquiere nuevo ímpetu en el siglo XXI¹⁴ [...] (2010, p. 190). É importante, portanto, entender a linguagem literária, os conceitos empregados e os diferentes recursos literários utilizados nos textos. Além disso, a teoria preocupa-se em compreender a pessoa como participante e integrada à sociedade e aos demais seres. Isto posto, é notório o papel substancial que a literatura assume ao fomentar debates tanto na esfera da ecologia e do meio ambiente quanto no contexto da ética e do comportamento humano frente ao mundo natural como um todo. Ao dialogar sobre o conceito, as autoras expõem que

El término fue utilizado por primera vez em 1978 por William Rueckert em su ensayo “Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism” y se define em términos generales como la aplicación de la ecología y conceptos ecológicos al estudio de la literatura¹⁵ (BADENES; COISSON, 2010, p. 190).

¹⁴ “Uma corrente de crítica literária que emerge dos estudos culturais na década de 1970, mas que adquire novo ímpeto no século XXI” (Tradução nossa).

¹⁵ O termo foi usado pela primeira vez em 1978 por William Rueckert em seu ensaio “Literatura e Ecologia: Um Experimento em Ecocrítica” e é definido em termos gerais como a aplicação da ecologia e conceitos ecológicos ao estudo da literatura (Tradução nossa).

Por meio deste viés, “[...] la ecocrítica plantea ofrecer una lectura ecológica de textos canónicos, recuperar textos que en el pasado no recibieron la atención debida [...] y ofrecer un corpus teórico donde encuadrar futuras producciones literarias”¹⁶ (BADENES; COISSON, 2010, p. 190). A obra de Mary Shelley faz parte do cânone literário e merece ser analisada sob a ótica da ecocrítica, pois o romance apresenta questões fundamentais acerca da busca pelo domínio indiscriminado da natureza, da sondagem e interferência humana na concepção da vida e na certeza da morte e também com relação aos conflitos vividos pelo ser humano provenientes dos excessos por eles praticados. Além disso, a leitura de *Frankenstein* pode possibilitar ao leitor repensar sua postura dominante e opressora diante da vida e da natureza. É uma obra que transita ainda, por temas como a busca indiscriminada pelo conhecimento científico sem pensar nos problemas decorrentes de atos antiéticos e antiecológicos, que são conceitos discutidos na atualidade, e que, embora não fizessem parte das considerações das pessoas da época, podem ser considerados pelo leitor contemporâneo. Ainda em uma análise sobre a obra de Glotfelty, os autores explicam-na e consideram que

Se trata de una corriente multidisciplinar por naturaleza: es que, como la ecología misma, los críticos que están hoy trabajando en esta línea deben nutrirse de las más diversas áreas que recorren la ecología contemporánea, y ponerlas en práctica en sus lecturas de literatura. La ecocrítica plantea cuestiones relacionadas con la representación de la Naturaleza, la mimesis, el papel que desempeña el medio ambiente en el desarrollo de un argumento literario, los valores ecológicos (o antiecológicos) que se plantean en una obra, la utilización de figuras del lenguaje recurrentes o los *leitmotifs* relacionados con la Naturaleza, y la caracterización de su discurso¹⁷ (BADENES; COISSON, 2010, p. 190/191).

No discurso ecológico, questões relacionadas à sustentabilidade e à promoção da vida saudável para todos também estão entre as principais

¹⁶ “a ecocrítica oferece uma leitura ecológica de textos canônicos, para recuperar textos que no passado não receberam a devida atenção [...] e para oferecer um corpus teórico onde enquadrar futuras produções literárias” (Tradução nossa).

¹⁷ Se trata uma corrente multidisciplinar por natureza: e que, como a própria ecologia, os críticos que hoje estão trabalhando nesta linha devem recorrer às mais diversas áreas que permeiam a ecologia contemporânea e colocá-las em prática em suas leituras de literatura. A Ecocrítica levanta questões relacionadas à representação da natureza, mimesis, o papel desempenhado pelo ambiente no desenvolvimento de um argumento literário, os valores ecológicos (ou anti-ecológicos) que surgem em uma obra, o uso de figuras da linguagem recorrentes ou leitmotiv relacionados à natureza, e a caracterização de seu discurso (Tradução nossa).

inquietações dos ecocríticos. “El movimiento surge como una respuesta a la modernidad, a la que considera sorda a las voces de la Tierra, y se hace eco del *sprit du temps* de los movimientos de liberación que surgieron en la segunda mitad del siglo XX”¹⁸ (BADENES; COISSON, 2010, p. 190). O ser humano, na busca por satisfazer seus desejos, anseios e necessidades, explora a natureza e os demais seres vivos, se distancia e perde o vínculo com sua própria espécie. Assim sendo, “la ecocrítica desea averiguar si el espacio físico tiene incidencia crítica en literatura”¹⁹ (BADENES; COISSON, 2010, p. 191), o que pode ser compreendido, em certa medida, em *Frankenstein*. Pode-se perceber, por exemplo, que com o passar dos séculos, as relações se modificaram. Apesar do crescimento demográfico, a aproximação entre os homens não se estende para questões subjetivas de convívio, o que confere aos mesmos um comportamento individualista que traz consequências desastrosas para seu futuro e do planeta. Vale ressaltar que,

[...] el distanciamiento de los hombres entre sí, la falta de armonía entre ellos, y por consiguiente la falta de armonía entre el hombre y la naturaleza ya que al existir un vínculo entre la naturaleza y el hombre, si el hombre se distancia de los otros hombres también rompe su vínculo con la naturaleza²⁰ (AGUIRRE; TORTONE, 2010, p. 35).

Em consonância com o exposto, ressaltar a importância das relações humanas neste contexto se faz necessário “Como lo hacen otras corrientes de crítica literaria de los estudios culturales como la feminista o la *queer* (que buscan la representatividad de sus respectivos grupos)”²¹ (BADENES; COISSON, 2010, p. 191). Se o ser humano está interligado com a natureza, sua ligação com outros seres humanos é axiomática, é um vínculo que precisa existir para o bem comum. Há tantos problemas globais que são de difícil enumeração. Pode-se, no entanto,

¹⁸ “O movimento surge como uma resposta à modernidade, que considera surda às vozes da Terra, e ecoa o *sprit du temps* dos movimentos de libertação que emergiram na segunda metade do século XX” (Tradução nossa).

¹⁹ “a ecocrítica quer descobrir se o espaço físico tem uma incidência crítica na literatura” (Tradução nossa).

²⁰ O distanciamiento dos homens entre si, a falta de harmonia entre eles e, conseqüentemente, a falta de harmonia entre o homem e a natureza, pois quando há uma ligação entre a natureza e o homem, se o homem se distancia de outros homens também rompe seu vínculo com a natureza (Tradução nossa).

²¹ “Como fazem outras correntes de crítica literária de estudos culturais como feministas ou *queer* (que buscam a representatividade de seus respectivos grupos)” (Tradução nossa).

destacar a preocupação das pessoas com o status pessoal consolidada por meio de comportamentos e por demandas culturais e com a exploração do meio ambiente, que, como se evidencia, não é um assunto equivalente apenas a este século, ou a uma época específica. Além disso, a ecocrítica “se propone investigar si hombres y mujeres poseen diferentes perfiles em lo que hace el medio ambiente”²² (BADENES; COISSON, 2010, p. 191), o que será discutido em *Frankenstein*, com especial atenção para a postura masculina nas ações do romance.

Sin embargo, como ocurre em otros campos de los estudios culturales, vale señalar que, al igual que em la ecología misma, los resultados son variados y de diversa complejidad y sofisticación. Al reflexionar sobre las interrelaciones entre Naturaleza y sociedad , entre medio ambiente y cultura, entre entorno y grupo, ya sean relaciones de poder o de subyugación entre sus participantes, se trata de elucidar el rol de los partícipes de esta negociación constante²³ (BADENES; COISSON, 2010, p. 191).

Portanto, é pertinente ressaltar o que poderia trazer a humanidade para um contato não apenas de “estar na natureza”, mas com uma postura mais engajada e mais cuidadosa com o meio. “La vida em contacto com la naturaleza purifica y fortifica las relaciones humanas”²⁴ (AGUIRRE; TORTONE, 2010, p. 39). Entretanto, para além da relação das pessoas com o meio ambiente, a capacidade do ser humano em ampliar os recursos tecnológicos e científicos são questões igualmente importantes e que influenciam em suas ações. As mais diversas possibilidades de desenvolvimento que surgem nas sociedades, aliadas ao desenvolvimento pessoal que tais meios permitem, faz com que o indivíduo não se preocupe em cuidar da casa comum.

Talvez seja essa a premissa que possa explicar, muito embora não seja suficiente para justificar, a dificuldade que o ser humano encontra em abdicar de elementos tecnológicos e científicos, de bens e de consumo, já arraigados em seu

²² “Propõe-se a investigar se homens e mulheres têm perfis diferentes no que concerne ao meio ambiente” (Tradução nossa).

²³ No entanto, como acontece em outros campos dos estudos culturais, vale destacar que, como na própria ecologia, os resultados são variados e de diversa complexidade e sofisticação. Ao refletir sobre as inter-relações entre Natureza e sociedade, entre ambiente e cultura, entre ambiente e grupo, sejam relações de poder ou subjugação entre seus participantes, trata-se de elucidar o papel dos participantes nessa negociação constante (Tradução nossa).

²⁴ “A vida em contato com a natureza purifica e fortifica as relações humanas” (Tradução nossa).

contexto em detrimento de uma vida mais preocupada com as questões ecológicas. No entanto, considerar a natureza e a ação das pessoas sobre a Terra não deve ser apenas para que ocorra uma análise despreocupada com as interferências humanas e com as consequências de seus atos, mas para que o indivíduo possa repensar suas ações e se posicionar como um cidadão que deseja um mundo melhor. Por este motivo,

la ecocrítica investiga los efectos culturales de textos literarios verdes, canónicos o no, en la sociedad , las relaciones interdisciplinarias que estos textos despiertan y las ideas que surgen de estas relaciones em el mundo de las Humanidades²⁵ (BADENES; COISSON, 2010, p. 190-191).

Os estudos ecocríticos se revelam fundamentais ao concorrer para a reflexão acerca do futuro do planeta, comprometido diante da exploração exorbitante à qual é submetido. Os textos literários possibilitam ao leitor considerar os elementos naturais e refletir sobre as relações das pessoas no contexto da utilização de tais elementos. “La ecocrítica aborda la obra literária examinando qué concepto de “naturaliza” se presenta allí, qué valores se le asignan o se le niegan a la naturaliza, y caules son la relaciones establecidas entre el hombre y la naturaliza”²⁶ (CARBALLO; AGUIRRE, 2010, p. 17, 18). Por este motivo, compreender os conceitos de natureza e os valores a ela relacionados e perpetuados nas mais diferentes obras literárias se faz necessário.

O historiador britânico Keith Thomas (2010), por exemplo, aponta um novo viés para tais análises. Ele categoriza como preconceito afirmar que o ser humano valorizava mais a natureza antes do processo de industrialização no mundo. Segundo ele, “na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visão tradicional era a de que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deveriam se subordinar a seus desejos e necessidades” (2010, p. 21). São ideias que estão arraigadas no pensamento coletivo e que demandam uma gama de intervenções

²⁵ “a ecocrítica investiga os efeitos culturais de textos literários verdes, canônicos ou não, na sociedade, as relações interdisciplinares que esses textos despertam e as ideias que surgem dessas relações no mundo das humanidades” (Tradução nossa).

²⁶ “A ecocrítica aborda a obra literária examinando que conceitos de “natureza” nela se apresentam, quais valores são atribuídos ou negados pela natureza, e quais são as relações estabelecidas entre o homem e a natureza” (Tradução nossa).

para que as consequências das ações que ocorrem a partir desta mentalidade sejam minimizadas. O autor se vale de conceitos como os de Aristóteles, que, segundo o autor, afirma que nada na natureza foi feito em vão, havendo um propósito para tudo, colocando inclusive, as plantas para o bem dos animais e estes, para o dos homens. “Tal pressuposto fundamenta as ações dessa ampla maioria de homens que nunca pararam um instante para refletir sobre a questão” (2010, p. 21). Ao refletir sobre o papel do ser humano na compreensão da natureza, o autor demonstra, então, como a percepção das pessoas acerca das possibilidades de exploração do mundo natural pelo homem é algo de muitos séculos. Para ele, “foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor” (2010, p. 18). Em contrapartida, esta percepção não será suficiente para resolver as questões emergentes com relação ao meio ambiente, se não estiver vinculada à ação que vise efetivar um posicionamento de harmonia e de defesa para com a natureza.

Compreender a ecocrítica é importante para situar o papel da humanidade na construção de um discurso de defesa do ambiente natural. É importante esclarecer que “defesa do meio ambiente” deve ser entendido como “defesa do ser humano”. De acordo com o crítico literário Greg Garrard (2006) “Os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político “verde”” (2006, p. 14), uma vez que cada pessoa faz parte de toda a complexidade que envolve a natureza. Segundo o autor, ao retomar a definição de Glotfelty, a teoria estuda a relação entre os textos literários e o meio ambiente. “Além disso, parece provável que qualquer indivíduo interessado tenha, provavelmente, atitudes ecocêntricas e antropocêntricas, em diferentes momentos e em condições diferentes” (2006, p. 40). E explica que,

Assim como a crítica feminina examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (GLOTFELTY *apud* GARRARD, 2006, p. 14).

Os estudiosos da ecocrítica se valem, ainda, da análise de posturas baseadas em pensamentos como o de Leonardo Boff para situar a problemática e propor novos paradigmas. O teólogo faz ainda, um alerta sobre a ganância humana e toda a conjuntura envolvida e coloca como referência, a fala do “maior ecólogo brasileiro, José A. Lutzenberger: “A ecologia é a ciência da sinfonia da vida, é a ciência da sobrevivência”” (1995, p. 19). Seria muito repetitivo e demorado elencar aqui os elementos contextuais e físicos que a ecologia abrange. Entretanto, nesta premissa tão poética e, ao mesmo tempo, tão primordial de Lutzenberger, reside a essência que o termo comporta. Em harmonia com esta premissa, Boff considera que

Mais do que dispor da realidade ao seu bel-prazer ou dominar dimensões da natureza o ser humano deve aprender o manejo ou o trato da natureza obedecendo à lógica da própria natureza ou, partindo do interior dela, potencializar o que já se encontra seminalmente dentro dela. Sempre numa perspectiva de sua preservação e ulterior desenvolvimento (BOFF, 1995, p. 19).

Este paradigma, de certa forma, distancia o ser humano do que seria considerado efetivamente como a promoção da vida saudável. Ao explorar a natureza com vistas à realização de todos os seus desejos, o indivíduo pode não perceber que a sua interferência no meio é capaz de acarretar sua própria degradação enquanto ser intimamente e naturalmente ligado aos demais seres que compartilham do mesmo espaço natural. Ao “desfrutar” sua passagem pelo planeta, conforme Boff explicita, a humanidade pratica ações que podem representar a destruição do meio ambiente, ao compreender que a pessoa, na ânsia por aproveitar a vida, coloca, na maioria das vezes, os demais seres ao seu uso e exploração indiscriminados.

Como agravante, as relações entre seus pares têm se tornado cada vez mais raras, mediadas pelos interesses materiais que permeiam a maior parte das ações humanas no mundo. O conteúdo exposto pelo filósofo pode ser melhor situado a partir dos seguintes questionamentos por ele elencados “Como sobreviver juntos, seres humanos e o meio ambiente, pois temos uma mesma origem e um mesmo destino comum? Como salvaguardar o criado em justiça, participação, integridade e paz” (BOFF, 1995, p. 20)? São preocupações cujas respostas poderiam amenizar os

impasses e as consequências das atitudes antiecológicas das pessoas. Ao se referir às questões citadas, Boff argumenta que “Esta evocação da ecologia pretende ser uma via de redenção” (1995, p. 20), uma vez que a ecologia é definida por ele como “um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos” (1995, p. 18). Para o autor a ecologia precisa ser vista com um olhar mais abrangente, pois, ela tem relação com outros saberes e não é algo independente, definida em si mesma. Afinal, em complementação do acima explicitado, ele ressalta que a ecologia “é um saber de saberes, entre si relacionados” (1995, p. 18). Neste sentido, as inúmeras relações precisam ser respeitadas.

Por outro lado, a investigação de outro aspecto igualmente importante pode ser promovida: a relação de subordinação impotente do ser humano em face da força superior da natureza. E, em consonância com o Romantismo inglês, a beleza e a força da natureza estão presentes nas relações humanas. O caráter singular das geleiras e a força da tempestade, por exemplo, são descrições que não figuram apenas como elementos complementares para o desenvolvimento da narrativa. Em face do já exposto, elas se constituem componentes significativos no processo. “I remained in a recess of the rock, gazing on this wonderful and stupendous scene”²⁷ (SHELLEY, 2003, p.101). Sob este aspecto, é possível perceber que, durante toda a narrativa, Victor se encanta com a beleza das geleiras a ponto de permitir que sua contemplação interfira na demonstração de seus sentimentos e no desempenho de suas ações, o que revela que ele interage com o mundo natural, de acordo com as circunstâncias. Além disso, o cenário é uma espécie de tradução dos sentimentos em jogo na cena: é árida a paisagem pois é árido o coração de Victor. O frio das geleiras é o frio com que a sociedade do criador recebe a enjeitada criatura.

Descrita com minúcias nos detalhes, é perceptível no romance em estudo este poder de interação do ambiente natural com as personagens. Tal interação supõe o equilíbrio de forças que estão em harmonia. As ações delas, bem como seus sentimentos são condizentes com as diversas manifestações climáticas e com as diferentes demonstrações de respeito e reverência ao elemento natural, apresentados no enredo. “Sentirse identificado com la naturaleza y saber que humanos y naturaleza pertencemos al mismo ecosistema provoca también certo

²⁷ “Deixei-me ficar num recesso da pedra, contemplando essa paisagem maravilhosa e estupenda” (SHELLEY, 2012, p. 110).

temor y hasta reverencia por las fuerzas de la naturaleza”²⁸ (AGUIRRE; TORTONE, 2010, p. 46). Neste âmbito, o leitor do romance pode, por meio de sua percepção sobre o teor do texto literário, refletir sobre a relação homem *versus* natureza. Neste sentido, o ser humano precisa repensar seu posicionamento hostil diante do meio ambiente para evitar o agravamento dos problemas criados por ele ao explorar o ecossistema de maneira irracional e hegemônica para sua conveniência. Ele deve compreender-se como um ser que faz parte da mesma teia que os demais seres.

Com relação à subjetividade humana que perpassa a temática, Boff estabelece que “O estado do mundo está ligado ao estado de nossa mente” (1995, p. 22). Para ele, há uma urgente preocupação com tal estado, uma vez que ele acredita que, “Se o mundo está doente é indício de que nossa psique também está doente” (1995, p. 22). A ecologia interior e a exterior são colocadas em evidência por Boff ao considerar que ambas estão mutuamente condicionadas. Na sua concepção “Há agressões contra a natureza e vontade de dominação porque dentro do ser humano funcionam visões, arquétipos, emoções que levam a exclusões e a violências” (1995, p. 22). Demandas como

O universo das relações para com as coisas é internalizado, como a referência ao pai, à mãe, ao meio ambiente, etc.; esses conteúdos se transformam em valores e antivalores, atingindo as relações ecológicas de forma positiva ou negativa. O próprio mundo dos artefatos, da tecnificação das relações, gera uma subjetividade coletiva assentada sobre o poder, o status, a aparência e uma precária comunicação com os outros (BOFF, 1995, p. 22/23).

A importância da tomada de consciência sobre o papel dos seres na promoção e na manutenção da vida sobre a Terra é confirmada no discurso de Boff. O sucesso ou o fracasso das atividades humanas no mundo industrializado depende das ações por ele empregadas. Cada ser vivo exerce na natureza uma função cujo valor é substancial para a manutenção do equilíbrio do meio ambiente. “O contato com a natureza abriu a indagações e a novas questões; levou-nos a pensar quem nós somos e a que título nós participamos da evolução global do cosmos” (1995, p.

²⁸ “Sentir-se identificado com a natureza e saber que os seres humanos e a natureza pertencem ao mesmo ecossistema também causa certo medo e até reverência pelas forças da natureza” (Tradução nossa).

28). Se uma espécie é extinta, ou se ela aumenta desordenadamente, problemas ambientais graves podem ser provocados. Esta concepção engloba todas as plantas e animais que parecem insignificantes ou desnecessários para nós, como os insetos, por exemplo. Vale destacar que

Um ser vivo não pode ser visto isoladamente como um mero representante de sua espécie, mas deve ser visto e analisado sempre em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com todos os demais representantes da comunidade dos viventes em presença (biota e biocenose). Tal concepção fez com que a ciência deixasse os laboratórios e se inserisse organicamente na natureza, onde tudo convive com tudo formando uma imensa comunidade ecológica. Importa recuperar uma visão global da natureza e dentro dela as espécies e seus representantes individuais (BOFF, 1995, p. 18).

De acordo com o autor, há um questionamento importante acerca deste assunto, que anteriormente era tido como evidente na consciência coletiva e que agora é colocado em discussão: “Qual era a concepção do mundo indiscutível? Que tudo deve girar ao redor da idéia de progresso. E que este progresso se move entre dois infinitos: o infinito dos recursos da terra e o infinito do futuro” (BOFF, 1995, p. 16). Boff afirma que os homens acreditavam que a Terra forneceria recursos inesgotáveis e que o progresso em direção ao futuro ocorreria de forma constante e interminável. No entanto, ele reitera que essa ideia é ilusória uma vez que “os recursos têm limites, pois nem todos são renováveis; o crescimento indefinido para o futuro é impossível, porque não podemos universalizar o modelo de crescimento para todos e para sempre” (1995, p. 16). Pensar nestas demandas é imprescindível na atual conjuntura social.

Os reflexos da Revolução Industrial e, conseqüentemente, das demais Revoluções, trouxeram inúmeros benefícios para a humanidade, em especial a partir dos avanços tecnológicos. No entanto, tais avanços afetaram o meio ambiente de forma irreversível e violenta. O que resta deste quadro é a missão da atual geração e das gerações futuras, de cuidar da manutenção dos recursos não renováveis, uma vez que é necessário unir forças para um trabalho conjunto que busque a diminuição dos impactos ambientais. Além disso, é imprescindível a educação para a sustentabilidade.

Para justificar práticas antiecológicas, uma parte da população acredita que a preocupação com a sustentabilidade ambiental e com a manutenção da vida dos seres no planeta não deve ser uma responsabilidade da geração atual, pois somente as próximas terão a necessidade de se envolver ativamente com esta problemática. “A ecocrítica singulariza-se, entre as teorias literárias e culturais contemporâneas, por sua estreita relação com a ciência da ecologia” (GARRARD, 2006, p. 16). É importante, portanto, compreender que as teorias literárias precisam estabelecer um diálogo produtivo com as ciências, para que os seres humanos percebam que as decisões com relação ao cuidado com o meio ambiente têm que acontecer neste momento, justamente para que as gerações vindouras não sejam privadas dos recursos mínimos primordiais à sobrevivência.

3.3.1 As três ecologias de Félix Guattari

A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados (GUATTARI, 1990, p. 37).

Falar das mudanças que o mundo vem sofrendo implica em reconhecer também que tais modificações evoluem substancialmente para a degradação do meio ambiente e dos seres que nele habitam. As questões que versam sobre a atitude do seres humanos sobre a Terra e sua capacidade de criar as condições para seu conforto e bem-estar tem chegado a níveis irrecuperáveis de destruição, o que se tornou uma ameaça para a implantação e para a manutenção da vida no mundo. Félix Guattari, filósofo, psicanalista e militante revolucionário, ao manifestar sua revolta com o descaso sofrido pela natureza e com as consequências das ações humanas que promovem o agravamento das condições da vida no planeta, transmite seu posicionamento acerca das questões mais emergentes.

Segundo Guattari, tanto as estruturas políticas quanto as autoridades competentes e o poder executivo parecem não conseguir compreender a dimensão das implicações da problemática sócio-ambiental em crescimento no sentido de sanar completamente todo o conjunto de questões envolvidas. O autor reconhece, todavia, que tem havido um esforço para uma tomada de consciência diante dos

problemas mais marcantes, embora esteja restrito aos que envolvem o campo industrial, sob uma perspectiva tecnocrática. Para ele, somente por meio de “uma articulação ético-política — a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões” (1990, p. 8). Sabe-se, no entanto, que uma coisa leva a outra e que manter a articulação equilibrada entre os três registros é imprescindível para o futuro saudável do planeta.

Compreender, portanto, o teor das três ecologias se faz necessário. A finalidade da ecologia social, por exemplo, é possibilitar um novo olhar e uma forma de relacionamento interpessoal, nos mais diversificados âmbitos (amoroso, fraternal, social, como um todo). Para o autor, não se deve considerar, neste íterim, uma possível volta aos comportamentos sociais do passado, uma vez que na atualidade, a configuração mundial é outra, demograficamente. As relações eram mais sólidas quando as comunidades eram menores.

No que se refere à ecologia mental depreende-se que a mesma promove no ser humano uma nova ressignificação de sua relação com seu próprio corpo, compreendendo suas subjetividades em uma reflexão crítica. Conhecer as possibilidades e os limites do organismo, bem como as consequências das atitudes frente à psique é importante para que se possa promover o cuidado com o equilíbrio da mente. Já a ecologia ambiental preocupa-se com os equilíbrios naturais, que são alterados diante do desenvolvimento que o capitalismo promove. Os elementos poluidores e demais bens de consumo que as pessoas utilizam alteram o ecossistema e o coloca em desequilíbrio em grande escala, por todo o mundo.

Com relação aos impasses mais emergentes, pode-se começar com a superpopulação mundial, por exemplo, que é uma realidade estabelecida. Os principais problemas ambientais vividos pelas pessoas da atualidade são resultantes desta nova configuração populacional e da necessidade de se produzir cada vez mais para atender às demandas que o contingente requer. Consequentemente, aumenta-se a poluição do ar por gases poluentes gerados, principalmente, pela queima de combustíveis fósseis e pela atividade das indústrias; da água, por meio do desperdício e da poluição dos recursos hídricos provocada por despejos de esgotos e lixo e por acidentes ambientais; da poluição do solo provocada por acidentes nucleares que causam contaminação do mesmo por centenas de anos,

por meio da contaminação por agrotóxicos, fertilizantes e produtos químicos, bem como a produção e o descarte irresponsável do lixo que é uma das questões mais discutidas na atualidade, pois em muito pouco tempo não haverá mais local para descartá-lo, uma vez que já ocorre, por exemplo, a transferência de lixo de um país para outro.

Vale destacar também que as queimadas em matas e florestas com o intuito de ampliação de áreas para pasto ou agricultura além do desmatamento ilegal para a comercialização de madeira têm chegado a proporções irreparáveis e conseqüentemente promovem a extinção de espécies que já sofrem com as conseqüências da caça predatória e da destruição de ecossistemas, bem como o desgaste do solo que perde a fertilidade provocado pelo uso incorreto; além de toda a problemática que resulta do aquecimento global, devido à grande quantidade de emissão de gases que provoca a diminuição da camada de ozônio. É sabido que a sociedade está caminhando para sua degradação, no entanto, a dinâmica social e a comodidade que o mundo atual oferece parecem ofuscar as mentes no sentido de transferir a responsabilidade dos danos causados sempre para outrem, enquanto os problemas se agravam.

As questões ambientais já elencadas são exemplos, da atualidade, da degradação do meio ambiente por meio da ação humana. Guattari também considera, nesta perspectiva e para além destas, as que envolvem o desequilíbrio da ecologia social. Para tanto, ele discute questões acerca de perspectivas ético-políticas que perpassam as subjetividades da produção social humana como o racismo, o falocentrismo e os desgastes decorrentes de “um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais” (1990, p. 15-16). Segundo ele, são problemas que decorrem da produção dos indivíduos nos novos contextos históricos e que serão posteriormente comparados e discutidos nas análises das personagens escolhidas para este estudo. “A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho” (1990, p. 15-16). A principal preocupação aqui envolvida é com a reflexão que as pessoas precisam se ater sobre como viver a partir de agora, com relação ao seu comportamento diante do significativo crescimento demográfico, das demandas sociais que este crescimento promove e do desenvolvimento tecnológico-científico que permeia as

ações e as interferências humanas no meio. Pensar em novas soluções para os dilemas sociais não é algo simples, mas urgente. Diante deste dilema, Guattari pondera que

Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 1990, p. 12).

Entretanto, de acordo com Guattari, não há outra forma de obter uma “verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (1990, p. 9). A complexidade das ações humanas diante da exploração do ambiente natural e das relações subjetivas entre os pares são perpetuadas através dos séculos. Sabe-se que diversas problemáticas transitam entre as diferentes sociedades, nos períodos mais discrepantes da história da humanidade. Entretanto, “Os antagonismos de classe herdados do século XIX contribuíram inicialmente para forjar campos homogêneos bipolarizados de subjetividade” (1990, p. 10-11). O autor confirma tal proposição ao explicitar que “durante a segunda metade do século XX, através da sociedade de consumo, do *welfare*, da mídia ..., a subjetividade operária linha dura se desfez” (1990, p. 11). E confirma que “O antigo igualitarismo de fachada do mundo comunista dá lugar assim ao serialismo de mídia (mesmo ideal de *status*, mesmas modas, mesmo rock etc)” (1990, p. 11). A história se repete no decorrer dos séculos e a natureza padece as consequências da ação egoísta das pessoas.

Tais questões são indispensáveis para que ações efetivas de solução dos problemas ambientais se concretizem. Como será a vida sobre a Terra, no futuro está entre as diversas implicações sociais, diante do contexto exploratório pelo qual o planeta vem passando. O autor reforça ainda que “Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo”

(GUATTARI, 1990, p. 9). A aceleração tanto do crescimento demográfico, quanto do desenvolvimento tecnológico-científico demonstram que as possibilidades de controle e de equilíbrio estão ainda muito distantes. Guattari faz, neste sentido, uma espécie de balanço do comportamento dos seres humanos sobre o planeta. Para ele, “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração” (1990, p. 7). De acordo com suas considerações,

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão... (GUATTARI, 1990, p. 7).

É importante, pois, colocar em prática ações que promovam a redução das emissões de gases poluentes pelas indústrias, além de outras que se destinam ao controle rígido do desmatamento e das queimadas bem como a intensificação de propostas para o reflorestamento e proteção da água, do solo e dos seres vivos. De acordo com Guattari, somente em escala planetária será possível haver uma resposta efetiva à crise ecológica. Para o autor, a condição necessária para que isso ocorra se dará por meio de “uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (1990, p. 9). Os ecossistemas precisam ser respeitados e preservados. É necessário combater com seriedade os problemas elencados.

É preciso ainda, repensar as relações entre os próprios seres humanos. A convivência entre os pares também precisa estar equilibrada e em harmonia. Para tanto, a conscientização humana acerca da preservação e de sua interdependência com o meio ambiente deveria vir antes de qualquer outro interesse. Guattari destaca ainda que “Menos que nunca a natureza pode ser separada da cultura” (1990, p. 25). Os seres humanos precisam refletir sobre as suas interações, pois “precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referências sociais e individuais” (1990, p. 25), inclusive para o equilíbrio da ecologia psíquica, que segundo o autor, é imprescindível a todas as pessoas.

A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os "mistérios" da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais "psi", sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade (GUATTARI, 1990, p. 16).

Perceber a incidência das questões ambientais e a necessidade de cuidados com o meio ambiente deve ser a primeira atitude humana para que as ações se efetivem, além de considerar as questões subjetivas que envolvem as pessoas e o equilíbrio de sua ecologia psíquica. Ao ter contato com a literatura, os leitores de todos os tempos podem analisar o passado para compreender o presente. *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, de Mary Shelley, oferece ao leitor uma gama de descrições ambientais, sociais e comportamentais que, mesmo não tendo sido escrito para esta finalidade, pode proporcionar ao mesmo, momentos de reflexão e de análise. Sabe-se, por exemplo, que as paisagens descritas na obra já não são mais as mesmas. Os cenários mudaram com o passar dos anos, devido à interferência humana no meio ambiente.

A sociedade da época, apresentada pela escritora britânica, tinha uma relação diferente tanto com a natureza e com os recursos então disponíveis como com as relações interpessoais. A necessidade de repensar o papel do humano na natureza não era, naquele período, algo urgente como se configura na atualidade. Mas, embora não houvesse então o termo "ecológico", havia uma consciência voltada para o respeito à vida como um todo no sentido holístico e para as relações da vida como uma teia com a ligação existente entre os seres. Vale ressaltar que, com o passar dos séculos "Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana (GUATTARI, 1990, p. 27). Para o autor, é necessário ter um olhar mais aguçado para os grupos que são "esmagados sob uma camada de silêncio". São os grupos mais fragilizados das sociedades que precisam ser reintegrados. A forma de se relacionar com seus pares precisa ser revista, afinal, ninguém pode viver de forma isolada, individualizada. Os homens precisam uns dos outros para a sua sobrevivência e todos os organismos precisam estar em harmonia sobre a Terra.

4. COMPREENDENDO ALGUNS ELEMENTOS DA NARRATIVA

It was your journal of the four months that preceded my creation. You minutely described in these papers every step you took in the progress of your work; [...] Every thing is related in them which bears reference to my accursed origin; the whole detail of that series of disgusting circumstances which produced it is set in view; the minutest description of my odious and loathsome person is given, in language which painted your own horrors and rendered mine indelible²⁹
(SHELLEY, 2003, p. 132-133).

O romance de Mary Shelley já foi amplamente explorado por estudiosos e continua despertando o interesse de pesquisadores dos mais diferentes campos do conhecimento. Dentre eles há os que se preocuparam com a análise dos aspectos da narrativa. Apesar de a proposta deste estudo ser a realização de uma análise das personagens baseada nos conceitos ecocríticos e ecosóficos, este subcapítulo tem por objetivo resgatar alguns elementos da narrativa que são importantes para a compreensão da obra e que serão brevemente abordados neste estudo.

É relevante destacar, por exemplo, no plano da expressão, o uso da linguagem figurativa, acerca dos vocabulários selecionados para compor o discurso das personagens, principalmente por Victor Frankenstein. Tal seleção vocabular é importante para a compreensão do papel do cientista na trama, de sua forma de se posicionar diante das pessoas e do mundo dentro do contexto do qual faz parte. De acordo com Eggenesperger, “As metáforas que Frankenstein usa para explicar seus interesses científicos envolvem os campos lexicais da sexualidade masculina, do militar e da tortura” (2017, p. 149-150). A conduta dominadora de Frankenstein se mostra na sua linguagem. É importante considerar a forma como o cientista se expressa para compreender a dimensão de seus atos. “My temper was sometimes violent, and my passions vehement; but by some law in my temperature they were turned not towards childish pursuits but to an eager desire to learn, and not to learn

²⁹ Era o seu diário dos quatro meses que precederam a minha criação. Nesses papéis estava minuciosamente descrito cada passo seu no progresso de sua obra; [...] Tudo o que se refere a minha origem maldita está neles relatado; todos os detalhes dessa série de repulsivas circunstâncias que a produziram estão expostos; é feita uma descrição minuciosa de minha hedionda e repugnante pessoa, numa linguagem que retrata todo seu horror e que tornou o meu indelével (SHELLEY, 2012, p. 146).

all things indiscriminately”³⁰ (SHELLEY, 2003, p.39). Estes são aspectos que auxiliam na caracterização do perfil do cientista como um homem destemido e ousado, condizente com sua posição social e com os avanços tecnológicos que ele passa a ter contato.

É relevante destacar que o contexto histórico e social no qual a história acontece também tem um papel importante na composição das personagens e na forma como se expressam. A forma como o cientista, por exemplo, empreende em seu trabalho com a utilização de meios antiéticos e agressivos, revela o quanto a vida desta personagem singular foi movida pela ânsia por uma conquista que somente seria possível a partir da nova configuração social que se estabelecia e isto é aparente na maneira com que ele se expressa. A constituição de sua personalidade é fruto de uma sociedade que vivia os resquícios das revoluções e tinha a força e os desejos que as mesmas, social e culturalmente, imprimiam no sentimento desse homem que se considerava forte o suficiente para impor suas regras e ter seus desejos atendidos. Segundo Eggensperger, ao se referir a Victor Frankenstein, “Suas características pessoais, sua paixão e loucura obviamente têm a ver com o processo histórico da época, com as relações de gênero em vigor, inclusive com poder e domínio masculinos” (2017, p. 150). O autor relata ainda sobre a forma com que Victor dá vida a sua criatura, sem a participação de uma mulher. Percebe-se, nesta ação, o reforço do desejo masculino pelo domínio completo das coisas, inclusive da formação de um outro ser, algo cuja participação do elemento feminino é indispensável. Há em Victor a confiança em seu potencial masculino de forma a anular a participação da mulher. Dentre outras características que parecem mover o ser humano para um caminho no qual sua força supera a necessidade do feminino e impõe nele sua força, Eggensperger retoma as seguintes assertivas. Victor

descreve-se como “alguém permanentemente imbuído de uma fervorosa necessidade de penetrar os mistérios da natureza”, lamentando “a fortaleza e os obstáculos que pareciam impedir os seres humanos de adentrar a cidadela da natureza” (SHELLEY, 2015, p. 109). A razão científica que ele começa a desenvolver na juventude está sempre ligada ao poder de domínio, de perseguir “a natureza em seus refúgios ocultos”, mesmo

³⁰ Minha índole era às vezes violenta, e minhas paixões veementes; mas por alguma lei de meu temperamento elas se voltavam não para ocupações infantis, mas para um ávido interesse em aprender, mas não em aprender de tudo indiscriminadamente (SHELLEY, 2012, p. 42).

quando isso implica em “revolver o pântano profanado das sepulturas” ou em “torturar um animal vivo” (Ibid., p. 127). Tudo é permitido para arrancar o véu de Ísis (Hadot), podendo assim revelar “ao mundo os mais profundos mistérios da criação” (EGGENSPERGER, 2017, p. 150).

É possível perceber também, no trecho descrito, a incidência de elementos sugestivos da sexualidade masculina. Eggensperger ressalta ainda, que no romance, inclusive no trecho acima, o cientista retoma elementos do campo lexical militar para explicar os obstáculos por ele encontrados frente ao seu trabalho. O mundo dos homens, mais especificamente do masculino, perpassa seus ideais e suas análises do produto de seus esforços. No entanto, quando ele percebe o fracasso de seu empreendimento enquanto ser social, percorre suas reflexões, uma autoanálise ao dizer que estaria “pregando moral na parte mais interessante” de sua história. Nas palavras do cientista, “A human being in perfection ought always to preserve a calm and peaceful mind, and never to allow passion or a transitory desire to disturb his tranquility”³¹ (SHELLEY, 2003, p. 56). Tal constatação se deu no momento no qual ele considerou seu projeto fracassado, o que não condizia com suas convicções nos demais entrelaçamentos da trama. Durante a maior parte da narrativa, Victor tinha os olhos voltados somente para o sucesso de sua tarefa. Ele não considerava, a princípio, que pudesse falhar. No entanto, para ele, neste momento de reflexão acerca dos resultados obtidos e, segundo a ideia de preservar a mente calma e não deixar que os desejos influenciassem nos atos do ser humano, ele afirma que

If this rule were always observed; if no man allowed any pursuit whatsoever to interfere with the tranquility of his domestic affections, Greece had not been enslaved; Caesar would have spared his country; America would have been discovered more gradually; and the empires of Mexico and Peru had not been destroyed³² (SHELLEY, 2003, p. 56).

³¹ Um ser humano deve sempre preservar a mente calma e tranquila e nunca permitir que a paixão ou um desejo transitório perturbem sua paz (SHELLEY, 2012, p. 63).

³² Se essa regra tivesse sido sempre observada, se nenhum homem tivesse deixado um objetivo qualquer interferir na tranquilidade de suas afeições domésticas, a Grécia não teria sido escravizada, César teria poupado seu país, a América teria sido descoberta mais gradualmente, e os impérios do México e do Peru não teriam sido destruídos (SHELLEY, 2012, p. 63 - 64).

A força masculina, no trecho descrito, remete aos infortúnios cometidos pelos homens no decorrer dos séculos. Ao homem, em detrimento da mulher, sempre foi reservado o atributo de dominador, de se relacionar de forma ativa com o bélico, de explorar, de violar, de usar de força física para alcançar seus objetivos. Com relação à tortura de outros seres, as atitudes do cientista neste quesito também aparecem na narrativa por meio da sua linguagem que demonstra, novamente, sua conduta dominadora e violenta. “Who shall conceive the horrors of my secret toil as I dabbled among the unhallowed damps of the grave or tortured the living animal to animate the lifeless clay”³³ (SHELLEY, 2003, p. 55)? Além dos elementos brevemente retomados aqui com relação à utilização de metáforas dos campos militares, da sexualidade masculina e da tortura, outros estudos aprofundaram as questões acerca dos elementos da narrativa que são relevantes para a compreensão da análise aqui proposta. De acordo com Rodrigues e Lucas,

A obra literária adota o gênero dos romances epistolares, isto é, contado a partir de cartas do narrador-protagonista para um personagem que assume a postura do leitor. Nesse contexto, desenvolve também anacronismos, mudanças na ordem narrativa coerentes com o ritmo e o desenvolvimento da trama no texto escrito (RODRIGUES; LUCAS, 2018, s/p).

No plano da narrativa, percebem-se, portanto, três níveis narrativos na composição do texto de Mary Shelley. O romance apresenta, diferentes narrativas encaixadas e a estrutura acontece de forma a alternar os narradores. O navegador Robert Walton introduz a história do cientista Victor Frankenstein por meio de cartas para sua irmã Margaret Saville que descrevem sua experiência na expedição “You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of na enterprise which you have regarded with such evil forebodings”³⁴ (SHELLEY, 2003, p. 15). A princípio, a obra de terror gótico consiste, a partir das cartas do navegador, em uma narração com foco em primeira pessoa, ou seja, com narrador homodiegético.

³³ Quem seria capaz de imaginar os horrores de minha empresa secreta, profanando sepulturas úmidas, torturando animais vivos, só para animar o barro sem vida? (SHELLEY, 2012, p. 62).

³⁴ Você vai ficar contente em saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão sinistros presságios (SHELLEY, 2012, p. 19).

No entanto, grande parte do romance é narrada em primeira pessoa pelo próprio personagem central da história, o cientista Victor Frankenstein, narrador autodiegético em discurso direto. “I am by birth Genevese, and my Family is one of the most distinguished of that republic”³⁵ (SHELLEY, 2003, p. 33). Dos capítulos de 1 a 10, o cientista conta a história, no núcleo central do enredo, relatando as suas atividades e o processo pelo qual empreendeu; na sequência, a criatura ganha voz como narradora dos capítulos de 11 a 16 (que estão estruturalmente no centro da obra), no qual ela relata seus momentos vividos. Isto acontece nas reminiscências de Frankenstein, quando o ser criado por ele apresenta suas considerações: “Such was the history of my beloved cottagers. It impressed me deeply. I learned, from the views of social life which it developed, to admire their virtues and to deprecate the vices of mankind”³⁶ (SHELLEY 2003, p.130). A fala da criatura é delimitada na obra por meio da utilização de aspas. Dos capítulos 17 a 24 Victor retoma o processo de narração do romance e o mesmo se encerra com as novas cartas de Walton. Há ainda, algumas cartas de Elizabeth e do pai de Victor inseridas no texto que ajudam a compor a trama.

Há, portanto na história três narrativas encaixadas: do viajante Robert Walton, de Victor Frankenstein e do Monstro. Além disso, é interessante ressaltar, ainda de acordo com a análise dos autores a partir dos conceitos discutidos por Yves Reuter na obra *A análise da narrativa*, que este movimento de alternância de narradores revela o caráter circular da narrativa. Rodrigues e Lucas, ao retomar o conceito de Reuter, afirmam que “Os relatos de Victor e do monstro são contados em analepse, ou anacronia por retrospecto, que interrompe o fluxo narrativo presente para retomar fatos que ocorreram no passado” (REUTER, 2002, p. 95 *apud* RODRIGUES; LUCAS, 2018, s/p). Apesar de estar entremeada pelos outros dois narradores e por outros locais descritos, o espaço físico de início do romance é o mesmo no qual a história se encerra: as geleiras do ártico, que aparecem descritas na voz do capitão Robert Walton, narrador da primeira e da última parte da trama.

Com relação ao tempo e espaço, a obra compreende basicamente dois espaços físicos principais: Genebra, na Suíça e Ingoldstadt, na Alemanha. O tempo

³⁵ Nasci em Genebra, e sou de uma das famílias mais ilustres dessa república (SHELLEY, 2012, p. 36).

³⁶ “Essa é a história de meus amados amigos. Impressionou-me muito. Passei a admirar, pela abrangente visão da vida social que ela me dera, as virtudes deles, e a condenar as imoralidades da humanidade. (SHELLEY, 2012, p. 143).

presente e fictício é sugerido (17_) nas cartas de Walton. A obra apresenta o ambiente gelado e hostil próximo ao Pólo Norte. Quando Victor relembra os fatos de sua infância, a narrativa passa a acontecer no tempo passado, tendo como espaço o local de moradia da família de Victor, Genebra, onde ele cresceu e viveu boa parte de sua vida. Convém lembrar que “O termo espaço, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um "lugar" psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo ambiente” (GANCHO, 2002, p. 23). Na sequência, o cientista conta que, em sua juventude, iniciou seus estudos na Universidade de Ingolstadt, na Alemanha. Lá ele aprendeu sobre química e desenvolveu a capacidade de produzir vida em laboratório. Há um momento, entretanto, no qual Victor, em companhia de seu amigo Henry Clerval, viaja para a Inglaterra para conceber o segundo projeto: uma companhira para a criatura. Conforme narrativa avança, os acontecimentos se alternam entre os espaços já citados e o ambiente é colocado em evidência.

No que se refere às personagens, as três escolhidas para compor este estudo (Victor Frankenstein, sua criatura e o capitão Robert Walton) serão posteriormente analisadas, com especial destaque para a análise das três ecologias preconizadas por Félix Guattari. No entanto, alguns aspectos importantes podem ser destacados aqui. De acordo com Gancho, “o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação” (2002, p. 14). Victor Frankenstein é o protagonista da história e a criatura, antagonista, são considerados personagens redondos, dada a complexidade de suas características, de forma especial às relacionadas ao seu aspecto psicológico.

É possível perceber, no trecho narrado pelo cientista, um pouco de sua caracterização. “I feel exquisite pleasure in dwelling on the recollections of childhood, before misfortune had tainted my mind, and changed its bright visions of extensive usefulness into gloomy and narrow reflections upon self”³⁷ (SHELLEY, 2003, p. 40). No caso da criatura, além do psicológico, as características físicas se destacam na narrativa, o que faz com que acrescente riqueza de detalhes e de descrições à obra.

³⁷ É com um prazer todo especial que me demoro em minhas memórias de infância, antes de a desgraça ter contaminado minha mente a ponto de transformar suas visões brilhantes de utilidade abrangente em reflexões estreitas e sombrias sobre mim mesmo (SHELLEY, 2012, p. 43).

A flash of lightning illuminated the object, and discovered its shape plainly to me; its gigantic stature, and the deformity of its aspect, more hideous than belongs to humanity, instantly informed me that it was the wretch, the filthy daemon to whom I had given life³⁸ (SHELLEY, 2003, p.77)

Já capitão Robert Walton é um personagem secundário, com menor importância para o conflito dramático principal. Suas ações são previsíveis e, apesar de relativamente arriscadas e de haver se contradito, em outros momentos, com relação ao que se refere ao trecho a seguir, são ponderadas, a princípio, por seu caráter cuidadoso. “I shall do nothing rashly: you know me sufficiently to confide in my prudence and considerateness whenever the safety of others is committed to my care”³⁹ (SHELLEY, 2003, p. 21). As personagens femininas serão brevemente contempladas e terão suas características analisadas posteriormente com o intuito de compor o estudo das três personagens selecionadas para esta pesquisa.

No plano da metanarrativa é possível elencar diversas temáticas que podem ser sugeridas no romance. Questões ambientais, sociais, do campo das Ciências, da Tecnologia, da Saúde, da Teologia e da Filosofia, da Biologia, enfim, como já referenciado. *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, possibilitou e ainda oferece um vasto campo de estudos. Questões como os sentimentos de preconceito e injustiça sofridos pela criatura, além do julgamento que sofre por sua aparência horrenda são apresentados no contexto. À mesma são imputados sentimentos de inveja que ela manifesta ao se perceber desamparada por seu criador e agredida por outros seres humanos.

A obra não apresenta, de forma explícita, por exemplo, as demandas religiosas. No entanto há intertextualidade com textos bíblicos no que se refere ao poder de criação e da queda do homem e em obras que retratam a temática religiosa como a referência à obra *Paradise Lost*, de John Milton. Em diversos momentos da trama, Adão e o anjo caído são citados, dentre outros elementos da cultura cristã que se relacionam com a criação da vida. Há também outras referências que podem remeter à crise de identidade como aparece, por exemplo,

³⁸ O clarão de um raio iluminou a coisa e revelou nitidamente sua forma para mim; sua estatura gigantesca, seu aspecto disforme, mais hediondo do que humano, imediatamente me deram a certeza de que era o infeliz, o repulsivo demônio a quem eu dera a vida. (SHELLEY, 2012, p. 86).

³⁹ Não farei nada com precipitação; você me conhece o suficiente para confiar na minha prudência e consideração sempre que a segurança de outras pessoas está em minhas mãos (SHELLEY, 2012, p. 25).

em *Fausto*, de Goethe. “One of the phenomena which had peculiarly attracted my attention was the structure of the human frame, and, indeed, any animal endued with life. Whence, I often asked myself, did the principle of life proceed”⁴⁰ (SHELLEY, 2003, p. 52)? Para além das outras temáticas aqui brevemente apresentadas, como se percebe, abrem-se questionamentos em *Frankenstein*, assim como também enunciados na obra alemã, sobre o sentido da vida e sobre o segredo da criação.

Um dos anseios desta análise é destacar ainda, a relação da obra com a natureza nela descrita. O meio natural é apresentado na obra como um gigantesco artefato da criação divina. Para além da análise da narrativa, há estudos que apontam, na atualidade, para o processo de autopoiese que expressa a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios e que introduz a próxima discussão sobre o romance. O vocábulo foi estabelecido na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. “Nossa proposta é que os seres vivos se caracterizam por, literalmente, produzirem-se continuamente a si mesmos - o que indicamos ao chamarmos a organização que os define de organização autopoietica” (1995, p.84-85). Segundo os autores

a conservação da autopoiese e a conservação da adaptação são condições necessárias à existência dos seres vivos. A mudança estrutural ontogênica de um ser vivo no seu meio será sempre uma deriva estrutural congruente entre o ser vivo e o meio. Ao observador, essa deriva parecerá "selecionada" pelo meio ao longo da história de interações do ser vivo, enquanto estiver vivo. p. 137

É importante considerar a dinâmica existente entre os seres que compartilham do planeta terra. Além do estudo da narrativa e do conceito de autopoiese, brevemente definido aqui, a definição de antropoceno, será abordada no próximo subcapítulo por ser relevante para a análise proposta com relação ao conceito de ecocrítica e em como ela ocorre nos estudos literários.

⁴⁰ Um dos fenômenos que mais destacadamente atraía minha atenção era a estrutura do corpo humano, e mesmo a de qualquer animal dotado de vida. De onde provém, me perguntava com frequência, o princípio da vida (SHELLEY, 2012, p. 58)?

5. O ANTROPOCENO

This we know: the earth does not belong to man, man belongs to the earth. All things are connected like the blood that unites us all. Man did not weave the web of life, he is merely a strand in it. Whatever he does to the web, he does to himself⁴¹ (Chief Seattle's Letter).

Diante das diversas problemáticas que envolvem o meio ambiente na contemporaneidade, surgem inquietações que precisam ser levadas à reflexão. Considerar os problemas ambientais existentes no planeta é uma das premissas aqui discutidas. Muitas são as abordagens sobre tais enfrentamentos que motivam um olhar mais crítico sobre o futuro do planeta. Ampliar a discussão para além das questões elencadas pelos estudos ecológicos, buscando analisar sua relação com a literatura, em especial com a obra *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, de Mary Shelley ordena a maior parte da pesquisa. As palavras de Turner traduzem bem esse propósito: “I argue that Shelley provides a cultural critique about human practices, such as science and global commerce and its effects on ecosystems that continue to have explanatory power in the presente⁴²” (2015, p. 6). Sabe-se que há um agravamento nas condições de vida de todas as espécies da Terra. Todos, pessoas, animais e demais organismos vivos estão imersos nas consequências da falta de comprometimento com o bem-estar de todos e com o cuidado com a casa comum.

Perceber a incidência de catástrofes ambientais pode ser o primeiro passo para que as discussões possam ser inseridas nos mais diversificados contextos sociais. Sabe-se que a natureza sempre esteve subordinada à ação humana a partir do progresso do capitalismo e com todas as suas reverberações que preconizaram o processo de desenvolvimento que provocou a modificação do meio para atender à força produtiva da sociedade. Ao considerar a natureza infinita, o ser humano deixa de contemplá-la com o intuito de dominá-la. A partir dos séculos XIX e XX, ela foi fragmentada e transformada pela técnica.

No entanto, ter esta percepção não é suficiente para que os problemas sejam solucionados. Para tanto, este estudo parte da análise literária para possibilitar a

⁴¹ Isso sabemos: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Todas as coisas estão conectadas como o sangue que nos une a todos. O homem não teceu a teia da vida, ele é apenas um fio nela. Tudo o que ele faz na teia, ele faz consigo mesmo (Tradução nossa).

⁴² Eu argumento que Shelley faz uma crítica cultural sobre práticas humanas, como ciência e comércio global e seus efeitos sobre ecossistemas que continuam a ter poder explicativo no presente.

reflexão sobre as principais demandas neste sentido. Sabe-se que a população mundial triplicou desde 1950 e há uma necessidade urgente de gerir os recursos naturais de forma a garantir que as espécies sejam preservadas. A partir de meados dos anos 1960, os recursos naturais foram considerados em escassez e iniciou-se uma crise que demonstrou o quanto o crescimento econômico foi agravante neste processo.

Além disso, a tecnologia modifica essa dinâmica, tanto por dar origem a novas demandas quanto por contrabalançar ou exacerbar a escassez, por meio de processos modificados de extração ou produção. Em outras palavras, “escassez” não é um simples fato objetivo do mundo natural, mas uma função da vontade dos meios do capital: dos fins que norteiam a produção e das tecnologias que facilitam (GARRARD, 2006, p. 48).

Os estudos ecocríticos e ecosóficos, como já ilustrado norteiam esta pesquisa e considera, dentre outros aspectos, um tema de discussão emergente: o antropoceno. Tido como uma nova era geológica, ainda em processo de definição, o antropoceno é matéria de estudos e pesquisas de diversos campos do conhecimento. O termo tem sido empregado com frequência por pesquisadores e profissionais de diversas áreas para ressaltar que a humanidade está interferindo e alterando o planeta Terra. Klaus Eggensperger afirma que “Atualmente, na segunda década do novo século, a comunidade científica discute a questão se a Terra mudou de época geológica” (2017, p. 149). É importante ressaltar que o colapso em questão reflete todo um processo de degradação do meio ambiente por séculos. Há uma crise relacionada às sociedades que tem relação direta com suas ações no meio, uma vez que o ser humano produziu uma consciência de si que se colocou como dominador da natureza. Para introduzir o conceito do antropoceno, este trabalho se vale das reflexões de diferentes estudiosos.

De acordo com Eggensperger, são diversos os pesquisadores que “defendem que o antropoceno, a época em que os humanos modificam o planeta de maneira impactante e irreversível” (2017, p. 149). Segundo o autor, isto “começou por volta de 1800 com a primeira revolução industrial em andamento” (2017, p. 149). É importante destacar que o termo é relativo à área da Geologia e diz respeito aos efeitos da ação humana sobre os mais variados sistemas da Terra. Contudo, o

conceito do antropoceno é bastante abrangente e não se refere apenas ao momento geológico, mas indica uma mudança radical que é também histórica e cultural advinda das ações humanas sobre os sistemas terrestres. Tais ações sobre o meio postulam uma nova configuração socioambiental que reflete, inclusive, em novas formas de viver e de se relacionar com o meio e com os demais seres.

Compreender o conceito é algo um tanto quanto complexo, dada as inúmeras interpretações no campo científico de como ocorrem os efeitos das atividades dos seres humanos sobre os ecossistemas. Desde os tempos mais remotos, por exemplo, o planeta vem sendo transformado de forma exorbitante. A humanidade precisa se adaptar a esta nova estrutura causada pelos impactos que não se encerram em si: os conflitos continuarão a existir e é urgente que o ser humano repense seu papel neste contexto. Kyndra Turner, em sua pesquisa *From Frankenstein to District 9: Ecocritical Readings of Classic and Contemporary Fiction and Film in the Anthropocene* retoma o conceito e relata que

According to Crutzen and Stoermer, the “Anthropocene,” began some two hundred years ago (conventionally understood to begin with the invention of the steam engine in 1784) when global patterns of climate, economics, and migration began to change due to human activity. This implies that human activities around the world are increasing the vulnerability not only of human to environmental disaster and risk, but all life on the planet⁴³ (TURNER, 2015, p. 2).

Para Turner, as artes, em especial a literatura e os filmes, além das humanidades, contribuem para que as discussões acerca das demandas que envolvem o antropoceno aconteçam. De acordo com ela, somente os cientistas não conseguirão, sozinhos, resolver os desafios globais. Deve ser considerada, neste contexto, toda construção humana que interfere na natureza e em como as pessoas podem rever suas ações. Com relação às especificidades que envolvem a questão relacionada ao antropoceno, muitos cientistas, historiadores, pesquisadores, dentre tantos estudiosos, estão imprimindo esforços para definir a nova era geológica e

⁴³ Segundo Crutzen e Stoermer, o "Antropoceno", começou há cerca de duzentos anos convencionalmente entendido como com a invenção do motor a vapor em 1784) quando padrões globais de clima, economia e migração começaram a mudar devido à atividade humana. Isso implica que atividades humanas em todo o mundo estão aumentando a vulnerabilidade não apenas de desastre e risco ambientais, mas de toda a vida no planeta (Tradução nossa).

mudar o paradigma existente. De acordo com suas considerações todas as pessoas precisam estar engajadas no processo de mudança de comportamento frente aos problemas existentes. “Everyone, including humanists and ordinary citizens, are called into the discussion and challenged to act and make a difference”⁴⁴ (2015, p. 2). É imperativo que toda a sociedade se una para que se possa implementar ações que protejam o meio ambiente da ação antiecológica do ser humano. Segundo a autora,

Scientists are telling us that such changes in behavior are crucial to “shifting the direction” of rapidly accelerating biogeochemical processes on the planet that are human-caused and which are leading to a warming climate, acidifying and rising oceans, displaced communities, species extinctions, and political conflict⁴⁵ (TURNER, 2015, p. 2).

As artes, como já explicitado, contribuem para promover debates acerca das temáticas que envolvem a crise ambiental. A pesquisadora Sonia Torres (2017), em análise às narrativas de catástrofes, cita Boes e Marshall e, ao considerar o termo antropoceno, afirma que o mesmo traz “um *double bind*: põe o humano novamente, no centro, e aponta, a um mesmo tempo, para a época pós-humana, numa espécie de oximoro” (2017, p. 96). De acordo com a pesquisadora, isto ocorre porque “para alguns críticos, o pós-humano antecipa o evento da “Singularidade” – i.e., o futuro pós-biológico da humanidade, geralmente tendo máquinas como nossos descendentes evolucionários” (2017, p. 96). É importante utilizar também dessas narrativas apocalípticas para que as pessoas possam compreender que suas ações têm impactos no meio que podem ser irreversíveis. De acordo com Torres, há uma hipótese que precisa ser explorada: “a narrativa pós-humana apocalíptica assinala o fim do mundo (pelo menos como o conhecemos) e é, nesse sentido, a representação de um colapso radical da ordem, um pesadelo da anarquia extrema (desaparecimento do Estado)” (2017, p. 97). Ainda de acordo com as reflexões de Torres sobre os textos apocalípticos, ela afirma que neles, “a metrópole aparece

⁴⁴ Todos, incluindo humanistas e cidadãos comuns, são chamados à discussão e desafiados a agir e fazer a diferença (Tradução nossa).

⁴⁵ Os cientistas estão nos dizendo que tais mudanças de comportamento são cruciais para "mudar a direção" de acelerar rapidamente processos biogeoquímicos no planeta causados por seres humanos e que estão levando a um clima quente, oceanos acidificantes e crescentes, comunidades deslocadas, espécies em extinções e conflitos políticos (Tradução nossa).

como um espaço de inclusão social” (2017, p. 97). Neste sentido, destaca-se a importância das artes, em especial da literatura, para que as discussões possam ser disseminadas.

Ao considerar os mais variados campos do conhecimento que discutem a temática, destaca-se a entrevista para o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, publicada em 02 de maio de 2018, por exemplo, na qual Sonia Maria Barros de Oliveira, geoquímica do Instituto de Geociências (IGc) da USP, afirma que os trabalhos da Comissão Internacional de Estratigrafia (um organismo da União Internacional de Ciências Geológicas) para a definição de uma nova época da Terra, o antropoceno, estão bastante avançados. Esta nova época, de acordo com estudos de diferentes pesquisadores e com a abordagem da geoquímica na entrevista citada, marca o período que resulta do impacto das ações humanas no planeta. De acordo com a previsão destacada na matéria, a decisão final sobre tal definição será tomada em Nova Delhi, na Índia, em 2020, durante o Congresso Internacional de Geologia.

Ao fazer uma exposição no encontro *Conversa sobre o Antropoceno*, no dia 24 de abril, segundo a publicação da USP (2018), Sonia debateu com o jornalista Reinaldo José Lopes, da Folha de São Paulo e com o coordenador do evento, o economista José Eli da Veiga, do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP. A proposta do debate era tratar dos critérios a serem utilizados para a definição da nova época geológica. Vale ressaltar que o intuito era considerar os pressupostos das ciências naturais e contemplar os vinculados às ciências sociais. De acordo com Veiga, para discutir o antropoceno, deve-se levar em consideração a hipótese Gaia, proposta pelo cientista britânico James Lovelock em 1979, que vê o planeta como um único organismo vivo. É importante considerar que

Gaia, de qualquer modo, não é simplesmente idêntica à Terra. É um constructo hipotético da teoria de Lovelock, um símile do planeta, apreendido “como se” fosse um organismo. À medida que a teoria for aprimorada, Gaia deverá passar a parecer cada vez mais com a Terra que conhecemos e habitamos, mas continuará indefinidamente aberta à refutação pelos cientistas (GARRARD, 2006, p. 244-245).

As discussões, portanto, acerca do antropoceno, precisam ser intensificadas, não apenas com relação à definição do termo e ao período compreendido. Mas, com o intuito de que as pessoas compreendam que os efeitos danosos do ser humano sobre o ecossistema e sobre as demais pessoas fizeram e fazem com que haja uma mudança na configuração do planeta e da vida das espécies, o que provoca um desequilíbrio em escala global e com consequências avassaladoras e, na maioria dos casos, irreversível. Por este motivo, encontros, debates, reuniões e propostas de intervenção e de mudanças de paradigmas precisam ser também definidas.

À medida que as pessoas se conscientizam da necessidade de evitar ou de amenizar os desequilíbrios ecológicos iminentes, discutir o assunto torna-se imperativo, estabelecer estratégias de investigação dos problemas e de intervenção no meio é algo urgente. Segundo o professor Manuel Bogalheiro, se desde os primórdios existe a presença da humanidade, não é, portanto, algo simples de elaborar o conceito de uma “natureza pura”, uma vez que a mesma, segundo o autor, é híbrida por ser tanto humanizada quanto artificializada. Para ele, “na nova era geológica do Antropoceno, a natureza, numa espécie de ciclo vicioso, não pode mais ser vista sem que, radicalmente, esteja em colapso e/ou em reconstituição” (2018, p. 53). Ainda segundo o professor, é importante perceber que toda “ação humana técnica sobre o ecossistema terrestre se transformou na principal força de constituição (artificial) do planeta, ao ponto de se defender que se terá inaugurado uma nova época geológica, o Antropoceno” (2018, p. 51-52). Outra questão importante precisa ser elencada. O professor afirma que quando isto ocorre, é o momento no qual também “se percebe que – apesar de nos parecer reforçada a nossa posição antropocêntrica no controlo do planeta – se está perante uma circunstância de extrema precariedade ecológica” (2018, p. 51-52). Neste sentido, unir forças parece ser o caminho para que as ações para a promoção da vida mais saudável no planeta se concretizem.

Diante do exposto, ressalta-se, novamente, a importância dos textos literários para fomentar tais discussões e reflexões que promovam novos pensamentos e, por assim dizer, novos encaminhamentos das ações humanas sobre o mundo natural. *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, revela o quanto, por exemplo, a paisagem do Ártico mudou, desde o período no qual as personagens por lá circulavam, bem como o período no qual viveu a escritora Mary Shelley. Atualmente a paisagem natural não condiz com as descrições que o romance apresenta.

By analyzing Shelley's nineteenth century canonical text in relation to past and present social and environmental issues in the global North, such as climate change and the race among Northern nations for potential natural resources and trans-Arctic shipping routes, one can see how readings in the Anthropocene can contribute to the growing awareness of long term/large scale human impacts on the planet⁴⁶ (TURNER, 2015, p. 31).

Cerca de duzentos anos após a publicação do romance, o planeta está diferente, continua a ser transformado e demonstra claramente a ação impiedosa do ser humano frente ao meio ambiente. Vale destacar ainda que as mudanças climáticas atuais nos Alpes, por exemplo, estão estabelecendo uma nova configuração da paisagem. E o Mont Blanc, cenário mais importante para o enredo da obra de Mary Shelley, que sofre com as modificações ambientais no decorrer dos séculos, já não é mais como descrito pela autora. Toda a magnitude e imponência do Mont Blanc que a autora imprimiu em seu texto e que faz parte da memória cultural do meio ambiente local também está comprometida. Kyndra Turner utiliza-se da obra da escritora britânica para discutir a temática da interferência humana no meio ambiente, com destaque para os problemas que envolvem, por exemplo, o Polo Norte, com o intuito de rever as ações do ser humano contemporâneo.

Specifically, I examine how Captain Walton's polar exploration for the magnetic secrets of the North Pole and his contact with Victor Frankenstein and the Monster becomes a metaphor for the ways in which human activities today are impacting the world's most vulnerable nonhuman species and people groups in the global North⁴⁷ (TURNER, 2015, p. 6).

⁴⁶ Ao analisar o texto canônico do século XIX de Shelley em relação às questões sociais e ambientais do passado e do presente no norte global, como as mudanças climáticas e a corrida entre as nações do norte por potenciais recursos naturais e rotas marítimas trans-árticas, pode-se ver como as leituras no antropoceno podem contribuir para a crescente conscientização dos impactos humanos de longo prazo / em larga escala no planeta (Tradução nossa).

⁴⁷ Especificamente, eu examino como a exploração polar do capitão Walton para os segredos magnéticos do Polo Norte e seu contato com Victor Frankenstein e o Monstro se tornam uma metáfora para as maneiras pelas quais as atividades humanas hoje estão impactando as mais vulneráveis espécies não humanas do mundo e os grupos de pessoas no norte do globo (Tradução nossa).

As questões ambientais que são passíveis de discussão na atualidade, a partir da leitura de *Frankenstein*, são, de fato, demandas sociais e ambientais que não perpassavam pela mente das pessoas da época. Os problemas que eles enfrentavam eram outros, o que tem mudado drasticamente com o passar dos séculos. “Of course, Shelley would not have known about today’s rapidly melting glaciers and rising sea levels”⁴⁸ (TURNER, 2015, p. 6). Apesar das problemáticas enfrentadas pelo mundo contemporâneo diferirem da realidade do contexto tanto da obra, quanto de vida da escritora, Turner afirma, ainda, que

However, Shelley was aware of the general distemper in Europe due to harvest failure, riots, starvation, and a global cholera epidemic caused by climate change. In the spring of 1816—the same year Shelley started writing *Frankenstein*— people in Europe, North America, India, and China began to see severe changes in global climate. Worldwide temperatures dropped and patterns of rainfall changed dramatically⁴⁹ (TURNER, 2015, p. 6).

Portanto, considerar *Frankenstein* como uma obra que possa ser analisada com relação ao processo decadente pelo qual passa o planeta Terra, provocado pela ação humana se justifica neste estudo. Ao retomar a discussão ecológica, é importante salientar que o desequilíbrio ambiental ao qual o planeta está exposto revela o quanto as pessoas estão alheias a sua responsabilidade perante o mundo natural. Sabe-se que “O que está em risco é a Terra em sua totalidade, e os homens, em seu conjunto” (SERRES, 1991, p. 15). Todos sofrem com as consequências das ações agressivas do ser humano para com o meio. Apesar do contexto se configurar de forma diferente na obra da jovem escritora britânica, as inquietações das personagens, podem ser reportadas para questões urgentes no contexto atual que requerem um olhar mais apurado e mais crítico. Compreender o antropoceno é considerá-lo uma espécie de alerta sobre os efeitos de todas as

⁴⁸ Obviamente, Shelley não saberia sobre as geleiras que derretem rapidamente hoje e sobre o aumento do nível do mar.

⁴⁹ No entanto, Shelley estava ciente da perturbação geral na Europa devido a falha na colheita, tumultos, fome e uma epidemia global de cólera causada pela mudança climática. Na primavera de 1816 - no mesmo ano em que Shelley começou a escrever *Frankenstein* - as pessoas na Europa, América do Norte, Índia e China começaram a ver mudanças severas no clima global. As temperaturas mundiais caíram e os padrões de chuva mudaram dramaticamente (Tradução nossa).

ações, isoladas ou coletivas, intencionais ou não, que interferem nos sistemas humanos ou não humanos, uma vez que os mesmos se encontram entrelaçados.

6. CAPITÃO WALTON, VICTOR E SUA CRIATURA SOB A ÓTICA DAS TRÊS ECOLOGIAS DE GUATTARI: HAVERIA EM *FRANKENSTEIN* UM PRENÚNCIO DE CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA?

[...] for the first time, the wickedness of my promise burst upon me; I shuddered to think that future ages might curse me as their pest, whose selfishness had not hesitated to buy its own Peace at the price, perhaps, of the existence of the whole human race⁵⁰
(SHELLEY, 2003, p. 171).

Sentir-se comovido com a história deste ser que ganha vida a partir de partes de cadáveres; temer o monstro que cruelmente assassina pessoas; julgar o “cientista maluco” que ousa ocupar o lugar de Deus. Estes são exemplos de sentimentos e atitudes que as pessoas manifestam ao mencionar o nome Frankenstein. Diante dele, muitos leitores reagem com alguma espécie de enlevo ao pensar conhecer e compreender o teor da obra, por vezes sustentada pelas características físicas, psicológicas e comportamentais próprias da criatura do cientista Victor Frankenstein, disseminada, conforme já discutido, pelas diferentes adaptações e releituras a que a obra foi exposta.

A literatura tem levantado questões acerca do medo e das esperanças que as inovações científicas vêm apresentando no decorrer dos séculos. Alguns dos textos literários mais conhecidos têm especulado sobre os problemas que a confiança no desenvolvimento tecnológico e científico podem acarretar às pessoas. O avanço tecnológico do século XIX permitiu que muitas das visões futuristas dos textos literários dos períodos anteriores, se tornassem parte da vida das pessoas, especialmente nas grandes cidades. A ficção científica ganha espaço e com ela, as discussões acerca dos efeitos que o desenvolvimento tecnológico e científico poderiam acarretar, para o bem ou para o mal.

Ao considerar que a literatura, enquanto produção humana, reflete as visões de mundo e o posicionamento das pessoas de acordo com a estrutura social a elas

⁵⁰ [...] pela primeira vez, a iniquidade de minha promessa se revelava a mim; tremi ao pensar que as épocas vindouras poderiam me amaldiçoar com seu flagelo, cujo egoísmo não hesitara em pagar pela sua própria paz o preço, talvez, da existência da humanidade inteira (SHELLEY, 2012, p. 184).

vinculada, é possível compreender as esperanças e as angústias das personagens aqui estudadas. O comportamento e as ações das mesmas são mediados pelas suas experiências familiares e sociais. Considerada a primeira obra de ficção científica, o texto de Mary Shelley se volta para o mundo da ciência e promove uma reflexão acerca dos conflitos humanos a ela relacionados.

Em *Frankenstein* pode haver uma ressonância ecológica, embora seja anacrônico pensar no termo e relacioná-lo ao romance. Entretanto, é uma obra cuja repercussão não se dá como se imagina com relação às crenças que se têm estabelecidas sobre o mundo natural. A obra não se constitui de um material panfletário sobre a ecologia e sobre as questões de agravamento da condição do meio ambiente. Mas pode se constituir de um rico material – literário – que possibilita a reflexão de tais inquirições. Como foi dito há pouco, de acordo com Kyndra Turner “In the spring of 1816 – the same year Shelley started writing *Frankenstein* – worldwide temperatures dropped and patterns of rainfall changed dramatically”⁵¹ (2015, p. 13). A escritora britânica trouxe, assim, alguns acontecimentos para sua obra que sugerem que o planeta já estava em modificação naquela época, o que permite ao leitor contemporâneo situar as questões mais emergentes. Não é objetivo desta pesquisa oferecer a resposta para a questão levantada no título do capítulo, muito embora Kyndra Turner trace, a partir da obra de Mary Shelley, indícios que podem levar o leitor a considerar tais apontamentos, que serão retomados neste estudo.

For example, even though most readers think that *Frankenstein* is mainly about a monster, Shelley also demonstrates how a human takes apart and puts together materials, which illustrates to the reader corrupted human interrelationships to "natural resources" or "common resources"⁵² (TURNER, 2015, p. 33).

A relação das pessoas com os recursos naturais, ou com os recursos comuns, como cita Turner, é discutida neste estudo. O intuito desta pesquisa é,

⁵¹ Na primavera de 1816 - no mesmo ano em que Shelley começou a escrever *Frankenstein* - as temperaturas no mundo inteiro caíram e os padrões de chuva mudaram drasticamente (Tradução nossa).

⁵² Por exemplo, embora a maioria dos leitores pense que *Frankenstein* é principalmente sobre um monstro, Shelley também demonstra como um humano desmonta e reúne materiais, o que ilustra para o leitor as inter-relações humanas corrompidas com "recursos naturais" ou "recursos comuns".

portanto, instigar o leitor do romance a pensar sobre a condição humana no contexto ecológico e de vida do planeta por meio da observação das ações das personagens aqui destacadas. É importante ressaltar que Mary Shelley imprimiu em sua obra sua percepção com relação aos problemas ambientais vividos na época, o que torna o texto um interessante objeto de investigação neste sentido. Segundo Turner, o clima gélido que é descrito pela autora no prefácio da obra como a “cold and rainy” season, was in fact, a three-year climate crisis caused by the 1815 volcanic eruption of Mount Tambora on the island. of Sumbawa in what was then the Dutch East Indies, now Indonesia”⁵³ (2015, p. 13). Muito embora, segundo a autora, Mary Shelley não tivesse conhecimento da explosão vulcânica, ela estava “aware of the increasing unrest in Europe due to widespread crop failure and famine as well as British expeditions to find a Northwest Passage to the Pacific – all brought on by the extreme weather conditions”⁵⁴ (2015, p. 13). De acordo com Turner, a partir das considerações da historiadora ambiental Gillen D'Arcy Wood, a mudança ambiental ocorrida na época promoveu um breve período de calor relativo no Ártico.

A autora salienta que, por causa dessa nova configuração ambiental, algumas passagens dos mares polares foram abertas. Houve, então, um planejamento, realizado pelo British Admiralty, que duraria 50 anos, a partir do início do derretimento do Ártico para projetar novas e mais curtas rotas marítimas que pudessem ligar a Europa pela costa leste da América do Norte à Ásia. Foi, no entanto, uma campanha dispendiosa e improdutiva porque os britânicos não imaginavam que os efeitos climáticos em Tambora não perdurariam. O problema se estendeu por apenas três anos. Em 1818, segundo a pesquisa de Turner, a partir das considerações de Wood, o Ártico congelou bem a tempo da chegada da primeira expedição polar da Grã-Bretanha sob o capitão John Ross em 1818. Eis aqui, possivelmente, um indício da presença de uma preocupação com as mudanças climáticas existentes na época que pode ser destacado em *Frankenstein*.

⁵³ “uma estação “fria e chuvosa”, foi de fato uma crise climática de três anos causada pela erupção vulcânica de 1815 do Monte Tambora na ilha de Sumbawa no que eram então as Índias Orientais Holandesas, agora Indonésia” (Tradução nossa).

⁵⁴ “ciente da crescente inquietação na Europa devido à falta de colheitas e fome generalizada, bem como às expedições britânicas para encontrar uma passagem do Noroeste para o Pacífico - tudo causado pelas condições climáticas extremas” (Tradução nossa).

Therefore, it is not a surprise that the opening scenes of *Frankenstein* include Captain Walton's Voyage through the frozen North in search of a route to the Pacific and his encounter with Victor Frankenstein and his creature. Thus, the novel provides a literal record into a 200-year-old event proving, to use Wood's words, that "a changing climate changes everything"⁵⁵ (TURNER, 2015, p.14).

Sabe-se que, na atualidade, as questões ambientais mais emergentes são de difícil solução e possuem interesses contraditórios. É necessário, todavia, refletir sobre o que as pessoas devem fazer quando confrontadas com uma crise ecológica. Há aquelas que estão habituadas a pensar que os problemas são irreversíveis, amparadas pela crença, cada vez mais estridente, de que a civilização atual está condenada e de que o planeta tem sido tão arruinado que não há como voltar ao equilíbrio necessário. Há outra parcela da população que pensa que nada de grave vai acontecer, que o mundo sempre estará à disposição do ser humano e que, se houver mesmo o desequilíbrio ecológico, caberá às gerações futuras as ações para amenizar seus efeitos.

Não obstante, pode-se argumentar que o verdadeiro desafio moral e político da ecologia talvez esteja na aceitação de que o mundo não está prestes a acabar e de que é provável que os seres humanos sobrevivam, ainda que a civilização de estilo ocidental não o faça. Afinal, somente se imaginarmos que o planeta tem um futuro é que tenderemos a assumir a responsabilidade por ele (GARRARD, 2006, p. 153).

Há, portanto, divergências sobre a forma de ver o mundo, sobre os diferentes olhares que as mais diversas sociedades, nos mais diferentes períodos tratam da temática. Questões culturais, interesses pessoais e a própria dinâmica social capitalista move o ser humano a caminhos pelos quais quase nunca consideram a vida de todos os seres vivos e a do próprio planeta. Apesar dos obstáculos encontrados para o enfrentamento da problemática, é preciso compreender que

⁵⁵ Portanto, não é surpresa que as cenas de abertura de *Frankenstein* incluam a Viagem do Capitão Walton através do Norte congelado em busca de uma rota para o Pacífico e seu encontro com Victor Frankenstein e sua criatura. Assim, o romance fornece um registro literal de um evento de 200 anos que prova, para usar as palavras de Wood, que "um clima em mudança muda tudo". (Tradução nossa).

ações necessárias para a proteção do meio ambiente e da vida no planeta sejam promovidas.

By juxtaposing Shelley's canonical text with current social and environmental issues, one can see how literature and specifically the environmental humanities, can contribute to growing awareness of long term/large scale human impacts on the planet and how the human species might actually act to transform themselves in ways that lead to monstrosity (as metaphorically represented by Dr. Frankenstein's monster) or in ways that transform the human species into beings that sees the planet as truly a "commons" that must be distributed democratically, rather than enclosed for a wealthy minority⁵⁶ (TURNER, 2015, p. 33).

A reflexão acerca do agravamento das condições ambientais acontece, neste estudo, por meio da análise ecocrítica e ecosófica do comportamento das personagens escolhidas. Embora o propósito da pesquisa busque um balanço dos três níveis da ecologia promovidos por Félix Guattari na análise das personagens, em alguns momentos os mesmos podem estar concatenados, dada a complexidade deles e de seu caráter, muitas vezes indissociável. São elementos que estão conectados, como o próprio conceito de interligação entre o ser humano e o elemento natural. Ao entrar em contato com a história de Mary Shelley, o leitor se deleita, portanto, com as figuras mais importantes da narrativa: o cientista Victor Frankenstein e sua criatura.

De acordo com Corrêa, embora com atitudes distintas, “as três personagens de Frankenstein apresentam o mesmo tipo de ideal: a busca – por razões diferentes, evidentemente, mas com o objetivo único de superar suas próprias barreiras” (2006, p. 61). Segundo a autora, estão “todos os três, enfim, solitariamente lutando em prol de sua realização pessoal, mas também pela causa de seus infortúnios, completando um a história do outro” (2006, p. 61). Os leitores ficam fascinados pela relação entre as duas personagens, especialmente com relação ao processo de criação e ao destino trágico de ambas. Entretanto, outras personagens que não

⁵⁶ Ao justapor o texto canônico de Shelley às questões sociais e ambientais atuais, pode-se ver como a literatura e, especificamente, os humanitários ambientais, podem contribuir para aumentar a conscientização sobre os impactos humanos de longo prazo/em larga escala no planeta e como as espécies humanas podem realmente agir para se transformar de maneiras que levam à monstruosidade (como metaforicamente representada pelo monstro do Dr. Frankenstein) ou de maneiras que transformam a espécie humana em seres que vêem o planeta como verdadeiramente um "bem comum" que deve ser distribuído democraticamente, em vez de ser incluído por uma minoria rica (Tradução nossa).

fazem parte do eixo criador-criatura passam despercebidas a um olhar baseado no senso comum. Algumas personagens secundárias e alguns fatos que também estão relacionados com o desenvolvimento da trama, podem não receber o devido valor para a riqueza do enredo e que, de certa forma, contribuem para compor a rede de relações e de acontecimentos necessárias para que as ações centrais ocorram. É o caso do capitão Robert Walton, primeiro personagem apresentado na obra, que se constitui em uma figura substancial para o desenvolvimento da narrativa. Muitos leitores, entretanto, não compreendem seu papel no contexto.

O navegador será estudado sob a perspectiva da ecocrítica, teoria que abarca esta pesquisa e terá suas ações e comportamentos analisados sob esta ótica, embora com menor destaque que as demais personagens, devido ao seu menor espaço de atuação no enredo. Na sequência, o cientista Victor Frankenstein e sua criatura serão também apreciados. As personagens serão observadas de forma a percorrer os três níveis de ecologia preconizados por Guattari. Para explicitar sua relevância na obra e justificar sua pertinência, conceitos de ecocrítica e de ecosofia validados pelos estudos ecocríticos sustentarão, portanto, esta parte da análise das personagens estudadas.

6.1 Capitão Robert Walton: o comportamento do homem antropocêntrico confrontado por questões ecocríticas e ecosóficas

There is something at work in my soul, which I do not understand. I am practically industrious – painstaking; a workman to execute with perseverance and labour: - but besides this, there is a love for the marvellous, a belief in the marvellous, intertwined in all my projects, which hurries me out of the common pathways of men, even to the wild sea and unvisited regions I am about to explore⁵⁷ (SHELLEY, 2003, p. 22).

A narrativa começa por meio de cartas que o capitão Robert Walton escreve para sua irmã, a senhora Margaret Saville, que mora na Inglaterra, enquanto ele comanda uma expedição náutica com o intuito de localizar uma passagem para o

⁵⁷ Algo acontece em minha alma que eu não consigo compreender. Sou na prática industrioso – aplicado, um operário a trabalhar com perseverança e esforço – mas ao lado disso há uma paixão pelo maravilhoso, uma fé no maravilhoso, que me lança fora dos caminhos rotineiros dos homens, até o mar tempestuoso e as regiões desconhecidas que estou a ponto de explorar (SHELLEY, 2012, p. 25).

Pólo Norte. Considerado por boa parte dos pesquisadores uma personagem sem tanto mérito, o navegador pode representar, para a análise proposta, uma figura interessante no sentido de fornecer indícios de uma potencial preocupação da autora com as questões de agravamento das condições ambientais, essenciais para a compreensão do contexto socioambiental da época, ou mesmo fornecer elementos para que o leitor contemporâneo repense sobre seu papel enquanto agente social que precisa estar engajado com o bem comum.

O desejo pela exploração da natureza e pelo domínio de terras nunca antes exploradas caracterizam o gênio ousado de Robert Walton. “I shall satiate my ardent curiosity with the sight of a part of the world never before visited, and may tread a land never before imprinted by the foot of a man”⁵⁸ (SHELLEY, 2003, p. 16). Ele se dá conta de que seu empreendimento pode mudar o curso de toda uma sociedade. Sua ânsia por novas conquistas territoriais e a possibilidade de concretização de seu desejo o deixa entusiasmado. “These are my enticements, and they are sufficient to conquer all fear of danger or death [...]”⁵⁹ (SHELLEY, 2003, p. 16). Tem-se, portanto, a percepção, a partir da atitude antropocêntrica e capitalista de Walton, de que o ser humano, nas mais diferentes épocas ou sociedades, sempre esteve disposto a desbravar e a dominar a natureza a qualquer custo.

Ao discorrer sobre o as pessoas e sobre suas ações nas diferentes manifestações sociais, Leonardo Boff considera que “O ser humano, nesta prática cultural, se entende como um ser sobre as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, jamais como alguém que está junto com as coisas, como membro de uma comunidade maior, planetária e cósmica” (1995, p. 17): uma visão antropocêntrica que coloca o ser humano no centro do universo, cujo poder e liberdade tidos como ilimitados conferem a ele uma posição superior em relação aos demais seres, o que acarreta em problemas de proporções gigantescas e de consequências devastadoras.

Em entrevista ao El país, Bruno Latour (2019) fala, por exemplo, das alterações climáticas sofridas pelos planetas. Para ele “Antes, a angústia que a natureza nos causava vinha do fato de que éramos pequenos demais, e a natureza era imensa. Agora temos o mesmo tamanho, influímos em como a Terra se

⁵⁸ “Saciarei minha intensa curiosidade quando avistar uma parte do mundo nunca antes visitada, e talvez pise em terras onde antes homem nenhum deixou suas pegadas” (SHELLEY, 2012, p. 19-20).

⁵⁹ “Isso é o que me fascina, e é o suficiente para afastar qualquer medo do perigo ou da morte, [...]” (SHELLEY, 2012, p. 20).

comporta”⁶⁰ (2019, s/p). Esta é uma constatação singular que deve permear as ações que promovam a preocupação com os limites dos recursos. Em sua consideração, as pessoas precisam estar conscientes de seu papel na sociedade e agir como cidadãos responsáveis e comprometidos com a emergência de cuidados com o meio natural. Além disso, a educação deveria ser capaz de ensinar a interligação entre todas as coisas e o pertencimento das pessoas à natureza.

Pequenos grupos comunitários ou mesmo países inteiros precisam estar conscientes de que os recursos naturais são limitados e de que é crucial haver uma transformação social e comportamental diante da problemática ambiental, uma vez que se não houver uma mudança radical de atitude, o planeta continuará sendo destruído pela ação humana impetuosa e descomprometida. Hábitos destrutivos e invasivos devem ser substituídos por hábitos ecológicos que possam ser aplicados tanto na esfera pessoal quanto em escalas massivas, industriais e de governança. Em consonância com o exposto, Latour aponta que “os europeus, os ocidentais, temos vivido numa Terra muito utópica. Imaginávamos que ela se desenvolveria *ad infinitum*, sem limites” (2019, s/p.). No entanto, o autor afirma que esta ideia é falha, uma vez que o sonho de que a modernização do planeta ocorreria “indefinidamente nunca foi verificado, não tinha fundamento material. Desde o século XIX, com o carvão e o petróleo, a economia havia se tornado infinita. E há uma angústia geral por esse desajuste” (2019, s/p.), o que se pode confirmar na contemporaneidade ao se constatar que o desenvolvimento pelo qual as sociedades vêm passando está destruindo o mundo natural.

É notório, no romance, que o capitão Walton é imbuído pelo desejo de investigação e de manipulação da natureza. Ele deseja obter lucro e receber o mérito pela viabilização do comércio, elevando seu status social. Este é um processo análogo à atividade científica violenta e destrutiva de Victor Frankenstein. Ele mesmo justifica seus atos audazes como essenciais e indispensáveis para o bem da humanidade, inclusive com a alegação de que somente alguém como ele poderia alcançar tal feito. “O capitalismo mobiliza nos seres humanos uma capacidade de resolução de problemas que é sensato não subestimar” (GARRARD,

⁶⁰ Talvez a obra de Shelley se localize justamente no ponto de transição entre essas duas perspectivas, momento em que se abriu a possibilidade de ultrapassar a última fronteira geográfica, a do Ártico.

2006, p.34). Como homem capitalista que é, Walton não mede esforços para alcançar o que almeja.

Percebe-se, no entanto, que o que o move é mais uma aspiração da vaidade do que mera pretensão de seu desejo exploratório. Ele deixa transparecer sua real intenção ao afirmar que “My life might have been passed in ease and luxury; but I preferred glory to every enticement that wealth placed in my path”⁶¹ (SHELLEY, 2003, p.17). A busca pela riqueza material e pela conquista inédita é a mola propulsora para seus atos arriscados e para sua crença egocêntrica de que seria o único a ter a capacidade para uma realização com tamanha proporção e relevância social. Tal concepção é, ainda, reafirmada em um dos trechos da primeira carta que escreve para sua irmã.

But, supposing all these conjectures to be false, you cannot contest the inestimable benefit which I shall confer on all mankind to the last generation, by discovering a passage near the pole to those countries, to reach which at present so many months are requisite; or by ascertaining the secret of the magnet, which, if at all possible, can only be effected by an undertaking such as mine⁶² (SHELLEY, 2003, p. 16).

Por ser um homem do final do século XVIII, Walton não tem consciência de sua interação com a natureza, ele não apresenta, portanto, nenhum tipo de preocupação com possíveis problemas ambientais ou humanos a serem enfrentados na busca pela conquista de seu objetivo. O navegador não mede esforços para garantir o sucesso de sua busca. Ele procura dominar a natureza para atender aos anseios das pessoas. As necessidades humanas são alegações que sempre estiveram na preocupação primeira das pessoas que promovem o desenvolvimento. Garrard afirma que “é importante lembrar as vastas melhorias trazidas para o bem-estar humano mensurável” (2006, p.34). Muito embora o autor acredite que isto ocorre “de forma terrivelmente desigual, pelo crescimento econômico e pelo progresso tecnológico, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento”

⁶¹ “Poderia passar minha vida em meio ao luxo e ao conforto, mas preferi a glória a toda tentação que a riqueza pôs em meu caminho” (SHELLEY, 2012, p. 21).

⁶² Mesmo supondo que todas essas conjecturas sejam falsas, você não pode negar os inestimáveis benefícios que trarei a toda a humanidade, até a última geração, ao descobrir uma passagem próxima ao polo para esses países que ora requerem tantos meses para ser alcançados; ou ao apurar o segredo do ímã, se isso realmente for possível, e só o será por um empreendimento como o meu (SHELLEY, 2012, p. 20).

(2006, p.34). Walton, em seu contexto, tem a convicção de que sua conquista possibilitaria à humanidade o controle da natureza e viabilizaria o trânsito de mercadorias, expandindo o poder do Império Britânico, mesmo nas geleiras, onde as pessoas não possuíam, então, as passagens para os locais mais remotos do planeta.

A força de seu desejo perpassa por suas atitudes mais arriscadas. “O *antropocentrismo* resulta desta leitura arrogante do ser humano [...] Por estes textos resulta claro o convite à demografia ilimitada e ao *dominium terrae* irrestrito” (BOFF, 1995, p. 125). O domínio irrestrito do elemento natural move a humanidade a explorar o meio e promove o desequilíbrio contínuo e acelerado. Para conseguir dominar a natureza, Walton verbaliza, inclusive, a possibilidade de haver mortes durante sua jornada, o que poderia ser justificado, segundo sua postura, pelo valor da conquista diante da grandiosidade que o conhecimento pode significar para a humanidade.

É importante destacar, aqui, as considerações de Greg Garrard sobre o assunto. Para o autor, os problemas ambientais enfrentados no planeta não são “causados apenas por atitudes antropocêntricas, mas decorrem de sistemas de dominação ou exploração de seres humanos por outros seres humanos” (2006, p. 47-48). A obra apresenta, durante toda a narrativa, a dominação humana perante seus pares. Esta é uma premissa bastante recorrente na história da humanidade e que está presente no romance. Para conquistar o que deseja, a dinâmica exploratória de Walton reflete uma postura fundada, por princípio, no controle de outros homens para alcançar o controle do meio natural.

Para Walton, a vida de seus semelhantes, assim como poderia ser a de quaisquer outros seres, não se configura um problema diante de suas ambições. Sua preocupação é apenas com a aquisição de bens, com sua reputação e com o seu legado enquanto desbravador. “One man’s life or death were but a small price to pay for the acquirement of the knowledge which I sought for the dominion I should acquire and transmit over the elemental foes o four race”⁶³ (SHELLEY, 2003, p. 29). Para o navegador, a vida das pessoas envolvidas no processo é mero instrumento de suporte para que ele ultrapasse as barreiras naturais em busca de alcançar seu

⁶³ A vida ou a morte de um homem não seria mais que um preço ínfimo a pagar pela aquisição do conhecimento que eu buscava, pelo domínio sobre os inimigos elementares de nossa raça que eu iria obter e legar (SHELLEY, 2012, p. 32).

objetivo. Ele, diante do desequilíbrio de sua ecologia psíquica, não considera seus pares como participantes de um todo do qual faz parte. Durante sua trajetória na trama, Walton demonstra, assim como no trecho exposto, um conflito pessoal, humano, diante das questões subjetivas que envolvem as relações entre as pessoas.

Como um representante do antropocentrismo vigente, o navegador coloca em evidência seu desejo em explorar a natureza a qualquer custo. A sensação de que é superior fica explícita quando, em outra carta a sua irmã, ele elenca os seguintes questionamentos: “Why not still proceed over the untamed yet obediente element? What can stop the determined heart and resolved will of man”⁶⁴ (SHELLEY, 2003, p. 24)? Essa não é apenas a simples opinião de um indivíduo. É a representação do pensamento antropocêntrico desse ser humano do final do século XVIII, ávido por dominar o elemento natural, por meio da exploração da paisagem e pela conquista do desconhecido que considera a natureza algo que está à sua disposição e que se estabelece diante dela como um ser superior. “Well, these are useless complaints; I shall certainly find no friend on the wide ocean, nor even here in Archangel, among merchants and seaman”⁶⁵ (SHELLEY, 2003, p. 20). Neste trecho fica evidente que Walton se acha, inclusive, superior aos outros marinheiros de sua tripulação. Isto é perceptível a partir do vocabulário que utiliza para se referir aos homens que o auxiliam nesta aventura. “Yet some feelings, unallied to the dross of human nature, beat even in these rugged bosoms”⁶⁶ (SHELLEY, 2003, p. 20). Neste sentido, fica claro que não havia ninguém que ele considerasse digno de ser comparado a si.

Apesar de acreditar em sua superioridade perante o elemento natural e de seu caráter destemido e aventureiro, ao explorar a natureza, Walton admira a paisagem circundante. Não se pode deixar de enfatizar que todo o conjunto dos seres vivos precisa, por parte dos homens, da manifestação de atitudes respeitadas e da promoção do equilíbrio da natureza para que sua existência seja mantida em segurança com o intuito de possibilitar que sua existência também seja perpetuada sobre a Terra. Para tanto, as pessoas devem estar comprometidas não apenas com atitudes de veneração passiva diante do ambiente natural. O

⁶⁴ Por que não ir ainda mais longe no elemento indomado porém obediente? O que pode deter o coração determinado e a vontade resoluta de um homem (SHELLEY, 2012, p. 26)?

⁶⁵ Bem, reclamo inutilmente; é certo que não encontrarei amigo algum no vasto oceano, e nem mesmo aqui em Archangel, entre mercadores e marinheiros (SHELLEY, 2012, p. 26).

⁶⁶ Ainda assim alguns sentimentos, indiferentes à escória da natureza humana, pulsam até mesmo nestes peitos rudes (SHELLEY, 2012, p. 26).

compromisso diante da natureza implica em ações que contribuam para que o direito à vida e ao desenvolvimento pleno de cada espécie seja garantido e, conseqüentemente, a harmonia entre os seres que fazem parte da mesma teia possa ser mantida.

Com relação ao comportamento do navegador perante as pessoas, é possível, no entanto, ao olhar atentamente para as atitudes do capitão Walton, aferir que ele não julga, por exemplo, o caráter de seu novo amigo, o cientista Victor Frankenstein, diante do processo de criação que ele empreendeu. Walton se compadece de toda a angústia, da dor existencial, do sofrimento e do isolamento do cientista e o acolhe, em seu navio, cuja história harmoniza com a realidade circundante: o clima e as paisagens inóspitas, a solidão e o distanciamento das pessoas em meio ao gelo do ártico e a aflição diante da grandiosidade e imprudência de seu feito.

Já os homens com os quais Walton se relaciona no navio são pessoas que, como ele, buscam fortuna, muito embora esse desejo por riqueza aconteça de forma diferente dos anseios de Walton. O navegador deseja, como já elucidado, além da ascensão material, a fama e a possibilidade de imprimir seu nome na história como um desbravador de caminhos nunca antes explorados em direção ao Ártico. Seus subordinados, entretanto, buscam apenas a fortuna material com o intuito de progredir financeiramente, algo que o capitão não necessita. “My lieutenant, for instance, is a man of wonderful courage and enterprise; he is madly desirous of glory: or rather, to word my frase more characteristically, of advancement in his profession”⁶⁷ (SHELLEY, 2003, p.20). É importante reforçar que “*Glory* is a keyword for the male adventurers in this novel”⁶⁸ (WOLFSON; LEVAO, 2012, p. 93). No entanto, o termo tem conotações diferentes para cada personagem do romance. Ao progredir materialmente na profissão, os subordinados de Walton já alcançariam o desejo de seus espíritos ambiciosos, que não contempla o interesse por fama, como no caso do navegador, por exemplo.

Coragem e iniciativa eram qualidades que o capitão admirava em seus companheiros de jornada, características necessárias para auxiliá-lo em sua busca

⁶⁷ Meu imediato, por exemplo, é um homem de iniciativa e coragem admiráveis; ele anseia loucamente pela glória, ou melhor, para dizê-lo em termos mais adequados, por progredir em sua profissão (SHELLEY, 2012, p. 23).

⁶⁸ Glória é uma palavra-chave para os aventureiros do sexo masculino neste romance (Tradução nossa).

pela exploração do ártico. No entanto, essas pessoas não são aptas a ocupar o espaço de um amigo com o qual o navegador pudesse se relacionar, uma vez que não pertencem ao mesmo nível intelectual e cultural que ele. O valor da amizade e a necessidade humana de ter alguém para compartilhar os momentos, são apresentados em diversas passagens do enredo. Isto posto, é pertinente reforçar que o navegador sente o desejo de possuir um amigo com quem pudesse compartilhar seus momentos. Em diversas ocasiões ele relata sua infelicidade nas cartas para sua irmã. De acordo com Lilian Cristina Corrêa,

é possível perceber a necessidade apresentada pela personagem em relatar detalhadamente o que se passava em sua viagem rumo ao Ártico. Necessidade tal que demonstra o ponto de vista teórico levantado por Tacca – Walton faz de suas cartas mais do que simples textos informativos, mas uma espécie de desabafo para consigo mesmo e para com sua irmã, como se pudesse utilizar-se dessas mesmas cartas como um diário: diário pessoal, um monólogo e um diário de bordo, descritivo dos acontecimentos referentes à viagem (CORRÊA, 2006, p. 59).

Nelas, o desbravador aponta para essa falta, que, segundo ele, não conseguirá suprir. Para Walton, a falta de um amigo é “the absence of the object of which I now feel as a most severe evil”⁶⁹ (SHELLEY, 2003, p.19). Alguns problemas resultantes do fato de não contar com a presença de um amigo são elencados por ele ao tentar explicar para sua irmã que “when I am glowing with the enthusiasm of success, there will be none to participate my joy; if I am assailed by disappointment, no one will endeavour to sustain me in dejection”⁷⁰ (SHELLEY, 2003, p.19). É notável o quão importante seria para o navegador ter uma pessoa para compartilhar momentos tão significativos em sua trajetória, o que o leitor contemporâneo pode entender como algo intimamente relacionado com a ecologia psíquica e social de Guattari.

Apesar da atitude corajosa do navegador diante das agruras e dos perigos da natureza, a postura deste homem destemido revela o quanto ele se distanciou dos relacionamentos afetivos mais importantes, como os laços familiares e de amizade,

⁶⁹ uma ausência que não tenho como preencher e me parece agora o pior dos males (SHELLEY, 2012, p. 22).

⁷⁰ quando eu estiver tomado pelo entusiasmo do sucesso, não terei ninguém com quem compartilhar minha alegria; se me assediar a decepção, não haverá ninguém para me amparar em meu desalento (SHELLEY, 2012, p. 22).

ao se lançar nesse empreendimento promovido pela busca capitalista que o coloca em um desequilíbrio interno. Vale destacar o quanto este distanciamento o atingia, de forma especial, nessas terras desoladas. Por meio das cartas endereçadas à sua irmã ele procura manter a única via de contato afetivo com alguém que lhe é cara. Apesar de seu desejo de reconhecimento e de fama estar alicerçado em uma sólida vaidade, ele expõe, nas cartas que envia, seus sentimentos mais íntimos e sua fragilidade decorrentes da necessidade do contato afetivo com outros seres humanos, como destacado no trecho a seguir:

You may deem me romantic, my dear sister, but I bitterly feel the want of a friend. I have no one near me, gentle yet courageous, possessed of a cultivated as well as of a capacious mind, whose tastes are like my own, to approve or amend my plans. How would such a friend repair the faults of your poor brother⁷¹ (SHELLEY, 2003, p.19)!

Nesse íterim, Victor entra na vida de Walton em um momento no qual o capitão estava desejoso por um amigo. A cena na qual o encontro acontece é também representante do conflito humano diante do mundo natural, uma vez que a natureza revela todo seu poder de força no momento no qual o navio fica preso quando o mar se congela, e sua tripulação avista a criatura de Victor Frankenstein viajando em meio à neve, em um trenó puxado por cães. A forma como o encontro entre Walton e Victor acontece seria impraticável em meio ao gelo que cobre a paisagem, o que pode representar a extensão dos sentimentos conflituosos que ambos possuem. Outrossim, demonstram a Walton que ele só pode ser o dominador do Ártico se estiver em seu navio, com todo o aparato tecnológico de que dispõe. Sozinho, como animal que é, o ser humano ainda é vítima no gelo polar.

It is true that I have thought more, and that my day dreams are more extended and magnificente, but they want (as the painterscall it) keeping, and I greatly need a friend who would have sense enough not to despise me

⁷¹ Você pode me julgar romântico, minha cara irmã, mas sinto amargamente a falta de um amigo. Não tenho ninguém próximo a mim, gentil porém corajoso, dotado de uma mente cultivada e ao mesmo tempo capaz, cujas inclinações sejam parecidas com as minhas, para aprovar ou corrigir meus planos. Quanto um amigo assim seria capaz de emendar os defeitos de seu pobre irmão! (SHELLEY, 2012, p. 23).

as romantic, and affection enough for me to endeavour to regulate my mind⁷² (SHELLEY, 2003, p.20).

Diante do exposto, é importante elucidar que a ecosofia, conforme retratada por Guattari, prevê a necessidade que as pessoas possuem de ter convívio com seus pares, na busca do equilíbrio de suas próprias ações e sentimentos. O conceito ecocrítico reforça a ideia de que o ser humano está ligado por uma teia, uma teia natural e social necessária para o equilíbrio de suas ações. As relações humanas, a necessidade de se ter alguém para compartilhar sentimentos, bem como a afetividade próprias da condição da pessoa enquanto ser interligado a outros seres fazem com que Walton, apesar de se apresentar como um homem forte, demonstre a necessidade de expressar sentimentos e emoções, de ouvir e de ser ouvido. “Continue for the presente to write to me by every opportunity: I may receive your letters on some occasions when I need them most to support my spirits”⁷³ (SHELLEY, 2003, p.22). Em muito Robert Walton e Victor Frankenstein se assemelham. São homens ousados que buscam fama e fortuna, que não medem esforços para a conquista de seus sonhos e que se encontram em conflito devido à complexidade da condição humana frente ao poder e grandiosidade da natureza e dos riscos de suas ações antiecológicas (se consideradas pelo olhar contemporâneo, ou pré-ecológicas, em uma tentativa de situar as personagens com relação aos estudos da ecologia). Ambos são figuras especulares. A única coisa que os separa é o tempo: Victor já alcançou seu objetivo, Walton ainda não. Victor está a sofrer as consequências de seu desejo de grandeza, Walton, alertado, ainda poderá mudar seu destino para não ter o mesmo fim. É também o alerta que fica ao leitor. Walton mudará de rumo? E nós?

O filósofo Leonardo Boff esclarece que o ser humano é “desafiado a ser o senhor do universo, a esquadrihar as leis da matéria, a submetê-la a seus interesses e a fazer da natureza um imenso e inesgotável armazém de recursos para a realização de seus projetos e desejos” (1995, p. 298). Isto ocorre em todas as

⁷² É verdade que refleti mais e meus devaneios são mais abrangentes e inspirados, mas a eles falta (como dizem os pintores) perspectiva; e preciso muito de um amigo que tenha a sensibilidade suficiente para não me desdenhar como um romântico, e a afeição necessária para me ajudar a equilibrar minha mente (SHELLEY, 2012, p. 23).

⁷³ Continue por ora a me escrever sempre que puder: bem pode ser que eu receba suas cartas naquelas ocasiões em que mais estarei precisando delas para amparar meu ânimo (SHELLEY, 2012, p. 25).

épocas desde os primórdios da humanidade. Além disso, Boff afirma que “A razão subjetiva não se orienta mais nem se limita pela razão objetiva” (1995, p. 298). A vontade de poder, segundo o autor supera a lógica da realidade, colocando-as em confronto. Ele acredita que ações humanas de exploração indiscriminada do meio ambiente e de sua utilização descontrolada modificaram a face do planeta, em um perigoso processo no qual a espécie humana sobrepôs as demais espécies ameaçando toda a ecosfera.

Apesar dos atos já descritos praticados por Walton, ele possui sentimentos nobres com relação ao amigo talvez porque enxergue nele a si próprio, sendo a recíproca de Victor verdadeira. Quando Victor conclui sua história e teme morrer antes de aniquilar a criatura, Walton afirma, em outra carta à sua irmã que “I wish to soothe him; yet can I counsel one so infinitely miserable, so destitute of every hope of consolation, to live”⁷⁴ (SHELLEY, 2003, p. 213)? Walton se sensibiliza com cada detalhe que o cientista aponta e sente, assim, o desejo, embora tenha consciência de sua impraticabilidade, de poder fazer algo para ajudar o novo amigo.

É importante destacar, neste momento, que a consciência ecológica não é possível e sequer pensável naquele momento histórico, nos termos que se compreende hoje. Seria anacronismo exigir consciência ecológica desses homens. Não é isso que se pretende, mas justamente reler o passado com a luz da consciência de hoje, para que os mesmos erros não se repitam. Afinal, “reler obras do passado é justamente o que advoga a III onda ecocrítica” (KERRIDGE, 2019). No entanto, as demandas ecológicas e as relacionadas aos estudos ecocríticos e ecosóficos são pertinentes neste estudo e retomadas durante todo o percurso, para que se possa realizar uma leitura voltada para a reflexão sobre tais conceitos. Outrossim, pode-se dizer que Mary Shelley, de qualquer forma, parecia intuir que tudo aquilo não levaria a bom termo.

Ao pensar na relação entre Walton e Victor, a natureza humana que ambos compartilham demonstra o quanto os seres necessitam da empatia que somente outra pessoa pode oferecer diante de uma situação tão cruel, o que é imprescindível para o equilíbrio da ecologia psíquica de todo e qualquer ser humano, afinal, diante da nova configuração de comportamento das pessoas, é possível compreender que na atualidade “também desaparecem os gestos da solidariedade humana” (Guattari,

⁷⁴ Gostaria de reconfortá-lo, mas como aconselhar alguém tão infinitamente miserável, tão destituído de qualquer esperança ou consolo, a continuar a viver (SHELLEY, 2012, p. 233)?

1990, p. 27). Walton acredita que “The only joy that he can now know will be when he composes his shattered spirit to peace and death”⁷⁵ (SHELLEY, 2003, p.213). Ele admira ainda a eloquência de Victor mesmo estando arruinado e imagina como teria sido uma criatura esplêndida antes de ser tomado por este espírito destrutivo e tenta, em vão manter o novo amigo, uma vez que Victor afirma que nenhuma ligação ou afeição será suficiente para suprir a falta daqueles cujas vidas foram ceifadas de forma brutal. Walton sofre diante da impossibilidade de fazer algo concreto que pudesse manter a vida dele, o que revela o quanto é preciso manter os laços afetivos e concretizar atos de solidariedade para seu próprio equilíbrio.

Must I then lose this admirable being! I have longed for a friend; I have sought one who would sympathise with and love me. Behold, on these desert seas I have found such a one; but, I fear, I have gained him only to know his value, and lose him. I would reconcile him to life, but he repulses the idea⁷⁶ (SHELLEY, 2003, p.214)

Walton é a primeira personagem a ser analisada neste estudo. Na sequência do enredo, no entanto, é a última a perceber o fracasso de seu intento e a manifestar sentimentos de arrependimento e de culpa. Nas últimas cartas que envia para sua irmã, mesmo sem a certeza de que ela ainda as recebe, tamanho o perigo no qual se encontra, o desbravador confessa estar “surrounded by mountains of ice, which admit of no escape, and threaten every moment to crush my vessel”⁷⁷ (SHELLEY, 2003, p. 215). Isso, externamente, mas essa descrição do exterior é espelhada com o que acontece em seu íntimo: são suas convicções de grandeza e glória que agora estão ameaçadas tal qual seu navio. Ele se mostra arrependido e corroído pela culpa por ter colocado outras vidas em perigo, constatação esta que lhe era insignificante no início da narrativa, diante da extensão de suas ambições. Este arrependimento se dá em um momento de reflexão sobre sua conduta egoísta e o coloca humanamente como um ser que precisa de outros seres para que sua

⁷⁵ A única alegria que ele terá será quando reconciliar seu espírito abalado na paz da morte (SHELLEY, 2012, p. 233).

⁷⁶ Como poderia eu então perder um ser tão admirável? Ansiava por um amigo; buscava alguém que se solidarizasse comigo e gostasse de mim. E eis que nesses mares desertos encontrei um tal amigo, mas receava só tê-lo ganho para inteirar-me de seu valor e imediatamente perdê-lo. Tentava reconciliá-lo com a vida, mas a ideia repugnava-lhe (SHELLEY, 2012, p. 234).

⁷⁷ “cercado por montanhas de gelo que ameaçam a todo momento esmagar meu navio” (SHELLEY, 2012, p. 235).

existência seja também equilibrada. Isso é a catarse provocada pela história de Victor! É uma narrativa funcionando para mudar a postura de uma pessoa (ainda que seja outra personagem). A reflexão de Walton diante da sua postura é comovente:

The brave fellows, whom I have persuaded to be my companions, look towards me for aid; but I have none to bestow. There is something terribly appalling in our situation, yet my courage and hopes do not desert me. Yet it is terrible to reflect that the lives of all these men are endangered through me. If we are lost, my mad schemes are the cause⁷⁸ (SHELLEY, 2003, p.215).

Walton se sensibiliza, portanto, da situação calamitosa na qual se encontram e sente-se responsável pelos infortúnios vividos pela tripulação. Ele consegue refletir sobre sua situação, avaliar seu temperamento audacioso, corajoso e esperançoso, mas reconhece o quão terrível são suas ações e quão malucos foram os seus desígnios ao colocar em risco a vida de seus companheiros de expedição. Além disso, a necessidade do ser humano em manter os laços afetivos é retomada na fala do navegador ao refletir sobre o possível sofrimento de sua irmã, caso ele não retorne de sua jornada, o que demonstra seu intuito em manter a harmonia com o outro. A preocupação com um familiar revela o que Guattari aponta como a importância dos laços afetivos mais singelos para o equilíbrio das pessoas.

And what, Margaret, will be the state of your mind? You will not hear of my destruction, and you will anxiously await my return. Years will pass, and you will have visitings of despair, and yet be tortured by hope. Oh! my beloved sister, the sickening failing of your heart-felt expectations is, in prospect, more terrible to me than my own death⁷⁹ (SHELLEY, 2003, p.216).

⁷⁸ Os bravos camaradas que persuadi a serem meus companheiros procuram em mim auxílio, mas não tenho nenhum a dar. Há algo de terrivelmente aterrador em nossa situação, mas ainda assim minha coragem e minha esperança não me desertaram. Mas é terrível pensar que a vida de todos esses homens foi posta em perigo por mim. Se estivermos perdidos, meus desígnios malucos terão sido a causa (SHELLEY, 2012, p. 235).

⁷⁹ E em que estado, Margaret, você ficará? Você não terá notícias de minha destruição, e ficará esperando ansiosamente meu retorno. Anos se passarão, e você terá acessos de desespero e ainda assim será atormentada pela esperança. Ah! Minha amada irmã, a desoladora quebra de suas expectativas mais sinceras é uma perspectiva ainda mais terrível para mim que minha própria morte (SHELLEY, 2012, p. 235-236).

O receio da morte coloca Walton em um processo de análise de sua conduta. Seus sentimentos demonstram, então, que ele percebe que os laços familiares, os laços humanos, estão entre as coisas da vida que têm mais valor. É o que ele afirma ao dizer para Margaret: But you have a husband, and lovely children; you may be happy: Heaven bless you, and make you so⁸⁰ (SHELLEY, 2003, p. 216)! Em uma análise do comportamento de ambos, Wolfson e Levao ressaltam que tal relação, entre irmãos “initiates a series of gender-contrasts: between male visionary excitement and female foreboding; between male thirst for glory and female domesticity; between male bonding and bonds of marriage and family”⁸¹ (2012, p. 65). Walton consegue, ainda analisar a perspectiva de Victor diante da morte iminente “My unfortunate guest regards me with the tenderest compassion. He endeavours to fill me with hope; and talks as if life were a possession which he valued”⁸² (SHELLEY, 2003, p.216). Além disso, é perceptível, neste quadro, que Walton avalia o valor da vida e da esperança no futuro por meio do declínio de Victor. Ambos poderiam ter sido amigos em outra época da vida, mas o cientista, nesse momento, está destruído. E o navegador consegue perceber o quanto a conduta ambiciosa pode ser prejudicial ao ser humano, enquanto indivíduo.

Apesar de acreditar que suas cartas não chegarão até sua irmã, o capitão insiste em escrevê-las e discorrer sobre os acontecimentos por considerá-los incomuns e dignos de registro. Em meio ao frio excessivo e, conforme sua descrição, “sob o perigo iminente de sermos esmagados” pelas montanhas, ele continua a tecer os caminhos antiecológicos percorridos por Victor ao final de sua jornada. A natureza para Walton já não é mais a mesma que ele acreditava poder dominar no início da narrativa, afinal, o elemento natural, como já exposto, não foi feito para que a humanidade possa indiscriminadamente servir-se dele, degradando-o. O capitão se colocou em perigo por não compreender que sua atuação no meio era autoritária e destrutiva, devido ao seu desejo pelo domínio do elemento natural a qualquer custo.

⁸⁰ Mas você tem um marido e filhos adoráveis; você ainda poderá ser feliz. Que os céus a abençoem e a façam feliz (SHELLEY, 2012, p. 236)!

⁸¹ inicia uma série de contrastes de gênero: entre a excitação visionária masculina e o pressentimento feminino; entre a sede masculina de glória e a domesticidade feminina; entre vínculo masculino e vínculo matrimonial e familiar.

⁸² Meu desafortunado hóspede me encara com a compaixão mais terna. Esforça-se para me incutir esperança e fala como se a vida tivesse valor para ele (SHELLEY, 2012, p. 236).

Na contemporaneidade, há “um novo pacto a assinar com o mundo: o contrato natural” (SERRES, 1991, p. 25). Walton, pela configuração das circunstâncias enfrentadas, pelas características do contexto no qual se insere e pela própria constituição psicossocial de sua personalidade, não possui o discernimento necessário para conjecturar este contrato e enfrenta, deste modo, os perigos que se apresentam, sem a compreensão das implicações de suas intervenções no meio, tanto para sua vida quanto para a de seus subordinados e da própria natureza que os cerca. A preocupação ecológica como ocorre na atualidade não fazia parte da vida das pessoas naquele contexto histórico sociocultural.

Ao delinear os acontecimentos por eles vivenciados, fica explícito inclusive, como o ser humano age de maneira submissa frente a outro mais convincente, mesmo em uma situação aterrorizante como estavam todos os integrantes do navio, diante do poder agigantado e ameaçador da natureza que se revela a eles neste momento. Ao relatar o poder de arguição de Victor, Walton considera que “Even the sailors feel the power of this eloquence”⁸³ (SHELLEY, 2003, p.216). O navegador analisa o comportamento dos marinheiros frente aos argumentos do cientista e percebe como o ser humano pode ser dominado por outro, não apenas pela força física, mas por meio da argumentação, da linguagem. Há, por parte do dominador o intuito de subjugar, de convencer o outro a atender aos seus desejos e ele se utiliza da linguagem para conseguir o que deseja dos outros homens. Segundo Walton, “when he speaks, they no longer despair; he rouses their energies, and, while they hear his voice, they believe these vast mountains of ice are more molehills, which will vanish before the resolutions of man”⁸⁴ (SHELLEY, 2003, p.216). Entretanto, ao perceber que a eloquência do cientista não os levará a bom termo, o navegador teme pelo futuro de sua tripulação e considera os riscos a serem enfrentados caso permaneçam com o comportamento exploratório que o motivou. Ele acredita que os sentimentos de seus ajudantes são transitórios e percebe que a cada dia que passam nesse lugar inóspito, os homens se amedrontam e Walton teme por um motim. O desbravador percebe, enfim, que a natureza pode não se constituir de um elemento tão passivo quanto ele imaginava, ao início de sua expedição.

⁸³ Até os marinheiros sentem o poder de sua eloquência (SHELLEY, 2012, p. 236).

⁸⁴ quando ele fala, cessa o desespero deles; ele levanta seus ânimos, e enquanto eles ouvem a voz dele acreditam que essas vastas montanhas de gelo não são mais que montículos que se curvarão à determinação humana (SHELLEY, 2012, p. 236).

Um dos apontamentos mais emblemáticos de Walton com relação à sua vaidade diante do seu fracasso está na vergonha que ele demonstra ao assumir que “How all this will terminate, I know not; but I had rather die than return shamefully – my purpose unfulfilled”⁸⁵ (SHELLEY, 2003, p.218). Mas o navegador teme que não terá outra saída e admite que possivelmente este será o seu destino. Ele acredita que os marinheiros não terão motivação para continuar porque não se interessam pelos sentimentos de glória e de honra, indispensáveis para progredir nesse intento tão arriscado. Há uma motivação maior: o medo da morte. A todo instante, a postura do navegador revela o quanto o equilíbrio das três ecologias está em desarmonia na constituição de sua personalidade e reflete em suas ações.

A percepção da dinâmica cruel a qual fizera seus subordinados serem submetidos, aliada à ideia de que o ser humano teria o poder de dominar a natureza e os demais seres, fez com que seu orgulho se desvanecesse e sua esperança perecesse. No breve relato de 7 de setembro, após perceber que tudo chegara ao fim e ter consentido em retornar, ele assume não ter “filosofia suficiente” como acreditava possuir. “Thus are my hopes blasted cowardice and indecision: I come back ignorant and disappointed. It requires more philosophy than I possess, to bear this injustice with patience”⁸⁶ (SHELLEY, 2003, p.218). O capitão ainda teme pelo retorno, pois não tem certeza se as dificuldades a serem ultrapassadas poderão levá-los à morte. Como Walton e seus subordinados não respeitaram os valores e a força do meio ambiente, ganha destaque aqui a tomada de consciência que o navegador demonstra ao perceber a pequenez humana diante do elemento natural, da sua insignificância e impotência perante a ação da natureza. Ele reconhece sua fragilidade frente à mesma, ao perceber o perigo se aproximar e teme pela vida do cientista. O poder incomensurável do elemento natural se impõe diante deles, num ciclo ecológico indomável.

Segundo sua constatação, “We were in the most imminent peril; but, as we could only remain passive, my chief attention was occupied by my unfortunate guest

⁸⁵ Como tudo isso vai terminar, não sei, mas eu preferiria morrer a retornar envergonhado, sem ter cumprido meus objetivos (SHELLEY, 2012, p. 238).

⁸⁶ Eis como minhas esperanças caem por terra, graças à covardia e à hesitação; voltarei sem ter mais conhecimento e decepcionado. Requer mais filosofia do que a que possuo suportar com paciência tamanha injustiça (SHELLEY, 2012, p. 238).

whose illness increased in such a degree that he was entirely confined to his bed”⁸⁷ (SHELLEY, 2003, p.218). O homem que, no início da trama acreditava que poderia, de forma hostil, dominar as áreas naturais, é agora acometido pelo desejo que convergiria num único esforço: retornar. Este retorno da embarcação pode representar o desejo do navegador em voltar às suas origens, num possível esforço em religar os laços afetivos e as relações sociais perdidas durante sua busca desenfreada pelo domínio do ambiente e dos outros homens. Ele precisava mudar de paradigma com vistas ao reequilíbrio de sua psiquê.

The ice cracked behind us, and was driven with force towards the north; a breeze sprung from the west, and on the 11th the passage towards the south became perfectly free. When the sailors saw this, and that their return to their native country was apparently assured, a shout of tumultuous joy broke from them, loud and long-continued⁸⁸ (SHELLEY, 2003, p.218-219).

A alegria em voltar era maior que qualquer desejo em continuar. A possibilidade de reencontro da família, mesmo sem a glória e a fortuna tão almejadas no início da aventura ganha outra dimensão, os valores intrínsecos ao ser falavam mais alto. Retomar a convivência no seio familiar, religar os laços afetivos então rompidos era a maior realização que estes homens agora desejavam. Após Victor perguntar a Walton se ele realmente voltaria para a Inglaterra ele afirma que “Alas! Yes; I cannot withstand their demands. I cannot lead them unwillingly to danger, and I must return”⁸⁹ (SHELLEY, 2003, p.219). Ele só volta porque se vê obrigado: não tem como prosseguir sozinho. Mas, de fato, ele reflete sobre isso. Apesar de Walton atribuir aos seus homens o motivo de sua desistência em prosseguir, percebe-se que ele também não possui mais a mesma avidez que

⁸⁷ Estávamos numa situação de iminente e extremo perigo, mas como só podíamos ficar passivos, minha preocupação principal era meu pobre hóspede, cuja doença se intensificara de tal forma que ele não mais levantava da cama (SHELLEY, 2012, p. 239).

⁸⁸ O gelo se rachara atrás de nós e era levado com força para o norte; uma brisa começou a soprar do oeste, e no dia 11 a passagem para o sul estava completamente desimpedida. Quando os marinheiros se deram conta disso, e de que a volta para sua terra natal estava aparentemente assegurada, gritos de alegria se ouviram deles, bem alto e por um bom tempo (SHELLEY, 2012, p. 239).

⁸⁹ - Ah! Sim; não fui capaz de negar-lhe o que pediam. Não posso arriscar a levá-los ao perigo, se eles não querem, de modo que tenho que retornar (SHELLEY, 2012, p. 239).

possuía no início de seu projeto. Sua condição humana está abalada pelos acontecimentos e adversidades encontrados.

Walton permanece na companhia de Victor até sua morte e lamenta-a profundamente. Ele sente a tristeza própria de quem teve, por um breve espaço de tempo, um amigo para compartilhar uns poucos momentos. O navegador demonstra toda sua sensibilidade ao chorar a morte do amigo. E, ao escrever para sua irmã, ele conclui que voltará para a Inglaterra onde terá o consolo de que precisa. Novamente é retomado aqui o conceito de que o ser humano precisa religar os laços afetivos e de que sua ecologia psíquica poderá ser restabelecida com o contato com as pessoas que ama.

Margaret, what comment can I make on the untimely extinction of this glorious spirit? What can I say, that will enable you to understand the depth of my sorrow? All that I should express would be inadequate and feeble. My tears flow; my mind is overshadowed by a cloud of disappointment. But I journey towards England, and I may there find consolation⁹⁰ (SHELLEY, 2003, p.220).

Como a narrativa não esclarece, ficam os questionamentos: Teria Walton conseguido reencontrar o que deixou para trás? Teria ele encontrado uma forma de religar os laços perdidos? Sabe-se que Walton é o único que poderia retornar. Talvez não seja realmente importante saber se ele conseguiu, de fato, regressar. Mas é relevante considerar o fato de a obra proporcionar ao leitor a possibilidade de refletir sobre as inquietações que se colocaram diante dele e de suas convicções. Afinal, o ser humano sempre se colocou na condição de senhor das coisas. “Desde los albores de la civilización, entendimos que el lugar del hombre en la tierra era de dominio sobre la Naturaleza”⁹¹ (BADENES; COISSON, 2010, p. 176). Walton também se estabeleceu na paisagem natural como um ser superior, com a convicção de possuir total direito em explorá-la, assim como outros homens outrora o fizeram.

⁹⁰ Margaret, o que posso acrescentar sobre a morte prematura de um espírito tão glorioso? O que posso dizer para fazê-la entender quão profunda é minha tristeza? Tudo que conseguir expressar será inadequado ou inútil. Minhas lágrimas correm; minha mente está encoberta por uma nuvem de tristeza. Mas estou indo para a Inglaterra, e lá terei consolo (SHELLEY, 2012, p. 241).

⁹¹ Desde o alvorecer da civilização, entendemos que o lugar do homem na terra era de domínio sobre a natureza (tradução nossa).

6.2 Victor Frankenstein: o representante do desequilíbrio das três ecologias na constituição do ser

*Wandering spirits, if indeed ye Wander, and do not rest in your narrow beds, allow me this faint happiness, or take me, as your companion, away from the joys of life*⁹² (SHELLEY, 2003, p.101).

Oferecer sua contribuição para o mundo como a pessoa que trouxe alívio para a pior dor que um ser humano pode sentir: a dor de perder para a morte alguém que ama; ter seu nome inscrito entre os dos homens mais célebres da história da humanidade; viver um momento de glória diante da realização de algo nunca antes materializado. Estes são os principais anseios do cientista Victor Frankenstein, protagonista do romance em estudo e a segunda personagem selecionada para compor a análise ecocrítica e ecosófica a que se propõe esta pesquisa. “Descobrir os segredos da vida” é a justificativa para seu ambicioso trabalho. Ele compartilha de uma visão individualista do mundo, uma visão egocêntrica que é notada especialmente quando da morte da mãe.

A humanidade questiona incansavelmente as relações entre a vida e a morte na busca por compreender as potencialidades e as limitações humanas e, por que não, ampliar a capacidade humana de prolongamento da vida. O corpo humano sempre se constituiu de um mistério a ser desvendado em diversos âmbitos. “Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana” (SOARES, 2004, p.1). Ao colocar o corpo em destaque, ele passa a ser um rico material de pesquisas para estudiosos que almejam solucionar os mais diferentes dilemas e mistérios que nele se estabelecem.

Segundo o posicionamento de Soares, ao discutir sobre o corpo humano, toda a complexidade de sua constituição, para além das questões relativas ao corpo físico, é posta em discussão, uma vez que “Sua materialidade polissêmica pode ser tomada como síntese de sonhos, de realizações de desejos, de frustrações, de tiranias e de redenção de sociedades inteiras” (2004, p.1). E segue o mesmo

⁹² - Ó espíritos errantes, se por aqui de fato estiverem vagando, em vez de repousarem em seus leitos estreitos, permitam-me essa tênue felicidade, ou então me levem, como seu companheiro, para longe das alegrias da vida (SHELLEY, 2012, p. 110).

raciocínio ao continuar suas observações sobre o corpo quando complementa que “Seus múltiplos sentidos, assim, pedem múltiplos olhares, teorias, interações de saberes, para que dele se fale” (2004, p. 1). O assunto é amplo e abrange questões objetivas e subjetivas que a ele estão concatenados. Além disso, “uma evidência que acompanha todo ser humano, do seu nascimento à sua morte, o corpo é, contudo, finito, sujeito a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis” (SANT’ANNA, 2004, p. 3-4). A finitude da vida é uma questão que sempre angustiou a humanidade, uma vez que as pessoas se sentem poderosas e superiores aos demais seres presentes na natureza, mas é derrotado pela morte, que não conseguem dominar. De acordo com Soares,

[...] o corpo, mesmo remexido e revirado pelo avesso, minuciosamente perscrutado em seu exterior e interior, recortado e transformado em partes que vão viver em outros corpos, ou em receptáculo de muitos e múltiplos objetos/materiais que nele se incorporam, ou ainda sofrendo todo tipo de mutilação/intervenção desejada ou imposta, parece guardar a possibilidade de ser um território de preservação do humano factível que esconde uma réstia de mistério sobre sua existência (SOARES, 2004, p. 1).

O ser humano, portanto, está sempre empenhado em produzir os elementos que julga serem capazes de interferir no processo de vida e de morte. É, pois, a partir do desejo de compreender e de dominar a complexidade do corpo e da vida que a ação de Victor Frankenstein se justifica. Ao percorrer, em linhas gerais, a origem de toda a motivação que direciona o enredo, destaca-se a postura de Victor que, inconformado com sua condição humana, sofre ao perder a mãe, uma vez que ele possui a consciência acerca da fugacidade da vida e sobre o quanto uma pessoa é frágil diante da morte. Sua condição psíquica está abalada diante de sua perda. Ao perder a mãe, Victor nutre uma visão individualista, egocêntrica do mundo e, a partir dos encadeamentos da morte dela, passa a considerar as possibilidades que o corpo humano pode proporcionar e quer ter o controle sobre a essência do ser.

Ao analisar tal ponto, vale ressaltar o que os estudos ecosófico consideram, embora posteriormente ao texto em análise, acerca da relação humana com tais questionamentos. “A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os “mistérios” da vida e da morte” (GUATTARI, 1990, p. 16). Emerge, assim, para ele,

uma nova relação do indivíduo com o corpo humano: uma relação pautada no desejo de controlar os mistérios que envolvem a vida e a morte. Além disso, pesquisas apontam para o interesse que as pessoas possuem pelo corpo morto desde os tempos mais remotos. Para falar desta temática, é importante considerar o que é a morte.

De acordo com o filósofo José Luiz de Souza Maranhão, “A morte é um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o riso, a fome ou a sede, e, como tal, é transclassista” (1987, p. 20-21). O autor pondera ainda, que ela relativiza todas as condições nas quais os homens se encontram e demonstra que os homens são absolutamente iguais. Segundo ele, a morte é imperativa e indiscriminadamente desfere sua foice “sem levar em consideração o *status* daqueles a quem escolhe; todos devem morrer, jovens e velhos, ateus e crentes, homens e mulheres, brancos e negros – sejam ricos ou pobres” (1987, p. 20-21), nivelando, assim, todos ao mesmo destino.

Philippe Ariès, em sua obra *História da Morte no Ocidente*, discute o interesse dos homens pela temática de forma abrangente. Para ele tal fascínio “tão chocante no século XVI e depois na era barroca, foi mais discreto no século XVII; no século XVIII se exprime com a insistência de uma obsessão. Os cadáveres se tornam objeto de estranhas manipulações” (2003, p. 150). Há diferentes formas de manipulação dos corpos e diversas são a forma como as pessoas se relacionam com o tema, em todos os períodos da história da humanidade que inclui, inclusive aspectos relacionados à sexualidade e à religião, assuntos que não são aprofundados neste estudo, no que se refere ao corpo morto. A maneira como Victor manipula os cadáveres em sua época e que é motivo de análise aqui, tem uma conotação voltada apenas para o desejo do cientista em procurar elucidar o segredo que os faria retornar à vida.

É importante ponderar que no século XVIII, a morte possui um novo sentido. Ariès contribui sobremaneira ao afirmar que “A morte deixou de ser considerada como um evento sem dúvida temível, mas suficientemente inseparável do universo cotidiano, para não ser familiar nem aceita” (2003, p. 151). De fato, a morte continua a fazer parte da vida das pessoas e é preciso se relacionar com ela, de alguma forma. Para o autor, por mais que ela seja “familiar e aceita na prática diária da vida, deixou de sê-lo no mundo do imaginário, onde se preparavam as grandes mudanças da sensibilidade” (2003, p. 151). Considerando tal constatação, percebe-

se que o jovem Frankenstein, inserido no contexto do século XVIII, possui sentimentos semelhantes aos dos demais homens do período com relação aos conflitos perante a morte no que se refere à separação entre vivos e mortos e toda a subjetividade envolvida neste processo, extremamente doloroso para ele, assim como para a maioria das pessoas.

Victor é uma pessoa séria e perspicaz. Sua capacidade de abstrair e de traduzir toda a abstração que compreende por meio de suas pesquisas em elementos concretos para a realização de seu empreendimento é algo extraordinariamente inusitado. Ele é corajoso, incansável e dedicado às suas crenças mais profundas. Porém, em seu esforço por justificar suas motivações e os agravamentos delas resultantes, Victor se ilude e se revela em desarmonia com o mundo que o cerca. Ele foi acometido por um desajuste que adveio de sua postura audaciosa e de suas escolhas que em muito divergiam das de seus amigos e familiares. O papel que ele desempenha na narrativa muda substancialmente. Ele passa, de uma criança dócil e curiosa, cercada de cuidados e afetos, a um adulto aparentemente desligado de qualquer afetividade que um ser humano precisa para o equilíbrio de sua ecologia psíquica. Isto passa a ocorrer a partir do momento no qual ele se vê incitado a desvendar segredos nunca antes revelados e, regido pela glória pessoal, com a convicção de que poderia realizar tal feito.

No entanto, ele se mostra uma pessoa sensível diante da postura, por exemplo, de seu melhor amigo Henry Clerval que, segundo ele, possui interesse em se ocupar “com as relações morais entre as coisas”. Este amigo, possuidor de “ambições elevadas”, considerado um herói wordsworthiano, é indispensável para a constituição da harmonia psíquica de Victor. A descrição que o protagonista faz do amigo revela sua admiração por ele. A amizade que eles compartilham evidencia como tranquila e equilibrada era, a princípio, a vida de ambos. De acordo com o cientista, ao falar sobre o amigo, ele aponta que “even human sympathies were not sufficient to satisfy his eager mind. The scenery of external nature, which others regard only with admiration, he loved with ardour”⁹³ (SHELLEY, 2003, p.161). O laço de amizade que os une é extremamente importante em sua vida, o que demonstra, em certa medida, a necessidade de o ser humano estar em sintonia com seus pares

⁹³ [...] mesmo as afeições humanas não eram suficientes para satisfazer sua mente ávida. Esses cenários da natureza, que os outros são capazes apenas de admirar, ele os amava com ardor (SHELLEY, 2012, p. 174).

para a harmonia de sua ecologia mental. Vale destacar que Clerval é feliz porque está em equilíbrio e sua mente se expande, inclusive, com o contato com outras pessoas mais talentosas. As situações nas quais a figura de seu melhor amigo se faz presente, são também configuradas como as ocasiões cuja necessidade e a importância dos laços afetivos para o equilíbrio do cientista são perceptíveis.

After some days spent in listless indolence, during which I traversed many leagues, I arrived at a Strasburgh where I waited two days for Clerval. He came. Alas, how great was the contrast between us! He was alive to every new scene; joyful when he saw the beauties of the setting sun, and more happy when he beheld it rise and recommence a new day. He pointed out to me the shifting colours of the landscape, and the appearances of the sky⁹⁴ (SHELLEY, 2003, p.159).

As reflexões de Victor voltavam-se, em muitos momentos, para si mesmo, o que se explica pelo seu caráter egocêntrico. Segundo ele “natural Philosophy is the genius that has regulated my fate”⁹⁵ (SHELLEY, 2003, p.40). Desde muito cedo, Victor se interessava pelos estudos da filosofia natural. Compreender suas motivações implica em considerar a gênese de suas intenções. Ele reforça o direcionamento de seu entusiasmo ao dizer, por exemplo, que não se interessava por questões legais ou políticas. O status social que sua conquista poderia alcançar, no entanto, o convence a prosseguir. Além disso, provido de dinheiro e de novas e favoráveis condições, para a época, de estudos e pesquisas, ele se sente livre para abandonar o lar e buscar, na vida acadêmica, os meios que garantiriam a execução de sua atividade. Suas ambições estavam já bem definidas e o desenvolvimento tecnológico e científico vigente poderia ajudá-lo a pôr em prática o que almejava.

Com relação ao meio natural, é perceptível na narrativa que ele possuía, a princípio, um enlevo muito distinto ao observar a natureza, muito embora seus desejos englobassem interesses acerca da ciência. Some-se, portanto, ao raciocínio dele, a combinação de conhecimentos empíricos e científicos. Ao relatar, por exemplo, sobre uma importante aula que fez com que suas motivações se

⁹⁴ Depois de vários dias passados nessa indolente indiferença, em que percorri muitos quilômetros, estava em Estrasburgo, onde esperei dois dias por Clerval. Ele chegou. Ah, e como era enorme o contraste entre nós dois! Toda nova paisagem o deslumbrava, a beleza do sol se pondo o enchia de felicidade, e ainda mais a do sol nascendo para um novo dia. Apontava-me as cores mudando na paisagem, as diferentes configurações do céu (SHELLEY, 2012, p. 172).

⁹⁵ a filosofia natural foi o gênio que governou meu destino (SHELLEY, 2012, p. 43).

intensificassem, o estudioso retoma a fala do professor Waldman, com vistas a analisar os feitos dos antigos mestres da química, que, segundo o educador “promised impossibilities, and performed nothing”⁹⁶ (SHELLEY, 2003, p. 49) e valorizar os dos atuais que, de acordo com o professor “promise very little; they know that metals cannot be transmuted, and that the elixir of life is a chimera”⁹⁷ (SHELLEY, 2003, p. 49). Nesse sentido, ele eleva substancialmente o valor destes em detrimento dos anteriores e considera que “these philosophers, whose hands seem only made to dabble in dirt, and their eyes to pore over the microscope or crucible, have indeed performed miracles”⁹⁸ (SHELLEY, 2003, p. 49). São esses milagres que Victor deseja compreender e ampliar. Para o cientista, há possibilidades pelas quais vale a pena lutar incansavelmente e muitas mudanças são percebidas em sua postura: sua natureza, agora fugidia, não condiz com o menino que era quando antes estava envolto pelos cuidados e pela segurança do lar paterno. Ele deseja pesquisar intensivamente o que já foi produzido com o intuito de construir novos caminhos para os resultados que tanto almejava. Suas ações, portanto, se intensificam e ele demonstra ser possuidor de um caráter singular. É este caráter conflituoso do ser humano, aqui analisado na pessoa do cientista, que pode ser considerado, pelos estudos ecosóficos, em desequilíbrio. Um desequilíbrio que provém da falta de harmonia das três ecologias: a psíquica, a social e a ambiental.

Com relação à trajetória acadêmica de Victor, ao expor sua experiência em sala de aula, ele considera, *a posteriori*, que os ensinamentos do professor Waldman eram as palavras proferidas pelo destino que serviriam para conduzi-lo para a sua ruína (que ele constata após vivenciar os infortúnios por ele provocados). Naquele momento, como parece óbvio, o cientista não tinha a exata dimensão do que poderia ser seu futuro, caso investisse em métodos tidos como tão arriscados e que configurariam em uma marca indelével em sua existência. Também é fato que seu desejo se intensificava a cada nova descoberta, a cada novo elemento motivacional, o que o distanciava cada vez mais de sua essência enquanto o ser que era quando da convivência fraterna: um ser equilibrado emocionalmente e

⁹⁶ prometiam impossibilidades e nada produziam (SHELLEY, 2012, p. 54).

⁹⁷ prometem bem pouco; sabem que metais não podem ser transmutados e que o elixir da longa vida é uma quimera (SHELLEY, 2012, p. 54).

⁹⁸ esses filósofos, cujas mãos parecem apenas remexer com poeira, e que parecem não tirar os olhos do microscópio ou do cadinho, produziram de fato milagres (SHELLEY, 2012, p. 54).

destituído de culpas e remorsos. À medida em que a narrativa avança, vê-se um Victor deslocado do mundo tradicional do qual sua família faz parte, um mundo repleto de valores familiares e sociais consistentes no qual ele cresceu e se desenvolveu. Ele, em diversos momentos da narrativa, verbaliza com grande entusiasmo seus desejos mais íntimos.

As he went on I felt as if my soul were grappling with a palpable enemy; one by one the various keys were touched which formed the mechanism of my being: chord after chord was sounded, and soon my mind was filled with one thought, one conception, one purpose. So much has been done, exclaimed the soul of Frankenstein, - more, far more, will I achieve: treading in the steps already marked, I will pioneer a new way, explore unknown powers, and unfold to the world the deepest mysteries of creation⁹⁹ (SHELLEY, 2003, p. 49).

É notório o fascínio que Victor possui pela ciência. Ele se entusiasma com cada nova descoberta. O equilíbrio de sua ecologia psíquica é afetado pelas possibilidades que são colocadas diante dele. Para ele, é evidente a limitação de outros saberes além do científico, uma vez que, em se tratando dos primeiros, “you go as far as others have gone before you, and there is nothing more to know; but in a scientific pursuit there is continual food for discovery and wonder”¹⁰⁰ (SHELLEY, 2003, p. 51-52). Victor tem a convicção de que sua dedicação a um único assunto o levaria a ter a competência necessária para realizar o que almeja. É importante destacar aqui que ele possui uma visão racional e desmistificada sobre a vida e sobre a morte. O jovem cientista acredita poder investigar mais profundamente o corpo humano e se dedicar a desvendar os mistérios que o envolve. “One of the phenomena which had peculiarly attracted my attention was the structure of the human frame, and, indeed, any animal endued with life. Whence, I often asked

⁹⁹ Enquanto ele prosseguia, eu sentia como se minha alma se engalfinhasse com um inimigo palpável; uma a uma, as várias teclas do mecanismo do meu ser iam sendo acionadas; acorde após acorde ia soando, e logo minha mente estava tomada por um só pensamento, uma ideia fixa, um único objetivo. Tanto já se fez, exclamou a alma de Frankenstein – mais, muito mais eu realizarei; seguindo as pegadas já existentes, serei o pioneiro num novo caminho, explorarei poderes desconhecidos, e desvelarei para o mundo os mistérios mais profundos da criação (SHELLEY, 2012, p. 54).

¹⁰⁰ chega-se até onde os outros chegaram antes de você, e então nada mais há a saber; mas em pesquisas científicas é contínua a possibilidade de fazer descobertas e se assombrar” (SHELLEY, 2012, p. 57-58).

myself, did the principle of life proceed”¹⁰¹ (SHELLEY, 2003, p. 52)? No entanto, ele acredita ser um questionamento arrojado, diante de algo considerado até então um mistério. Mesmo com esta convicção, sua natureza racional o move a pensar que, apesar dos mistérios envolvidos nestas questões, ele acredita que não deve temer desvendá-los, pois segundo ele, “how many things are we upon the brink of become acquainted, if cowardice or carelessness did not restrain our enquiries”¹⁰² (SHELLEY, 2003, p. 52). Para Victor, assim como para muitos homens em todos os tempos, o ser humano teria poderes ilimitados sobre todo o meio natural, inclusive, sobre a própria natureza humana.

Portanto, ele decide investir seus esforços na busca por elucidar as questões que versam sobre a constituição dos seres. Ele afirma que somente conseguiu enfrentar as dificuldades “fatigantes e quase intoleráveis” de suas pesquisas devido ao entusiasmo “quase sobrenatural” e com a convicção das possibilidades que ele acreditava estarem a seu favor. Victor se mostra então, uma pessoa destemida e desprovida dos sentimentos mais comuns para seus pares com relação ao respeito e à reverência pelo elemento natural e pelos demais seres. O cientista não está acessível aos ensinamentos provenientes do meio ambiente e das manifestações naturais. Seus pensamentos estão restritos à lógica alienante da exploração da natureza que visa somente ao lucro e à satisfação dos seus desejos. Sua ecologia social e psíquica se mostra em desarmonia quase que o tempo todo. As pessoas da época não tinham como equacionar tais questões contemporâneas sobre o meio ambiente, sobre ecologia e sobre questões ecocríticas e ecosófica, uma vez que as mesmas não faziam parte de sua realidade, como se promove na atualidade. De certa forma Victor rompe os laços com a natureza e não se preocupa com os possíveis limites e as consequências de sua interferência no meio natural.

Para aprofundar a questão e compreendê-la em *Frankenstein*, é importante considerar que, diante da morte, as pessoas, de modo geral, demonstram apreensão, receio e até medo, devido ao mistério nela imbricado. Para a maioria dos seres humanos, a morte é um assunto a ser tratado com certa prudência e com respeito. Victor, entretanto, possui uma personalidade *sui generis*. Para demonstrar

¹⁰¹ Um dos fenômenos que mais destacadamente atraía minha atenção era a estrutura do corpo humano, e mesmo a de qualquer animal dotado de vida. De onde provém, me perguntava com frequência, o princípio da vida (SHELLEY, 2012, p. 58)?

¹⁰² são tantas as coisas que ficamos no limiar de descobrir, só porque a covardia e a negligência restringem nossas pesquisas (SHELLEY, 2012, p. 58).

a essência de sua visão racional e a singularidade de seu comportamento destaca-se a seguinte declaração do cientista: “To examine the causes of life, we must first have recourse to death. I became acquainted with the science of anatomy: but this was not sufficient; I must also observe the natural decay and corruption of the human body”¹⁰³ (SHELLEY, 2003, p. 52). Com tal declaração ele justifica seu interesse neste assunto. Até então, apesar de possuir ideias arrojadas e audaciosas, Victor demonstra possuir ainda um certo equilíbrio com relação aos mistérios envolvidos neste assunto, graças aos cuidados que recebera de seu pai. Ele relata que “my father had taken the greatest precautions that my mind should be impressed with no supernatural horrors”¹⁰⁴ (SHELLEY, 2003, p. 52). Depreende-se aqui o cuidado que o pai dispensa ao filho com a preocupação com seu bem-estar emocional, o que leva o leitor contemporâneo a considerar a importância dos laços afetivos mais elementares para o equilíbrio psíquico e social do indivíduo.

De acordo com suas lembranças, Victor não se recorda, por exemplo, de ter sentido pavor com histórias de fantasmas ou de superstições. Ele acrescenta que não tinha medo da escuridão e que a mesma não causava nenhum tipo de efeito sobre seu imaginário. Não havia nenhum misticismo em sua mente. Para ele, “a churchyard was to me merely the receptacle of bodies deprived of life, which, from being the seat of beauty and strength, had become food for the worm”¹⁰⁵ (SHELLEY, 2003, p. 52). A visão prática das coisas e o sentimento de que tudo estaria sob controle contribuíram para aguçar sua mente empolgada e desejosa de aprendizagem e de enfrentamento de desafios. Tais características psicológicas do cientista apontam para a consolidação da ideia de que sua personalidade estava desde cedo imbuída da convicção de que o ser humano pode concretizar todos os seus anseios, tendo, inclusive, os mais surpreendentes elementos da natureza ao seu dispor.

Apesar do histórico de afetividade encontrado no seio de sua família e na companhia de seu mais importante amigo, o sofrimento de Victor ao perder a mãe faz com que ele se esqueça da força dos laços afetivos, importantes para seu

¹⁰³ Para examinar as causas da vida, precisamos primeiro recorrer à morte. Inteirei-me da ciência da anatomia, mas não era o bastante; precisava também analisar a decomposição e o apodrecimento naturais do corpo humano (SHELLEY, 2012, p. 58).

¹⁰⁴ “Meu pai tomara todas as precauções em minha educação para que em minha mente não ficassem gravados horrores sobrenaturais (SHELLEY, 2012, p. 58).

¹⁰⁵ um cemitério não passa de um depósito de corpos sem vida os quais, tendo sido uma vez o lugar da beleza e da força, são agora alimento para vermes (SHELLEY, 2012, p. 58).

equilíbrio. Seu desejo, que, a princípio era o de encontrar uma solução que amenizasse seu sofrimento diante de sua perda é posteriormente ampliado. Enquanto ser social, o cientista declara que precisa estender os benefícios que ele acredita conseguir com seu projeto ambicioso para as outras pessoas, oferecendo assim, sua contribuição para o mundo. “I had gazed upon the fortifications and impediments that seemed to keep human beings from entering the citadel of nature, and rashly and ignorantly I had repined”¹⁰⁶ (SHELLEY, 2003, p. 41). Com este espírito destemido, evidenciado pela linguagem própria do campo semântico militar que utiliza, Victor prossegue seus estudos, na convicção de que estava no caminho certo e de que seria recebido com louvor por ter empreendido em uma esfera tida como impenetrável. A base inicial das suas ideias, de acordo com o texto, se deu por meio de experiências alquímicas em muito já ultrapassados para seu tempo. Quando Victor constata seu equívoco diante de seus estudos, ele fica entristecido por não ter tido o apoio que julgara necessário, inicialmente por parte de seu pai, para evitar o desenvolvimento do processo que ele empreendeu.

As teorias que orientavam seus estudos tinham por base o vitalismo e a eletricidade. Uma vez que toda a teoria utilizada já não lhe era suficiente, Victor Frankenstein buscou a consolidação de seu objetivo maior que era criar vida em laboratório de forma prática: a partir da junção de partes de corpos de cadáveres. O processo por ele percorrido para a composição de sua criatura estimula a imaginação do leitor que é proporcionada por meio das descrições que gradativamente expõem a ousadia e o teor de impraticabilidade ética da ação que dão forma ao novo ser. “I collected bones from charnel-houses and disturbed, with profane fingers, the tremendous secrets of the human frame”¹⁰⁷ (SHELLEY, 2003, p.55). Com tais exposições, o leitor elabora uma imagem tanto do processo quanto do resultado de toda a proposta e pode verificar o quão desajustado foi, não apenas o cientista, mas a própria condição humana de domínio da ciência e da tecnologia em prol de um feito antiecológico.

Ele pretende empregar os meios tecnológicos e científicos necessários para solucionar o problema do sofrimento de toda a humanidade diante do misterioso e inevitável ciclo da vida humana sobre a Terra que culmina, em sua condição

¹⁰⁶ Eu havia espreitado as fortificações e os obstáculos que pareciam impedir os seres humanos de entrar na cidadela da natureza, e ignorante e temerário eu os lamentava” (SHELLEY, 2012, p. 45).

¹⁰⁷ Recolhi ossos em necrotérios, perturbei com dedos profanos os segredos do corpo humano (SHELLEY, 2012, p. 62).

biológica, com a morte do corpo físico. Victor deseja o triunfo da vida sobre a morte e algo maior também para todos os seus pares, mas deixa transparecer que é movido pela vaidade ao considerar a possibilidade de ser o único a possuir a resposta que elucidaria tal mistério, o que o colocaria em posição de destaque perante a sociedade. “Wealth was na inferior object; but what glory would attend the Discovery, if I could banish disease from the human frame and render man invulnerable to any but a violent death”¹⁰⁸ (SHELLEY, 2003, p.42)! A afirmação apresentada demonstra o quão ansioso e esperançoso Victor se encontra diante das possibilidades que ele tencionava realizar. O desejo de conhecer e de dominar as questões mais subjetivas que envolvem o corpo humano faz parte tanto dos anseios de Victor como de outras pessoas de diversas culturas.

São antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é desconhecido nos corpos. Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas (SANT’ANNA, 2004, p. 4).

A conquista incomparável de Victor Frankenstein e os sentimentos próprios de sua personalidade audaciosa são constantemente abordados no romance. De forma crucial, tais elementos estão consoantes com as variações climáticas e com as sensações que elas provocam, o que amplia a percepção do leitor acerca da relação da natureza com as ações do homem romântico. Além disso, procedimentos desmesurados marcam a dinâmica dos feitos deste novo ser, imerso em possibilidades e desejos grandiosos, que não estava preocupado com a impraticabilidade dos mesmos. O comportamento de Victor exemplifica tais considerações ao orquestrar construir uma pessoa.

Segundo o cientista, “Nor could I consider the magnitude and complexity of my plan as any argument of its impracticability. It was these feelings that I began the creation of a human being”¹⁰⁹. A postura de Victor revela o que há muito é recorrente

¹⁰⁸ A fortuna era um objeto mesquinho, mas com que glória seria saudada a descoberta que poderia banir as doenças do homem e torná-lo invulnerável a tudo, a não ser a morte violenta! (SHELLEY, 2012, p. 45).

¹⁰⁹ Tampouco podia considerar a magnitude e a complexidade de meu plano como evidências de sua impraticabilidade. Foi assim que comecei a criação de um ser humano (SHELLEY, 2012, p. 61).

na história da humanidade com relação à conduta dominadora do ser humano diante dos demais seres vivos. O cientista admite, por exemplo, ter redefinido a estrutura do seu projeto para adaptá-lo à necessidade tecnológica de que dispunha para executar seu plano. “As the minuteness of the parts formed a great hindrance to my speed, I resolved, contrary to my first intention, to make the being of a gigantic stature; that is to say, about eight feet in height, and proportionally large”¹¹⁰ (SHELLEY, 2003, p. 54). Ele é ousado, perspicaz e inconsequente desde o início até a implementação de sua tarefa.

Ao falar sobre as ações invasivas do cientista, é possível, ao leitor, utilizar a referência mencionada para destacar uma questão importante discutida na atualidade: o fato de que o ecossistema como um todo também sofre com os impactos da ação destruidora do indivíduo que, como Victor, não considera as consequências de suas ações. O ser humano do presente também ultrapassa os limites de suas atitudes e falta a compreensão de sua interligação com o meio natural, o que promove, ao longo dos séculos, o desequilíbrio ecológico. Segundo Boff, “A ética da sociedade dominante hoje é utilitarista e antropocêntrica” (1995, p. 23). O autor acredita que esta ética coloca “o conjunto dos seres a serviço do ser humano que pode dispor deles a seu bel-prazer, atendendo a seus desejos e preferências” (1995, p. 23). Esta consideração oportuniza a reflexão para o problema que envolve o humano e sua interferência no meio. As pessoas precisam rever seu lugar enquanto ser dotado de raciocínio. O autor pondera que é importante que o indivíduo repense suas crenças de “que o ser humano, homem e mulher, é a coroa do processo evolutivo e o centro do universo” (1995, p. 23). Enquanto as pessoas agirem de forma dominante sobre as demais espécies, os problemas tendem a se agravar e a não ser solucionados, ou sequer, minimizados.

Esta é uma mentalidade hegemônica. As ações do cientista também são conduzidas por uma mente que não se preocupa com as consequências de seus atos. Vale ressaltar que este ideal hegemônico está ainda arraigado no comportamento de grande parte da sociedade atual. Uma das questões mais significativas, neste contexto, é o que Alves discute ao explicitar que “Ao longo da história e do seu processo existencial, o homem criou universos de referências face

¹¹⁰ Como a excessiva minúcia das partes constituía obstáculo a me atrasar, resolvi, contrariamente a minha intenção anterior, fazer um ser de estatura gigantesca, ou seja, tendo em torno de dois metros e meio de altura, e o resto do corpo proporcional (SHELLEY, 2012, p. 61).

ao “acto de matar” (2000, p. 89). Para a pesquisadora, o ser humano, assim como o leitor do romance pode conjecturar sobre o cientista da obra em estudo, se sente superior aos demais seres e se considera no direito de impor neles sua força para atender aos seus interesses e satisfazer às suas necessidades.

Desde os tempos nômadas da caça, o “acto de matar” tem constituído um conceito de superioridade a favor do homem, em que este se distingue dos outros animais, porque os consegue dominar e matar, conseguindo ao mesmo tempo que o seu comportamento seja elogiado por tais atitudes (ALVES, 2000, p. 89).

Apesar de se sentir superior e de se considerar no direito de ter seus anseios atendidos por meio da sua força perante os demais elementos da natureza, Victor, em alguns momentos da narrativa, parece compreender o teor da força incomensurável do meio natural agindo independentemente dos seus sentimentos ou de suas ações. Para ele, o domínio do meio era algo definido. No entanto, ao ver seus ideais fracassados e, mesmo desprovido da ética necessária aos homens, ele, em meio à dor, procura respostas para seu sofrimento e busca consolo confrontando o belo e o sublime presentes no meio ambiente. O caráter romântico do texto de Mary Shelley fica evidente na demonstração dos sentimentos que a natureza circundante evoca no cientista, ao passo em que ele remói seu infortúnio. E há, portanto, um paradoxo: no romance, há uma interação harmônica entre os sentimentos dos personagens e a natureza, muito embora a história que está sendo contada é uma história do desequilíbrio entre o ser humano e a natureza.

Victor compreende, no entanto, que o elemento natural não age de acordo com seus sentimentos. Ele percebe uma natureza grandiosa, sublime e majestosa, com uma espécie de poder que ele não poderia mensurar. São imagens dramáticas, condizentes com o imaginário romântico. Vale ressaltar que o homem romântico, quando está em dificuldade, procura se comunicar com a natureza, ao buscar o sublime e ao encontrar nela a grandiosidade que supera qualquer outro ser. O encanto produzido no imaginário do jovem o leva, então, a considerar algumas possibilidades para a execução de sua proposta, considerada atualmente como antiecológica. Neste momento ele descreve que viu, de repente, “a stream of fire issue from an old and beautiful oak, which stood about twenty yards from our house;

and so soon as the dazzling light vanished, the oak had disappeared, and nothing remained but a blasted stump”¹¹¹ (SHELLEY, 2003, p.42). No entanto, ele não percebe, de fato, que a ação da natureza na qual está inserido não ocorre para satisfazer aos seus anseios. Victor apenas vê aquilo que ele quer ver, o que pode lhe ser útil materialmente ou que lhe sirva de inspiração para o desenvolvimento de sua tarefa. Ele está tão absorto em seu projeto que não capta as sutilezas do que acontece com o meio a sua volta. Para Garrard (2006), “A natureza só é valorizada em termos de sua utilidade para nós” (2006, p. 35). Com este pensamento, a humanidade fatalmente está destruindo o meio ao seu redor ao longo dos anos. A paisagem descrita na obra, por exemplo, está atualmente modificada. O Mont Blanc, por exemplo, que se constitui no cenário principal que foi palco para o desenrolar da trama de Mary Shelley, foi transformado pela ação humana exploratória, invasiva e destruidora nestes duzentos anos.

Victor não considera a possibilidade de uma atuação do meio natural contrária aos seus desejos, em seu empreendimento. Portanto, qualquer adversidade climática ou eventual manifestação do elemento natural passam, muitas vezes, despercebidas à sua sensibilidade, tão aguçada para as questões às quais ele se dedica. Ele não distingue, por exemplo, a passagem do tempo, marcada pelas alterações mais elementares da biosfera, como o florescimento das plantas ou o cair das folhas. “Winter, spring, and summer passed away during my labours; but I did not watch the blossom or the expanding leaves – sights which before Always yielded me supreme delight – so deeply was I enfrossed in my occupation”¹¹² (SHELLEY, 2003, p. 57). Entusiasmado e envolto apenas em suas atividades, ele tem a sensação de que a natureza reflete positivamente em suas ações e relata que “The leaves of that year had withered before my work drew to a close; and now every day showed me more plainly how well I had succeeded”¹¹³ (SHELLEY, 2003, p. 57). Sua empolgação diante da proximidade da conclusão de seu trabalho o distancia de qualquer possibilidade de reconhecimento dos problemas que poderia causar ao meio ambiente como um todo.

¹¹¹ uma labareda de fogo saindo de um velho e belo carvalho a uns dezoito metros de nossa casa; mas, assim que cessou a luz estonteante, o carvalho havia desaparecido, e em seu lugar só restava um toco fulminado. (SHELLEY, 2012, p. 47).

¹¹² O inverno, a primavera e o verão se foram enquanto eu trabalhava; mas eu nem contemplei o florescimento e o crescer das folhas – uma visão que sempre me proporcionava supremo encanto – estava tão profundamente envolvido com minha tarefa.

¹¹³ As folhas caíram naquele ano antes que meu trabalho estivesse perto de seu final, e agora cada dia garantia-me com mais clareza o quanto ele estava dando certo (SHELLEY, 2012, p. 64).

Entretanto, como sua condição humana não consegue abarcar a obscuridade do produto de suas ações, toda a carga de responsabilidade que tal feito demanda provoca nele sentimentos conflituosos. Ele tem uma visão instrumentalista das coisas e, ao não aceitar o produto de seu trabalho, não tenciona ter responsabilidade sobre o mesmo. Então, para aplacar a dor e o sentimento de culpa perante a complexidade do seu feito, Victor, por diversas vezes, recorre ao ambiente natural, cuja imponência atua ora como bálsamo, ora como tormento para suas reflexões e angústias. Em cada momento de retorno do cientista à natureza, pode-se perceber o quanto os laços entre os seres estão conectados. O ser humano faz parte da natureza e, mesmo sem ter tal percepção, ele precisa estar em harmonia com a mesma para seu próprio equilíbrio.

Durante toda a narrativa, as manifestações da natureza estão coerentes com o espírito das personagens diante dos acontecimentos que se apresentam, muito embora a visão romântica inverta a posição do meio natural ao colocá-lo como agente na medida da necessidade emocional das mesmas. A título de exemplo vale ressaltar o instante, logo após o processo de criação realizado pelo cientista da obra em estudo, no qual a natureza se mostra triste, insólita e representativa desse momento de angústia e de desespero diante da conclusão deste projeto inigualável. No entanto, é importante destacar que a natureza não foi feita para o uso indiscriminado das pessoas e que ela não está condizente com as oscilações emocionais das mesmas de forma a atender suas expectativas como se acreditava no período romântico.

As principais ações do enredo, entretanto, acontecem em consonância com a ocorrência de movimentos naturais, o que é uma característica dos textos produzidos no Romantismo. Diversos são os momentos nos quais o cientista se encontra envolto em uma natureza que dialoga com seus sentimentos mais profundos. No entanto, apesar de imerso no meio ambiente, Victor não está acessível aos ensinamentos provenientes das manifestações naturais. Seus pensamentos são restritos à lógica alienante da exploração da natureza que visa somente ao lucro e à satisfação dos seus desejos. De certa forma ele rompe os laços com a natureza e não se preocupa com os possíveis limites imbricados nesta relação. "It was on a dreary night of November, that I beheld the accomplishment of

my toils”¹¹⁴ (SHELLEY, 2003, p. 58). Este é um momento de destaque na narrativa. Nele, verifica-se que não há nada de auspicioso simbolicamente no nascimento da criatura que ocorre no outono, quase inverno, o que condiz com o caráter obscuro de produção da mesma.

It was already one in the morning; the rain pattered dismally against the panes, and my candle was nearly burnt out, when, by the glimmer of the half-extinguished light, I saw the dull yellow eye of the creature open; it breathed hard, and a convulsive motion agitated its limbs¹¹⁵ (SHELLEY, 2003, p. 58).

Como poderia Victor descrever suas emoções diante do que ele mesmo menciona como catástrofe? Este questionamento faz parte de suas reflexões diante do ser por ele criado. Frankenstein, em uma análise ecocrítica com relação ao conflito que se estabelece em sua percepção diante de seu trabalho, se sente incapaz de “[...] delineate the wretch whom with such infinite pains and care I had endeavoured to form”¹¹⁶ (SHELLEY, 2003, p. 58)? Ao passo em que o cientista sofre com sua atividade incomum, em contrapartida, segue seu raciocínio ao descrever sua criatura de forma muito próxima ao conceito da imagem que se tem disseminada pelas diferentes mídias. Tal descrição reflete a forma como o cientista vê sua criação: horrenda, disforme e distante da beleza plástica e de constituição que ele almejava, o que o coloca em um profundo estágio de reflexão das consequências de seus atos. Vale ressaltar que Victor não se preocupa com a ética em seu projeto, mas apenas com a estética do resultado. Para ele, desde que o resultado seja alcançado, nada mais importa, o que pode representar também a desarmonia de sua condição psíquica. É possível compreender esse descompasso quanto o cientista descreve sua criatura de forma a elencar suas características e ao depreciar alguns dos aspectos que a compõem.

¹¹⁴ Foi numa lúgubre noite de novembro que eu contemplei o resultado de meus esforços (SHELLEY, 2012, p. 65).

¹¹⁵ Era já quase uma da manhã; a chuva tamborilava sombria nas vidraças, e minha vela estava quase no fim quando, sob a luz bruxuleante da chama quase extinta, eu vi o baço olho amarelo da criatura se abrir; respirou fundo, e um movimento convulsivo agitou seus membros (SHELLEY, 2012, p. 65).

¹¹⁶ [...] delinear o desgraçado que com tão infinitas dificuldades e cuidados eu me esforçara em criar (SHELLEY, 2012, p. 65)?

His yellow skin scarcely covered the work of muscles and arteries beneath; his hair was of a lustrous black, and flowing; his teeth of pearly whiteness; but these luxuriences only formed a more horrid contrast with his watery eyes, that seemed almost of the same colour as the dun-white sockets in which they were set, his shrivelled complexion and straight black lips¹¹⁷ (SHELLEY, 2003, p. 58).

A oscilação da percepção do cientista com relação ao ser criado revela o quanto ele é incoerente frente às suas convicções, algo próprio de quem está em desequilíbrio. A constatação do cientista de que sua criatura não é perfeita é enfatizada por Griffin ao afirmar que, “Frankenstein’s creation is a monster, after all, sublime only in his Dantean ugliness”¹¹⁸ (1997, p. 51). Diante desta visão, como que em um torpor, Victor coloca sua criação em uma posição de horror extremo. Percebe-se que ele possui, neste momento, uma visão diferente da que supostamente acreditava que teria ao contemplar sua criatura e conjecturar a possibilidade de obter reconhecimento perante a sociedade.

O conflito evidenciado por Victor, nos mais diversificados momentos da narrativa, demonstra seu aparente desespero diante da conclusão de sua obra. Seria ingenuidade afirmar que Victor enfrenta de forma plena os conflitos por ele provocados. Mesmo quando parece que ele é destemido e que vai confrontar os problemas, fica evidente o quanto sua natureza é evasiva e passível de sofrimento e de desajuste. O cientista mescla, então, a descrição de seu estado de espírito conturbado com momentos de descrição de sua criatura que variam entre o belo e o feio, uma vez que o processo de produção dela e a evolução de seu entendimento sobre as ações conflituosas acerca de seu empreendimento permitem ao cientista refletir sobre esse novo corpo humano que se apresenta diante dele. Além disso, ele evidencia a amplitude de seu desejo, ao mencionar que se preocupava com “os segredos físicos do mundo”.

¹¹⁷ A pele amarelada mal cobria a trama de músculos e artérias por baixo; seus cabelos eram de um negro lustroso, e lisos; os dentes, de um branco perolado; mas essas exuberâncias apenas faziam um contraste ainda mais horrível com seus olhos diluídos, que pareciam ter a mesma cor das órbitas branco-pardacentas, e com sua tez enrugada e seus duros lábios pretos (SHELLEY, 2012, p. 65).

¹¹⁸ A criação de Frankenstein é um monstro, afinal, sublime apenas em sua fealdade dantesca.

It was the secret of heaven that I desired to learn; and whether it was the outward substance of things, or the inner spirit of nature and the mysterious soul of man that occupied me, still my enquiries were directed to the metaphysical, or in its highest sense, the physical secrets of the world¹¹⁹ (SHELLEY, 2003, p. 39).

É importante destacar aqui, ainda, o que Sant'Anna destaca, sobre o corpo humano. Para ela, “cada vontade de manter o corpo sob controle, por exemplo, é constituída por fragilidades e potências” (2004, p. 4). É perceptível, em Victor, as fragilidades e as potências na execução de sua tarefa ao utilizar os recursos técnicos da época para viabilizar seu trabalho científico e ao se colocar em conflito perante o que produziu. A relação conflituosa do cientista com o corpo, com o desejo de dominá-lo e de controlá-lo está presente em todo o seu percurso dentro da narrativa. Além disso, a paisagem, no entanto, como que em um prenúncio de desgraça, começa a mudar e a narrativa avança para momentos nos quais o ambiente se torna rude e assombroso.

A percepção do cientista acerca da natureza também muda, o que pode ser um indício de alteração de sua ecologia psíquica. Ele passa, após ressignificá-la, a perceber as agruras do meio. Victor observa que a noite chega e as montanhas quase não podem ser divisadas. “I could hardly see the dark mountains, I felt still more gloomily. The Picture appeared a vast and dim scene of evil, and I foresaw obscurely that I was destined to become the most wretched of human beings”¹²⁰ (SHELLEY, 2003, p.76). É neste momento sombrio, de total enlevo com o elemento natural que Victor depreende seu infortúnio: a vida não será mais a mesma. Ao se encontrar em meio ao desajuste de sua ecologia psíquica provocado por suas intervenções, Victor sofre com a nova configuração da vida que o espera. Como que aspirando agir na expiação de seus pecados, a tempestade aparenta ser cada vez mais violenta. Gradativamente, as adversidades são intensificadas, assim como os sentimentos de culpa e de desespero do cientista.

¹¹⁹ Eram os segredos dos céus e da terra que eu queria aprender; e fosse a substância aparente das coisas ou o espírito interno da natureza e a alma misteriosa do homem a me ocupar, sempre minhas preocupações se voltavam para o metafísico ou, em seu sentido mais elevado, os segredos físicos do mundo (SHELLEY, 2012, p. 42).

¹²⁰ mal conseguir ver as montanhas na escuridão me deixou ainda mais soturno. A paisagem parecia agora um vasto e sombrio cenário maléfico, e eu pressenti obscuramente que estava destinado a ser o mais miserável dos seres humanos (SHELLEY, 2012, p. 85).

Mais uma vez a atuação do ambiente possibilita a Victor considerar a dor da separação entre os seres a corroer seus sentimentos neste exemplo trágico de ruptura que se deu a partir de seu procedimento antiecológico. As cenas descritas na obra permitem ao leitor criar mentalmente os elementos que abarcam o enredo e constituir um quadro que o sustente. Em um processo cíclico e alternante, elementos da natureza estão cada vez mais presentes tanto nas descrições dos ambientes, quanto nas falas das personagens. Ao se colocar como um ser em ruína, Victor compreende que as coisas não haviam mudado nas “paisagens selvagens e eternas”. Ele descreve seu infortúnio enquanto prossegue pelas montanhas de gelo e de neve, cuja exuberância em muitos momentos o impressiona e assusta e, por vezes, abranda seu sofrimento, o que é condizente com as teorias que abordam o Romantismo inglês e com os conceitos de ecocrítica e de ecosofia que colocam a beleza e a força da natureza presentes e interligadas às relações humanas.

Há um discurso ecológico emblemático sobre a defesa do meio ambiente proferido pelo cacique Seattle ou Seathl, quando do interesse dos Estados Unidos, em 1854, pela compra das terras indígenas. O trecho do discurso, exposto por Garrard (2006), exprime, por exemplo, uma das afirmações mais repletas de significados sobre tais conceitos. “Fazemos parte da terra e ela faz parte de nós (1994, s/p)” (2006, p. 176). Este é um dos princípios mais reconhecidos e difundidos nos estudos ecocríticos. Boff também considera o humano como parte da natureza e reforça que o mesmo precisa ter consciência de suas ações. Para ele, o homem é “um ser de comunicação e de responsabilidade” (1995, p. 23). Para Boff é imprescindível que sejam respeitados os direitos de todos os seres. Ele explica que “[...] ético seria também potenciar a solidariedade generacional no sentido de respeitar o futuro daqueles que ainda não nasceram” (1995, p. 23). O ser humano contemporâneo está distante deste nível de comprometimento, ainda. Boff acredita que é preciso ter ética, inclusive, no reconhecimento do caráter de autonomia relativa que os seres possuem. Afinal, “eles também têm direito de continuar a existir e a coexistir conosco e com outros seres, já que existiram antes de nós e por milhões de anos sem nós. Numa palavra, eles têm direito ao presente e ao futuro” (1995, p. 23). Assim como os seres humanos, a Terra é compartilhada por outros seres que precisam ter seu direito à vida preservado.

D’Onofrio (2007) revalida tais princípios ao destacar que “O código preferido pelo autor romântico não é o cultural mas o natural” (2007, p. 333), uma vez que os

românticos retratam a questão do elemento natural de forma mais abrangente que os demais autores. O pesquisador aponta que “Ele se sente fascinado pela poderosa força da natureza: é atraído pelas altas montanhas, pelas florestas impenetráveis, pelos mares imensos, pela placidez dos lagos, pelo murmúrio dos riachos, pelo canto dos pássaros” (2007, p. 333). Em contrapartida D’Onofrio assegura que este autor romântico “deixa-se levar pelo próprio instinto, expressando a sua visão do mundo, geralmente em contraste com o código cultural em que é obrigado a viver” (2007, p. 333). A representatividade, na literatura, da ação suprema das pessoas sobre a natureza e a incidência de momentos de “revolta” do mundo natural são questões que a ecocrítica pondera como o “[...] estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo “humano”” (GARRARD, 2006, p. 16). Neste ínterim pode-se compreender como a humanidade se equivoca ao colocar a natureza como inferior e passiva perante suas ações e desejos.

Frankenstein é acometido por sentimentos controversos e se sente impotente diante da potência do ambiente natural em que se encontra porque ele não se entende como parte daquele sistema. Ele se posiciona em face da natureza com uma postura bélica. Segundo Ribeiro, “Tal como Prometeu, Frankenstein revela uma ousadia desmesurada e pretende ir além das suas limitações” (2018, p.142). Além disso, o “cientista personifica a razão tecnológica que anima o ser humano, ou seja, o desejo desmesurado de, através do conhecimento, desvendar os mistérios da natureza e, deste modo, submeter o mundo e o outro à sua vontade” (2018, p.142). A todo momento ele se coloca como um ser superior aos demais seres. Para ele, todo seu esforço é direcionado para que suas vontades sejam atendidas a qualquer preço e, durante um certo tempo na narrativa, isso é validado.

No entanto, a magnitude da paisagem é expressa pelos perigos que ela representa. As características que o cientista observa na paisagem oferecem ao leitor um panorama por vezes assustador, intimidador. “Immense glaciers approached the road; I heard the rumbling thunder of the falling avalanche and marked the smoke of its passage”¹²¹ (SHELLEY, 2003, p. 98). E descreve, com uma reverência elevada o elemento mais notável dentre todos os já elencados por ele. O “Mont Blanc, the supreme and magnificent Mont Blanc, raised itself from the

¹²¹ Imensas geleiras se aproximavam da estrada; ouvia-se o tonitrante estrondo da avalanche e era visível a névoa que ela produzia ao passar (SHELLEY, 2012, p. 107).

surrounding aiguilles,³ and its tremendous dôme overlooked the valley”¹²² (SHELLEY, 2003, p. 98). O domínio do vale pelo Mont Blanc – símbolo de poder – possibilita ao leitor considerá-lo a representação da superioridade da natureza diante da fragilidade de Victor perante o meio, embora nos momentos de refúgio, para ele, além de acolhedora, ela era maternal.

A Terra tinha, para Victor, uma conotação materna, um significado mais plausível diante da perda que impulsiona seu espírito criador. Os cenários, assim como uma mãe, acolhem, consolam o filho perpassado pela angústia e sofrimento pelos atos irresponsáveis cometidos. Victor desafiou a “mãe” e ainda assim ela se mostra acolhedora, numa visão extremamente romântica da natureza. Esta correlação também é mais uma evidência da necessidade que o ser humano possui de estar em harmonia com a natureza para que se mantenha em equilíbrio psíquico e emocional. Garrard (2006) declara que “A provocação sublime da paisagem montanhosa e a quase histeria do momento de “contato” permitido por ela tendem a desmentir a proximidade permanentemente ameaçadora de um outro mundo natural, o corpo humano” (2006, p. 98). Tal declaração revela o quão pequena é a humanidade diante da força imponente e da grandiosidade do elemento natural. Ali não é lugar para as pessoas que, nada mais são que apenas mais uma das espécies que habitam o planeta. O ser humano é racional e, como tal, deveria ter a consciência de seu lugar no mundo, da sua responsabilidade para com os demais seres e apresentar uma postura comprometida com a manutenção da casa comum.

Ao retomar a relação do cientista com o meio, percebe-se que a natureza, portanto, dialoga holisticamente com seus sentimentos mais profundos e se constitui da única presença realmente importante para o cientista neste momento conflituoso e contemplativo. Ele chega a imaginar, inclusive, que ela lhe deseja paz. Só é possível ter tal sensibilidade se o ser humano se despir da arrogância perante os demais seres para com eles interagir. Em certas ocasiões o cientista se encontra em harmonia com a natureza e sente-se integrado a ponto de afirmar, em um momento de chuva torrencial, que os “thick mists hid the summits of the mountains, so that I even saw not the faces of those mighty friends”¹²³ (SHELLEY, 2003, p. 99-100). Ele

¹²² Mont Blanc, o supremo e magnificente Mont Blanc, se erguia entre as aiguilles* que o cercavam, seu formidável cume dominando o vale (SHELLEY, 2012, p. 107).

¹²³ “os cumes das montanhas estavam encobertos, de modo que eu nem mesmo podia ver os rostos daqueles meus poderosos amigos” (SHELLEY, 2012, p. 108).

se relaciona com a natureza, neste instante, em um sentido subjetivo muito profundo.

Para ele, a imponente do ambiente natural no qual se encontra se justifica ainda por seu caráter solitário. “I determined to go without a guide, for I was well acquainted with the path, and the presence of another would destroy the solitary grandeur of the scene”¹²⁴ (SHELLEY, 2003, p.100). Nota-se que o elemento humano é excedente naquele lugar. Ele mesmo revela o seu poder de destruição. Além disso, Victor se relaciona com o elemento natural como se transferisse para ele a capacidade de resolver seu infortúnio, de apaziguar seu sofrimento e de trazer alívio para suas dores, mesmo que isso representasse se curvar diante da supremacia da força inexplicável da natureza, a qual ele tanto empreendeu em dominar durante sua vida: a morte.

Da mesma maneira, o cientista faz uma reflexão tão subjetiva que parece que aquele homem racional, do início da narrativa, volta-se para sua natureza humana mais profunda, uma natureza que se sente parte de um todo conectado, uma parte pequena diante do poder de um Criador soberano. A ecossociedade prevê, conforme elucidado por Guattari, que as pessoas sempre devem buscar o equilíbrio de seus sentimentos e balizar suas ações também de forma equilibrada. Em sua constatação, Victor coloca o ser humano como negligente ao tentar agir como superior aos demais elementos “em estado bruto da natureza”. Ao retomar o conceito ecocrítico vale ressaltar que o mesmo aborda a ideia de que todos estão ligados por uma teia natural e social, importantes para o equilíbrio. Para Victor, neste momento de reflexão, o homem deveria se ater a questões fisiológicas básicas ou às que se referem aos desejos mais primitivos para que não sofresse com as consequências que uma mente impulsiva e aventureira possa conduzir.

Alas! Why does man boast of sensibilities superior to those apparent in the brute; it only renders them more necessary beings. If our impulses were confined to hunger, thirst, and desire, we might be nearly free; but now we are moved by every Wind that blows and a chance word or scene that that word may convey to us¹²⁵ (SHELLEY, 2003, p.100).

¹²⁴ “Decidi ir sem guia, pois conhecia bem a trilha, e a presença de mais alguém destruiria a solitária grandeza da paisagem” (SHELLY, 2012, p. 109).

¹²⁵ Ó Deus! Por que o homem se gaba de sensibilidades superiores àquelas existentes em estado bruto na natureza; só para passar necessidades ainda maiores. Se nossos impulsos se limitassem a fome, sede e desejo, poderíamos ser quase livres; mas em vez disso deixamo-nos levar por qualquer

Em diversos momentos a ecologia social e a ecologia psíquica são evidenciadas no texto. Ao ser resgatado no navio do capitão Walton, Victor e o navegador mantêm um profundo diálogo sobre seus anseios por glória e fortuna. Victor passa então, a uma tentativa de convencer Walton da dimensão dos problemas que poderá criar, assim como ele o fizera, para o seu futuro, uma vez que ele já está convicto de que suas ações o levaram à decadência completa. No entanto, Garrard também afirma que é preciso levar em consideração os inúmeros progressos materiais que são importantes para o bem-estar humano, apesar de acreditar que tais melhorias ocorram de forma muito desigual diante tanto do crescimento econômico quanto do progresso tecnológico pelo qual passam os países na atualidade. Considerar que o ser humano, nos mais diferentes períodos da história tem se deslumbrado com as possibilidades de conforto, praticidade e conquistas inimagináveis, abre para a reflexão de que Victor, em seu contexto, também estava seduzido pelas possibilidades que se apresentavam. Ao perceber que o controle que tanto desejou sobre a essência humana não passava de mera ilusão de sua mente e, ao retomar as lembranças dos acontecimentos que mudaram sua vida, ele adverte Walton.

Learn from me, if not by my precepts, at least by my example, how dangerous is the acquirement of knowledge and how much happier that man is who believes his native town to be the world, than he who aspires to become greater than his nature will allow¹²⁶ (SHELLEY, 2003, p.54).

Victor, neste momento, se encontra completamente transtornado, o que pode ser justificado pelo fato de o ser humano da época não estar preparado para a nova visão de mundo que se apresentava com o advento do racionalismo e do cientificismo que começava a imperar no continente europeu e transmitiam a ideia

vento que sopra em outra direção, ou por alguma palavra ao acaso, ou pela visão que essa palavra traz a nós (SHELLEY, 2012, p. 109).

¹²⁶ Aprenda comigo, se não for pelo que lhe digo, ao menos por meu exemplo, quão perigosa é a aquisição do conhecimento, e quão maior é a felicidade do homem que acredita que a aldeia onde nasceu é o mundo inteiro do que a daquele que aspira a uma grandeza maior do que a sua natureza permite (SHELLEY, 2012, p. 61).

de superioridade humana perante as coisas. Assim como qualquer outro indivíduo, Victor se sente inebriado diante da possibilidade de ascender em um mundo que exige cada vez mais das pessoas. Ele se distancia das coisas mais simples com vistas a ampliar suas potencialidades, permitidas pelo seu gênio criativo e pelas condições financeiras que sua família lhe proporcionava. No período no qual a história se passa, só era possível alcançar conquistas materiais, tecnológicas e científicas, a quem possuísse as condições financeiras para empreender. Quem tivesse posses investia em suas aspirações, quem não tivesse, não implementava nada. Têm-se, portanto, questões práticas e questões subjetivas que colocam o ser humano do período diante de uma crise social e psíquica, promovida pelo desequilíbrio de sua ecologia interna, ao qual está submetido.

Além disso, “A sociedade até então “estável” vai, no século XIX, lançar abruptamente o indivíduo numa vida desprovida de valores” (MENEZES, 2003, p. 222). As crenças e os padrões de comportamento que até então estavam socialmente arraigados são questionados. Essa nova mentalidade impulsionou o protagonista a realizar sua obra, pois ele se viu imerso em um mundo novo, repleto de possibilidades e depositou toda sua confiança na ciência sem considerar em que tais ocorrências poderiam resultar. A velocidade pela qual passa o mundo a sua volta o seduz e ele se sente seguro o suficiente para subverter suas convicções antes tão consolidadas no contexto de valores que fazia parte. Esta mentalidade se estende, em certa medida, até na atualidade. Segundo Boff na ação “de estar por *sobre* as coisas e por *sobre* tudo, parece residir o mecanismo fundamental de nossa atual crise civilizacional” (1995, p. 25). O autor faz ainda um questionamento sobre o que ele chama de “ironia atual”. Para ele, o desejo “de tudo dominar nos está fazendo dominados e assujeitados aos imperativos de uma Terra degradada. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida” (1995, p. 25). O teor da atividade científica apresentada em *Frankenstein*, mesmo considerando sua condição fictícia é, portanto, analisada e estudada em diversas áreas do conhecimento nesses duzentos anos de publicação da obra. Muito se tem empreendido cientificamente neste sentido, na atualidade. O ser humano ainda está em busca de artifícios que garantam uma vida longa e saudável sem pensar em como tornar sustentável o crescente número de pessoas na Terra.

Com o prolongamento da vida, a vitória sobre as enfermidades, a substituição de órgãos vitais por órgãos artificiais, o uso de dispositivos elétricos ou mesmo a criação do homem mecânico, os Frankenstein de hoje ainda não transgrediram a lei moral, embora tenham chegado perigosamente perto de “brincar de Deus” (FLORESCU, 1998, p. 206).

Apesar de conseguir alcançar seu objetivo, nem Victor, tampouco as demais personagens estavam preparadas para lidar com a novidade e sofrem as consequências dos atos do cientista. Eles assistem ao florescimento de uma nova configuração social que coloca a humanidade em uma posição diferente com relação a seus valores e às possibilidades emergentes. Nesse período marcado por diversas revoluções, o ser humano passa a ter forças para agir e questionar o que antes era inquestionável. “Este novo mundo que começa faz o homem sentir uma mistura de estupefação e horror, uma sensação de decadência, decomposição e morte. Há um grande desespero perante a vida, cujo sentido não se consegue perceber” (MENEZES, 2003, p. 222). A história de Victor se dá em um momento no qual a sociedade, como já explicitado, vive os reflexos do período revolucionário. A maior parte das pessoas busca a consolidação de uma vida em direção ao desenvolvimento tecnológico-científico, que permitirá conquistas inovadoras e um modo de vida mais confortável. Guiado por esse pensamento Victor Frankenstein pode ser considerado um símbolo desse ser empolgado com as possibilidades de criação e de descobertas.

Ironicamente, portanto, há um retrocesso, um conflito. Enquanto a sociedade busca uma vida pautada em novos valores, diferentes dos do mundo medieval, a obra parece demonstrar que tal busca deveria estar pautada no equilíbrio das subjetividades para que não ocorra o caos que se observa ao término do romance. Mas, sobretudo, possuidor do desejo de atenuar a angústia que envolve a vida e a morte. Ele quis simular a criação divina, mas fracassou, porque ele não é Deus. O desenvolvimento das potencialidades do ser humano é matéria de debate permanente. “A inseminação artificial e o desenvolvimento da fertilização *in vitro* fizeram a utopia de Aldous Huxley parecer mais real do que nunca” (FLORESCU, 1998, p. 206). Victor não apenas experimentou o poder do antropocentrismo. Ele pôs em prática uma das ideias mais ousadas e criativas que já perpassou a imaginação humana. No entanto, ao executá-la, ele experimentou as duras consequências do potencial destrutivo de seus ideais. Seu projeto exigia um controle

para o qual, apesar de todo o conhecimento científico que acreditava serem suficientes, ele não estava preparado.

Muito além de criar vida em laboratório, a humanidade se dedica à manutenção da mesma, ao utilizar de toda a técnica disponível e dos mais diferentes artefatos para alcançar o que se pretende diante de um agravamento na condição física do ser humano. No entanto, tais preocupações, físicas e metafísicas, se apresentam, para o protagonista da obra, em total desequilíbrio. Ao refletir sobre o desejo de Victor em aprimorar a criação humana, que é uma criação divina, pode-se aferir que, segundo suas concepções, havia possibilidades de modificação e de aperfeiçoamento da natureza humana, ao tentar ampliar o alcance de suas capacidades, então consideradas limitadas. Victor não é o único que reflete sobre as possibilidades de desenvolvimento das capacidades e das habilidades dos seres. Os intelectuais de todos os tempos sempre aplicaram esforços neste sentido. A ciência, em certa medida, está tornando o humano uma espécie de ser híbrido, ao aprimorar a técnica e utilizá-la, por exemplo, na adaptação ou na substituição de órgãos doentes.

A chave de seu êxito e de seu fracasso talvez tenha sido sua ânsia por poder, mas também pode ser o próprio movimento das estruturas sociais que o impelem a conduzir sua vida em um caminho pelo qual não será possível retornar. “O surgimento do caos é oportunidade de geração de formas mais complexas e ricas de vida” (BOFF, 1995, p. 130). Assim como na criação do mundo, dada pela palavra, o caos se instala na constituição da criatura e Victor sofre. Esta é uma premissa que indica uma possível avaliação do cientista diante do caos: logo após o momento caótico, poderia haver certo equilíbrio e uma nova perspectiva para a humanidade a partir do seu trabalho, o que fatalmente não ocorreu. Ao dar vida ao novo ser, ele anuncia uma sentença de morte para as pessoas que ama, e, conseqüentemente, para si próprio. Vida e morte caminhando juntas em um movimento antinatural, antiecológico.

Para situar metaforicamente tal premissa, pode-se relacioná-la ao que Boff elucida, neste sentido. “Quando uma onda decai, realiza-se uma probabilidade e se origina matéria” (1995, p. 131). Segundo o autor, “A decadência aqui foi uma ascendência, vale dizer, a inauguração de um ser que ascendeu da probabilidade para a realidade, do caos à ordem, numa palavra, que veio ao mundo da existência” (1995, p. 131). A impraticabilidade de sua ação também, alegoricamente, resultaria

no caos. Victor é o novo criador, mas não é capaz de atender as necessidades de sua criatura. A insatisfação de Victor perante a efemeridade da vida e sua angústia diante da impotência humana em face da morte representa o ser angustiado ao se ver confrontado com a morte. Segundo Boff, o homem “Sente o desejo de vida sem fim. E se dá conta de que a vida tem fim, pois ele efetivamente morre. Esta é a condição objetiva do ser humano, espírito aberto ao infinito, mas condenado a viver no finito” (1995, p. 132). Victor não se contenta com a finitude da vida. Seu espírito se revela atormentado, desassossegado. Para Boff, quando o ser humano percebe que não consegue dominar a morte, ele fica desapontado, pois gostaria de ser imortal. É esta desilusão, esta decepção que perpassa as ações do cientista, no decorrer da narrativa.

Para Alves (2000), “Essa frustração incita o homem a buscar cada vez mais o domínio sobre todas as coisas, o que o afasta de sua condição de participante da natureza” (2000, p. 84). No entanto, ao imprimir forças em dominar a natureza, o ser humano se equivoca ao se sentir superior e ao se afastar dela. É nesta conjuntura, que os estudos ecocríticos e ecosóficis concorrem. “A partir do momento em que o homem nega sua ligação com o mundo natural, seus atos podem levá-lo à destruição psíquica e social” (2000, p. 84). As discussões ecocríticas e ecosóficis promovem uma reflexão para este cuidado: é preciso uma ética ecológica para manter-se em harmonia com as demais espécies do planeta.

[...] se por detrás da ética não existe uma mística, uma nova espiritualidade, quer dizer, um novo acordo do ser humano para com todos os demais seres, fundando uma nova re-ligação (donde vem religião), há o risco de que esta ética degenera em legalismo, moralismo e hábitos de comportamento de contenção e não de realização jovial da existência em relação reverente e terna para com todos os demais seres (BOFF, 1995, p. 24).

Victor, entretanto, percebe que não consegue dominar sua criação e se amedronta. O homem forte e destemido do início da narrativa é gradativamente substituído por um ser enfraquecido e atemorizado. Sua ecologia psíquica desestabilizada é comprovada, também, no seguinte excerto quando o cientista parece compreender sua própria tragédia. “I had begun life with benevolent intentions, and thirsted for the moment when I should put them in practice and make

myself useful to my fellow beings”¹²⁷ (SHELLEY, 2003, p.9). Mas, ele não conseguiu dimensionar o alcance de seus atos, tampouco se relacionar com as consequências do que fez e se desespera.

Now all was blasted: instead of that serenity of conscience which allowed me to look back upon the past with self- satisfaction, and from thence to gather promise of new hopes, I was seized by remorse and the sense of guilt, which hurried me away to a hell of intense tortures, such as no language can describe¹²⁸ (SHELLEY, 2003, p.9).

O pedido da criatura, de que Victor produza uma companheira ocorre em um momento no qual Victor tem uma compreensão diferenciada do assunto. Ao realizar a primeira experiência, ele acreditava que seria possível dominar a natureza por meio da ciência e da tecnologia e que o resultado seria recebido com louvor. Ele agora compreende os resultados desastrosos deste feito e sofre as consequências de seu trabalho antiecológico. O desejo pelo domínio da natureza humana, a esperança de um feito grandioso que trouxesse glória e fortuna para ele e alívio para a tristeza dos homens diante da morte, vivenciado no início da narrativa, dá lugar a sentimentos de medo e de angústia.

Thus situated, employed in the most detestable occupation, immersed in a solitude where nothing could for an instant call my attention from the actual scene in which I was engaged, my spirits became unequal; I grew restless and nervous. Every moment I feared to meet my persecutor. Sometimes I sat with my eyes fixed on the ground, fearing to raise them, lest they should encounter the object which I so much dreaded to behold. I feared to wander from the sight of my fellow-creatures, lest when alone he should come to claim his companion¹²⁹ (SHELLEY, 2003, p.169).

¹²⁷ Começara minha vida com intenções elevadas, e ansiara tanto pelo momento em que as poria em prática, tornando-me alguém capaz de ser útil aos seus semelhantes (SHELLEY, 2012, p. 102).

¹²⁸ Agora tudo estava perdido; em vez da serenidade de consciência que me permitiria olhar para o passado com satisfação e da qual extrairia a promessa de novas esperanças, eu estava tomado pelo remorso e por um sentimento de culpa que me precipitavam num inferno de intensas torturas que língua alguma lograria descrever (SHELLEY, 2012, p. 102).

¹²⁹ Nessa situação, aplicando-me a uma atividade das mais detestáveis, imerso numa solidão em que nada em instante algum distraía minha atenção do que estava fazendo, meu estado de espírito tornou-se inconstante; fiquei nervoso e inquieto. Temia a todo momento que meu perseguidor aparecesse. Às vezes ficava sentado com os olhos fixos no chão, com medo de erguê-los e dar com a coisa que tanto me aterrorizava. Tinha medo de sair da vista de meus semelhantes, pois sozinho ele poderia vir me exigir sua companheira (SHELLEY, 2012, p. 182).

O cientista, ao que parece, tende a querer manter os laços que o unem a algo maior e recuperar o sentimento de pertencimento que ele perdeu ao julgar possuir a autonomia e o equilíbrio necessários para realizar suas atividades científicas. O contato com Elizabeth, por exemplo, o coloca em uma posição de conforto e de tranquilidade. A moça é um elo importante que o une aos laços afetivos que foram minados durante sua trajetória. Para muitas culturas, a mulher tem o papel de manter a harmonia nos grupos, cuidar da natureza circundante, do bem-estar dos filhos e da família. Aos homens, salvo exceções, são reservadas as atividades que exigem força física, manipulação de material bélico, a conquista de territórios, dentre outras atitudes tidas como violentas ou arriscadas. De acordo com Sherry B. Ortner, “as mulheres são identificadas ou simbolicamente associadas com a natureza, em oposição ao homem que são identificados com a cultura” (1979, p. 101). Vale ressaltar que Ortner considera “a cultura com a noção de consciência humana (isto é, sistemas de pensamentos e tecnologia), por meio das quais a humanidade procura garantir o controle sobre a natureza” (1979, p. 100). Neste sentido, à mulher cabe o cuidado com a vida, com a afetividade e a proteção das pessoas e com a manutenção de um ambiente de paz e de tranquilidade para o desenvolvimento saudável dos entes queridos. No entanto, Garrard faz uma ressalva importante que valoriza o papel da mulher neste contexto:

Se as mulheres têm sido associadas à natureza e se ambas são denegridas em referência uma à outra, talvez valha a pena atacar a hierarquia por meio da inversão dos termos, enaltecendo a natureza, a irracionalidade, a emoção e o corpo, humano ou não humano, em oposição à cultura, à razão e à mente. Algumas feministas, especialmente as que promovem o ‘ecofeminismo’ radical e o culto a deusas, têm adotado essa abordagem (GARRARD, 2006, p. 42).

Elizabeth é o ser que teria as condições necessárias para manter Victor em equilíbrio. Em um momento conturbado da narrativa, a moça tenta tranquilizá-lo. Nas palavras dela, a natureza se mostra feliz pelo casamento dos dois e ela pede a ele que também fique feliz, pois, segundo o que sente ““there is, I hope, nothing to distress you; and be assured that if a lively joy is not painted in my face, my heart is

contented”¹³⁰ (SHELLEY, 2003, p.197). Para discutir o posicionamento de Elizabeth enquanto um ser cauteloso, amoroso e sensível, a discussão que Ortner faz sobre o papel da mulher na sociedade é importante. A autora coloca a mulher como mais próxima à natureza, por isso o desejo de proteção, de manutenção da tranquilidade e da harmonia entre os seres. Mas ela não desconsidera a participação da mulher também, na cultura, colocando-a, portanto, com uma “posição intermediária entre a cultura e a natureza” (1979, p. 100). No entanto, na fala da moça é possível perceber que sua dita intuição feminina se sobressai em diversos momentos, inclusive nos quais ela parece pressentir o perigo iminente. “Something whispers to me not to depend too much on the prospect that is opened before us, but I will not listen to such a sinister voice”¹³¹ (SHELLEY, 2003, p.197). Elizabeth prefere manter seu olhar voltado para as belezas naturais, o que confere a ela a proximidade com o elemento natural, tão importante para a manutenção do equilíbrio dos seres.

Observe how fast we move along, and how the clouds, which sometimes obscure and sometimes rise above the dome of Mont Blanc, render this scene of beauty still more interesting. Look also at the innumerable fish that are swimming in the clear waters, where we can distinguish every pebble that lies at the bottom. What a divine day! How happy and serene all nature appears’¹³² (SHELLEY, 2003, p.197)!

No entanto, esta passagem aponta para o quanto é enganosa a idealização romântica da natureza. Elizabeth avalia a natureza por esse viés e se mostra equivocada em suas conclusões, assim como Victor. Ao ver sua amada morta, o cientista, confuso e imerso em conflitos advindos de sua postura antiética, tenta refletir sobre seus “infortúnios e as causas deles”. Esta postura, ao ser compreendida atualmente com os olhos voltados para a ecocrítica, revela o quanto ele se distanciou dos elementos físicos, humanos e naturais que são importantes para o equilíbrio das três ecologias. Ao mencionar o desejo de destruir sua criatura,

¹³⁰ não há nada, espero, que possa preocupá-lo; esteja certo de que, se uma felicidade radiante não se estampa em minha face, em meu coração estou contente (SHELLEY, 2012, p. 214).

¹³¹ Algo me sussurra para não confiar demais no futuro que temos diante de nós, mas não darei ouvidos a uma voz tão sinistra (SHELLEY, 2012, p. 214).

¹³² Observe como estamos indo rápido e as nuvens, às vezes encobrindo e às vezes se elevando acima do pico do Mont Blanc, dão à paisagem uma beleza ainda mais atraente. Veja também os incontáveis peixes que nadam nas águas cristalinas, onde é possível distinguir cada seixo no fundo do lago. Que dia mais divino! Como toda a natureza se mostra serena e feliz (SHELLEY, 2012, p. 214)!

ele afirma que “I have but one resource; and I devote myself, either in my life or death, to his destruction”¹³³ (SHELLEY, 2003, p. 204). É inevitável que o ser que agora Frankenstein se tornou, possuía sentimentos de vingança e de ódio, uma vez que ele se afastou das pessoas, bem como dos valores e convicções que o acompanharam durante sua vida em família e rompeu o elo que havia entre sua natureza social, psíquica e ambiental.

Neste momento do enredo, o meio ambiente parece oferecer a Victor o que seu corpo físico necessitava para não sucumbir à fome e ao frio, o mínimo necessário para sua subsistência. Era como se o universo o mantivesse vivo para que seu sofrimento fosse prolongado, para que ele sentisse por muito tempo toda a carga de responsabilidade e de culpa pelos seus atos impensados. “Often, when all was dry, the heavens cloudless, and I was parched by thist, a slight cloud would bedim the sky, shed the few drops that revived me, and vanish”¹³⁴ (SHELLEY, 2003, p. 207). Passa-se a impressão de que a natureza tinha a capacidade intencional de aniquilá-lo, de castigá-lo, de atuar na manutenção do sofrimento desse ser que ousou acreditar ser possuidor da força e da coragem necessárias para impor sua vontade tanto sobre o elemento natural quanto sobre outro ser humano. “Frankenstein, who at first saw in Walton a version of his own reckless ambition, now attempts to infect him with his own obsession”¹³⁵ (WOLFSON; LEVAO, 2012, p. 306). Ele está imerso em sentimentos conflituosos, próprios de quem se afastou do que foi posteriormente definido por Guattari como o equilíbrio das três ecologias. O meio ambiente, no entanto, se volta contra Victor, guiando-o para sua destruição. A natureza parece adquirir uma espécie de sadismo.

Cold, want, and fatigue, were the least pains which I was destined to endure; I was cursed by some devil, and carried about with me my eternal hell; yet still a spirit of good followed and directed my steps and, when I most murmured, would suddenly extricate me from seemingly insurhunger, sunk under the exhaustion, a repast was prepared for indeed, coarse, such as the

¹³³ não tenho outra alternativa senão dedicar-me inteiramente, mesmo que me custe a vida, à destruição dele. (SHELLEY, 2012, p. 223).

¹³⁴ Com frequência, quando estava tudo seco, nenhuma nuvem se via no céu, e a sede me atormentava, uma nuvenzinha cobria o céu, derramava umas poucas gotas, suficientes, entretanto, para me reviver, e então desaparecia (SHELLEY, 2012, p. 226).

¹³⁵ Frankenstein, que viu pela primeira vez em Walton uma versão de sua própria ambição imprudente, agora tenta infectá-lo com sua própria obsessão (Tradução nossa).

peasants of the country ate; but I will not doubt that it was set there by the spirits that I had invoked to aid me¹³⁶ (SHELLEY, 2003, p.207).

O jovem protagonista do romance acreditava, *a priori*, que teria poder sobre a natureza e sobre os demais seres, mas se equivocou. Ele chega, inclusive, a considerar o mal que poderia aplicar a toda humanidade e questiona se teria ele esse direito apenas para satisfazer aos seus desejos. Mas, esta crença de que o ser humano tudo pode não se limita apenas a Victor Frankenstein. E o questionamento que ele faz deveria perpassar pela mente de toda pessoa para que muitos dos males ecológicos e humanos pudessem ser evitados. Para Callenbach, “Devemos aceitar nosso papel interdependente na teia da vida e procurar desempenhá-lo com responsabilidade” (2001, p. 121). Só assim as pessoas poderão contribuir para a manutenção da vida sobre a terra, o que fatalmente Victor Frankenstein não pôde equacionar.

6.3. A criatura de Victor Frankenstein sob a ótica da ecocrítica e da ecosofia: a exteriorização dos conflitos humanos mais profundos diante do desequilíbrio ecológico do ser

*These bleak skies I hail, for they are kinder to me than
your fellow beings*¹³⁷ (SHELLEY, 2003, p. 103).

Desvendar os segredos da vida, prolongá-la, criá-la em laboratório: são questões que o ser humano, por meio de toda a técnica que tem desenvolvido no decorrer dos tempos, busca elucidar. Ninguém foi tão longe ainda, no que se tem oficialmente confirmado, quanto o protagonista do romance em estudo. Diante do que já foi abordado sobre *Frankenstein*, retoma-se aqui, com o intuito de apresentar

¹³⁶ O frio, as privações e a fadiga eram o que menos doía diante do que eu estava destinado a sofrer; algum diabo me amaldiçoara e eu carregava comigo meu inferno eterno; ainda assim, algum espírito do bem me seguia e guiava meus passos, e quando tudo parecia perdido me fazia sobreviver a dificuldades que pareciam insuperáveis. Às vezes, quando a natureza, a fome sobrepujando-me, me fazia sucumbir à exaustão, um repasto aparecia no deserto preparado para mim, e me restaurava e inspirava (SHELLEY, 2012, p. 226).

¹³⁷ Esses céus sombrios eu os saúdo, pois são mais gentis comigo que seus semelhantes (Shelley, 2012, p. 113).

a próxima personagem a ser analisada, a resposta mais corriqueira para a pergunta recorrente:

“Quem é Frankenstein?”, diríamos imediatamente que sabemos a resposta e descreveríamos com segurança nossa imagem mental: um monstro com o passo arrastado, poucas e indistintas palavras (ele emite grunhidos e não sons articulados), um rosto desmedido, o pescoço ladeado por parafusos. Em suma, reproduziríamos a imagem que inúmeras histórias em quadrinhos e caricaturas impuseram a nosso espírito: a de Boris Karloff no papel do monstro do filme de James Whale, *Frankenstein*, de 1931 (LECERCLE, 1991, p. 10).

Analisar as principais personagens da obra *Frankenstein* de Mary Shelley sob o viés da ecocrítica e da ecosofia implica, ao leitor contemporâneo, em realizar uma reflexão sobre como temas da atualidade podem estar presentes no romance. Afinal, “Duzentos anos depois não podemos deixar de nos maravilhar como pôde uma jovem rapariga, então com 18 anos, escrever uma obra que se tornou um verdadeiro marco na história da Literatura Universal” (ARAÚJO, at all. 2018a, p. 10). Esta, como já elucidado, não é uma obra escrita para ser lida sob a ótica da ecologia ou da ecocrítica. Mas, é uma obra do passado e, como muitas obras literárias clássicas, pode ser compreendida atualmente sob este enfoque, pelo leitor contemporâneo.

A criatura é fruto da ação antiética e desajustada de seu criador que, conforme já explicitado, foi motivado por questões subjetivas que afetaram sua natureza psíquica, social e ambiental e culminou na elaboração e no abandono de sua criação. “O tema do abandono é um dos temas com mais visibilidade nesta obra. A criatura, depois de ser animada, é abandonada pelo seu criador que foge apavorado perante a fealdade da mesma” (GUIMARÃES E ARAÚJO, 2018b, p. 118). A partir de então, o abandono dela move seu comportamento violento, o que permite ao leitor realizar inferências acerca de questões ecosóficas e ecocríticas. Segundo Guimarães, a dúvida que paira sobre o imaginário das pessoas se refere a “questões como a de sabermos, por exemplo, se a criatura é realmente um produto da natureza, uma forma de vida sagrada, ou somente um produto do homem, fora da ordem natural e, portanto, um monstro” (GUIMARÃES, 2018c, p. 58). Outra questão importante levantada por Guimarães seria o fato de haver a possibilidade de perdão para um assassino de inocentes, uma vez que este criminoso teria sido

também uma vítima, no caso, uma vítima do preconceito. No entanto, o autor ressalta que

Mary Shelley não nos deixa uma saída fácil, nem nos deixa sentir bem connosco mesmos porque apresenta-nos problemas insolúveis e genuínos fazendo com que, as mais das vezes, mudemos de posição porque honestamente não sabemos qual a resposta correcta a dar (cf. Lipking, 1996: 319). (GUIMARÃES, 2018c, p. 58).

Investigar a natureza humana, conforme explicitado, é estudar suas relações com os demais seres ou elementos naturais e adotar um posicionamento diante da complexidade que envolve a exploração dos seres, tidos como inferiores, pelos humanos. As pessoas precisam compreender que “Tudo o que existe e vive merece existir, viver e conviver. O bem comum particular emerge a partir da sintonia e sinergia com a dinâmica do bem comum planetário e universal” (BOFF, 1995, p. 61). A natureza de todos os seres precisa ser respeitada. Cada elemento que compõe a biodiversidade tem seu papel para que o equilíbrio ocorra sobre a Terra. O conceito de inter-relação entre os seres com vistas ao bem comum também é preconizado por Guattari.

A natureza romântica descrita na obra oportuniza a estudiosos a reflexão sobre as mais diversas sensações proporcionadas pelos vários sentidos a que o novo ser foi exposto. É o caso, inclusive, da terceira personagem analisada neste estudo, em destaque neste capítulo: a criatura do cientista Victor Frankenstein. Segundo a percepção deste inigualável ser, ela explica que “I remember, a stronger light pressed upon my nerves, so that I was obliged to shut my eyes. Darkness then came over me, [...]”¹³⁸ (SHELLEY, 2003, p. 105). E, ao enfatizar a natureza exuberante, este processo descritivo é demonstrado de forma substancial. O ambiente natural se mostra de maneira peculiar, o que é percebido pelos acontecimentos narrados pela criatura desde o momento de seu abandono.

As árvores, o canto dos pássaros, a noite, o frio e demais intempéries ganham visibilidade nas palavras deste ser. Os termos por ela utilizados descrevem e exibem uma natureza rica em elementos, com minúcia e delicadeza nos detalhes,

¹³⁸ lembro-me, uma luz forte foi forçando meus nervos, de modo que fui obrigado a fechar os olhos. A escuridão então se abateu sobre mim, [...] (SHELLEY, 2012, p. 116).

próprio de quem a está desvendando aos poucos. Vale lembrar que é o primeiro contato reflexivo da criatura com o mundo natural no qual se encontra. “The moon had disappeared from the night, and again, with a lessened form, showed itself, while I still remained in the forest”¹³⁹ (SHELLEY, 2003, p. 106). Aos poucos ela consegue ter consciência de sua percepção sensorial ao constatar que “My sensations had by this time become distinct, and my mind received every day additional ideas”¹⁴⁰ (SHELLEY, 2003, p. 106). E explicita o caráter de percepção que se formara em sua estrutura, a partir de então.

Pode-se perceber os elementos naturais mais essenciais para a constituição do ser sendo utilizados por ela para conhecer e tentar compreender o mundo a sua volta, desde seu “nascimento”. “ My eyes became accustomed to the light and to perceive objetos in their right forms; I distinguished the insect from the herb, and by degrees, one herb from another”¹⁴¹ (SHELLEY, 2003, p. 106). Sua descrição revela toda a complexidade que acompanha um ser vivo, com destaque para o humano, desde os primeiros instantes de vida: abrir os olhos, usar os sentidos, sentir frio e calor, ter a percepção sensorial sendo gradativamente constituída e colocada em prática. Segundo Callenbach, “Ninguém jamais chegará a ser independente da biosfera, nem por pouco tempo” (2001, p. 34). A natureza se encarrega de oportunizar aos seres, as condições que os coloca como semelhantes dentro da teia da vida que rege o planeta.

Adaptar-se ao que se apresenta diante de seus olhos é uma conquista importante para a criatura durante o período em que sobrevive na floresta. As sensações que para grande parte dos seres humanos passam despercebidas por ser algo naturalmente absorvido pela existência, são potencializadas por este ser cujo processo de criação em nada se assemelha ao das pessoas comuns. “One day, when I was oppressed by cold, I found a fire which had been left by some wandering beggars, and was overcome with delight at the warmth I experienced from it”¹⁴²

¹³⁹ A Lua havia desaparecido da noite, reaparecendo depois, diminuída de tamanho, enquanto eu ainda estava na floresta (SHELLEY, 2012, p. 117).

¹⁴⁰ Minhas sensações a essa altura já estavam mais distintas, e minha mente recebia todo dia ideias novas (SHELLEY, 2012, p. 117).

¹⁴¹ Meus olhos ficaram acostumados com a luz e perceberam os objetos em suas formas corretas; distinguia os insetos das plantas e, aos poucos, as plantas umas das outras” (SHELLEY, 2012, p. 117).

¹⁴² Um dia, quando o frio me atormentava, encontrei uma fogueira que fora deixada para trás por alguns vagabundos, e não me contive de prazer ante o calor que dela vinha (SHELLEY, 2012, p. 118).

(SHELLEY, 2003, p. 107). O prazer que ela experimenta com uma atividade tão simples revela o total desconhecimento da forma como foi formada e dos elementos circundantes. Além disso, é possível considerar que “The Creature’s Discovery off ire reenacts the early history of humankind; it is a modern, experiential translation of the myth of firegiving Prometheus”¹⁴³ (WOLFSON; LEVAO, 2012, p. 179). Esta postura demonstra, ainda, sua angústia ao ter suas emoções afetadas quando se sente atormentada, além de destacar o teor de suas privações frente às intempéries.

Todavia, a mesma natureza que por inúmeras vezes serviu como alento para o cientista é, em diferentes situações, impiedosa com sua criatura, que se mostra, por vezes, ignorante por não conhecer os elementos a sua volta. “In my joy I thrust my hand into the live embers, but quickly drew it out again with a cry of pain”¹⁴⁴ (SHELLEY, 2003, p. 107). As adversidades às quais ela está exposta, por mais elementares que possam parecer, assumem uma dimensão incalculável em sua formação ao reconhecer na natureza a força e o poder destrutivo escondido na serenidade da paisagem. São detalhes importantes para considerar a postura da criatura frente aos acontecimentos, o que também a coloca como participante do meio.

Outra questão igualmente importante para a constituição dessa personagem dentro da narrativa pode ser explicada pela ausência da figura materna. O papel central da mulher na criação da vida pode explicar, em parte, o desajuste da criatura. “Os temas da complexidade, da interconexão de todas as coisas entre si e da centralidade da vida nos evocam a mulher [...]” (BOFF, 1995, p. 52). O direito a ter sua existência de forma natural e equivalente aos demais seres humanos foi o primeiro a lhe ser negado, uma vez que “A mulher capta e vivencia a complexidade e a interconexão do real por instinto e por uma estruturação toda singular. Por natureza, ela está ligada diretamente ao que há de mais complexo no universo, que é a vida” (BOFF, 1995, p. 52). Não possuir este elo natural pode explicar o descontrole e sua conduta agressiva e desequilibrada. Segundo Boff a mulher é “a geradora mais imediata da vida” (BOFF, 1995, p. 52). Este novo ser não foi gerado por uma mulher. A justificativa mais plausível para o desequilíbrio entre a constituição da criatura e a complexidade de seus sentimentos e ações, pode estar

¹⁴³ A descoberta da criatura em chama reencena a história primitiva da humanidade; é uma tradução moderna e experiencial do mito de dar fogo a Prometeu (Tradução nossa).

¹⁴⁴ Na minha alegria pus minha mão nas brasas, mas rapidamente retirei-a com um grito de dor (SHELLEY, 2012, p. 118).

relacionada com o fato de que ela não passou pelo processo de ser formada no seio materno como ocorre com outros homens e com os animais e, ao perder este laço afetivo, seu desenvolvimento psíquico e emocional foi, em parte, comprometido.

Boff enfatiza a importância da mulher no processo de geração da vida e da formação do ser, uma vez que “Por nove meses carrega em seu seio o mistério da vida humana. E o acalenta ao largo de toda a existência mesmo que o fruto de seu ventre se tenha afastado, seguindo os caminhos mais adversos ou morrido” (1995, p. 52), pois, para uma mãe afetuosa, “de seu coração nunca sairá o filho ou a filha” (1995, p. 52). À criatura foi vetado o direito às mais legítimas e autênticas manifestações de carinho e cuidado que uma mãe amável dispensa a um filho. Sua existência continua, portanto, a se constituir em uma sequência de erros.

No que concerne a este ser criado a partir de partes de corpos sem vida, pode-se afirmar que não é possível que ele tenha sua existência comparada em todos os níveis a uma pessoa cuja concepção ocorre naturalmente. Tampouco a outros que são formados por meio de intervenções técnicas e científicas legalizadas, como a inseminação artificial, por exemplo, que na época era algo impraticável e que é possível atualmente. No entanto, tais meios, mesmo que estruturados de forma distinta do natural, também implicam na constituição do ser humano por meio de uma base geneticamente indispensável de uma partícula do pai e outra da mãe. A natureza enquanto meio ambiente exige ser respeitada, a natureza humana também. A desarticulação dos meios para a formação de um novo ser foi um dos pilares que colocou, portanto, a criatura em total desequilíbrio. Conforme já elucidado, ela não teve sequer o elo emocional e afetivo materno, desta mãe que “não tira seu filho do coração”: uma violência sem precedentes à qual foi exposta.

Callenbach confirma, ainda, a importância do elo com outro ser ao considerar que “Nenhum ser humano e nenhuma criatura viva consegue sobreviver sem a interconexão com outros organismos” (2001, p. 119). Ele faz uma observação sobre o desenvolvimento físico, social e psicológico dos seres ao longo de sua existência e afirma que “Fomos dependentes do corpo da nossa mãe, antes do nascimento e, depois do parto, dos nossos pais e da comunidade” (2001, p. 119). O valor da comunidade para a harmonia entre os seres é evidenciado por Guattari, ao considerar que é necessário haver, além do equilíbrio da ecologia ambiental e psíquica, o equilíbrio da ecologia social.

Callenbach prossegue seu discurso e ressalta seu ponto de vista ao assegurar que durante todo o período de vida, uma pessoa depende “de outros seres humanos para ter segurança, abrigo, conforto, amor e alegria” (2001, p. 119). Além disso, ele reforça que “também dependemos da BIOSFERA para ter AR para respirar, alimento para comer, materiais para construir abrigos, para a remoção do lixo e a satisfação de outras necessidades” (2001, p. 119), algo indispensável que o ser humano que não se preocupa com o futuro do planeta não consegue conceber. O autor amplia o conceito de dependência uns dos outros e de necessidade de respeito mútuo ao enunciar os mais diversos elementos que são imprescindíveis para que todos os seres possam viver em harmonia sobre a Terra.

Em sua trajetória na trama, ao observar a convivência entre os membros da família De Lacey na floresta, por exemplo, a criatura tem a oportunidade de refletir sobre o papel de cada pessoa na vida em comunidade e de apreender alguns conceitos sobre as relações humanas bem como sobre a aquisição da linguagem e em como tal aquisição lhe seria útil. Ao analisar incansavelmente essa família, ela compreende a diferença entre os sons dos instrumentos e os sons articulados pelas pessoas ou os emitidos pelas aves e passa a perceber que a linguagem pode ser um instrumento importante para sua inserção no mundo dos homens.

So soon as he had finished the youth began, not to play, but to utter sounds that were monotonous, and neither resembling the harmony of the old man's instrument nor the songs of the birds: I since found that he read aloud, but at that time I knew nothing of the science of words or letters¹⁴⁵ (SHELLEY, 2003, p. 112).

A leitura que ela escutava em diferentes momentos da narrativa, por exemplo, também proporcionou à mesma o entendimento de que havia uma significação nos sons proferidos, que isto seria uma nova forma de comunicação. Ela instintivamente intui que, com a aplicação das palavras adequadas, poderia interagir com as demais pessoas. “É assim que, de sensações em reflexões, ele aprenderá a linguagem” (LECERCLE, 1991, p. 37). Mesmo sem compreender o teor do que ouvia, ela chega

¹⁴⁵ Assim que ele terminou, o rapaz começou a não tocar, mas a emitir sons que eram monótonos, e não se assemelhavam nem à harmonia do instrumento do velho nem ao canto dos pássaros; depois saberia que ele estava lendo em voz alta, mas então eu nada sabia da ciência das palavras ou das letras¹⁴⁵ (SHELLEY, 2012, p. 124).

à conclusão de que ao utilizar as palavras adequadas teria o contato que tanto desejava com outros seres. O leitor contemporâneo pode examinar tal premissa como uma complementação no processo do equilíbrio da ecologia social e psíquica da mesma.

Observing the De Lacey family and overhearing Felix instruct Safie from Volney's *Ruins of Empires, or Meditation on the Revolutions of Empires: And the Law of Nature* (1791), (an anthropological and philosophical critique of history, religion, imperialism, and empires) affords the Monster with access to language and insight into the ethical norms of human behavior¹⁴⁶ (TURNER, 2015, p. 26):

Entretanto, após os momentos de observação das pessoas e da compreensão do envolvimento entre os seres, a criatura consegue refletir sobre seu infortúnio. “But where were my friends and relations? No father had watched my infant days, no mother had blessed me with smiles and caresses; or if they had, all my past life was now a blot, a blind vacancy in which I distinguished nothing”¹⁴⁷ (SHELLEY, 2003, p.124). O vazio que ela sente só seria suprido com o carinho e afeto de outra pessoa. Os laços afetivos que envolvem os seres humanos, necessários para o desenvolvimento da pessoa e para o equilíbrio de sua natureza social e psíquica, podem ser novamente ressignificados aqui, quando se conjectura a possibilidade de socialização da criatura. Turner aponta uma nova perspectiva para a experiência dela com a família na floresta. Para a autora,

the creature's experience with the De Lacey family also reminds the reader of the ways in which humanity itself can be monstrous and contributes to helping the public understand why a change in human perception and behavior will be necessary if we are to more justly recognize that the commons are what keep all "creatures" alive¹⁴⁸ (TURNER, 2015, p. 28).

¹⁴⁶ Observar a família De Lacey e ouvir Felix instruir Safie por meio das Ruínas do Império de Volney, ou Meditação sobre as Revoluções dos Impérios: E a Lei da Natureza (1791), (uma crítica antropológica e filosófica da história, religião, imperialismo e impérios) fornece ao Monstro o acesso à linguagem e oferece insights sobre as normas éticas do comportamento humano (Tradução nossa).

¹⁴⁷ Mas onde estavam meus amigos e parentes? Não tivera pai nenhum a zelar por mim durante minha infância, ou uma mãe que me abençoasse com seus sorrisos e carícias; ou, se tivera, todo o meu passado se tornara um borrão, um vazio em que não havia nada que eu pudesse distinguir (SHELLEY, 2003, p.124).

¹⁴⁸ a experiência da criatura com a família De Lacey também remete ao leitor as maneiras pelas quais a própria humanidade pode ser monstruosa e contribui para ajudar o público a entender por que uma mudança na percepção e no comportamento humano será necessária se quisermos reconhecer com

Portanto, ela percebe que não compartilha dos mesmos elementos que as demais pessoas. A criatura é acometida por sofrimentos que nenhum outro ser pode compreender, uma vez que as situações vividas por ela não acontecem com ninguém. “Criado sem família, sem pátria, sem infância, o monstro é um excluído. Pior ainda, pois qualquer banido tem ao menos algumas lembranças e o monstro nem isso” (LECERCLE, 1991, p. 32). Até mesmo suas recordações são completamente diferentes das de outros seres. Qualquer memória dela vai demonstrar que durante sua existência ela sempre teve o mesmo tamanho e a mesma aparência. Além disso, ela afirma, com tristeza que “I had never yet seen a being resembling me, or who claimed any intercourse with me. What was I? The question again recurred, to be answered only with groans”¹⁴⁹ (SHELLEY, 2003, p.124). Esta é uma reflexão que pode ser reportada aos questionamentos acerca da relação entre as pessoas e a natureza. O ser humano, ao contrário da criatura que não tem as mesmas condições de vida, pode considerar-se parte da natureza. Turner salienta que a experiência que ela teve na floresta com a família De Lacey pode remeter ao leitor as formas

in which the human species might actually act to transform themselves into beings that sees the planet as truly a "commons" that must be distributed democratically, rather than enclosed. By observing the De Lacey family, the Monster realizes that his pilfering of the family's resources has intensified their distress¹⁵⁰ (TURNER, 2015, p. 27):

Ainda com relação ao contato da criatura com os demais seres humanos, Lecercle, ao descrever uma das cenas na qual ela tenta salvar uma criança, demonstra que o ser criado por Victor se esforça por fazer o bem. É nítido como sua sensibilidade é aflorada ao encontrar outro ser em sofrimento. Sua índole, ainda não maculada, desperta nela o desejo de salvar. Instintivamente ela age, sem ter

mais justiça que o que se tem em comum são o que mantém vivas todas as "criaturas" (Tradução nossa).

¹⁴⁹ Ainda não tinha visto ser algum parecido comigo ou que tivesse qualquer relação comigo. O que eu era? A pergunta se repetia, e a única resposta que eu tinha eram lamúrias (SHELLEY, 2012, p. 136).

¹⁵⁰ pelas quais a espécie humana pode realmente agir para se transformar em seres que vêem o planeta como verdadeiramente um "bem comum" que deve ser distribuído democraticamente, e não fechado. Ao observar a família De Lacey, o Monstro percebe que a pilhagem dos recursos da família intensificou sua angústia (Tradução nossa):

consciência de que deveria responder pela sua atitude. Neste momento da narrativa, o ser elaborado pelo cientista não consegue refletir sobre as consequências de suas ações. Ela não percebe que seu lugar no mundo é diferente do das outras pessoas. E experimenta a ingratidão em sua forma mais violenta. Os homens com os quais ela entra em contato neste trecho fazem com que ela empreenda uma luta interna: sua raiva se inflama pelas circunstâncias. Ela entra em desarmonia com sua ecologia mental e sente-se injustiçada.

[...] no livro, longe de assassinar a garota, o monstro a salva do afogamento: e é aí, quando ele está com ela nos braços, que o pai, equivocado sobre suas intenções e se fiando apenas nas aparências (em particular na aparência física), o fere com um tiro de espingarda. Como não compreender a raiva do monstro e sua reação violenta ao encontrar uma segunda criança, o pequeno William, irmão de Frankenstein? Há uma contradição entre o natural e o social, mas o que é violento é o social e não o natural (LECERCLE, 1991, p. 25).

Para Lecercle, a criatura possui um caráter único e incomparável. “Assim, o monstro é sublime: é normal que ele seja solitário, e ele está errado em sonhar com as suaves e belas alegrias da afeição familiar; ele é de outra têmpera, tem um outro destino” (1991, p. 46). O filósofo conjectura ainda que a criatura pode ser comparada ao ícone que representa a grandiosidade da natureza, no romance. Ele declara que devido suas características singulares é possível igualá-la “ao monte Blanc, cujas escarpas ele sobe com uma agilidade que perturba Victor. É que, diante de Victor, ele está na posição de Deus: justo retorno das coisas, a criatura domina seu criador, o escravo seu senhor, o filho seu pai” (1991, p. 46). Há uma inversão nos papéis entre criador e criatura. Seguindo a referência cristã, Lecercle coloca que “se só falta o Espírito Santo é porque o casal blasfematório celebra e ao mesmo tempo denega a morte de Deus” (1991, p. 46). Têm-se, portanto, uma vertente para uma análise que coloca a ambos em uma espécie de deslocamento na condição humana de vida que, de acordo com a crença cristã, vem de Deus e por Ele é mantida.

As belezas naturais a encantam e a deixam maravilhada com o que contempla. Ao observar os efeitos das mudanças climáticas no comportamento das pessoas e dos animais, ela passa a compreender que os seres estão em contato direto com o elemento natural e que suas ações estão intimamente interligadas. É

interessante como a criatura tem uma percepção refinada neste sentido, ainda que instintivamente, logo no início de sua vida sobre o planeta. Algo que a humanidade contemporânea parece ter perdido: a capacidade de compreensão sobre vida dos seres e sua relação com a natureza que sofre, inclusive, com as ações antiecológicas das pessoas. Ao perceber que as chuvas e o calor modificaram o aspecto da terra, ela observa os indivíduos “who before this change seemed to have been hid in caves, dispersed themselves, and were employed in various arts of cultivation. The birds sang in more cheerful notes, and the leaves began to bud forth on the trees”¹⁵¹ (SHELLEY, 2003, p. 118). Neste momento, é possível depreender que “A relação homem-natureza é, portanto, permeada por um ingrediente idílico marcado por uma complementaridade absoluta entre aqueles elementos” (LEOPOLDI, 2002, p. 160). Esta relação é algo que ainda existia naquelas pessoas do meio rural que a criatura observava e que Victor, um indivíduo burguês, urbano, já perdera e só reencontrava nos esparsos momentos de contato com o meio não urbano já referenciados. Ao contemplar as mudanças climáticas e em como elas auxiliam os seres em sua sobrevivência, ela faz uma reverência que demonstra sua euforia e deleite:

Happy, happy earth! Fit habitation for gods, which, so short a time before, was bleak, damp, and unwholesome. My spirits were elevated by the enchanting appearance of nature; the past was blotted from my memory, the present was tranquil, and the future gilded by rays of hope, and anticipations of joy¹⁵² (SHELLEY, 2003, p.118).

Assim como já descrito, o ânimo do monstro é afetado pelas estações do ano e o “ingrediente idílico” marca sua fala. O elemento natural atua na constituição desta personagem que, de forma bastante peculiar, compreende a fugacidade das coisas e percebe que as mesmas são transitórias. “Autumn passed thus. I saw, with surprise and grief, the leaves decay and fall, and nature again assume the barren

¹⁵¹ que antes dessa transformação pareciam ter ficado escondidos em cavernas e espalhavam, ocupando-se das diferentes atividades do cultivo. Os pássaros cantavam com mais alegria, e as folhas começavam a brotar nas árvores (SHELLEY, 2012, p. 120).

¹⁵² Ah, terra bendita! Morada digna dos deuses, e que tão pouco tempo antes estava tão árida, úmida e inóspita. Meu espírito se entusiasmava com a aparência encantadora da natureza; o passado se apagava de minha memória, o presente era tranquilo, e o futuro iluminado pelos raios brilhantes da esperança e das perspectivas de alegria (SHELLEY, 2012, p. 120).

and bleak appearance in had worn when I first beheld the woods and the lovely moon”¹⁵³ (SHELLEY, 2003, p. 134). A sensibilidade intrínseca ao seu ser promove momentos de reflexão e de um contato íntimo com o elemento natural. Entretanto, a criatura afirma que “I did not heed the bleakness of the weather; I was better fitted by my conformation for the endurance of cold than heat”¹⁵⁴ (SHELLEY, 2003, p. 134). É perceptível neste trecho, a diferença existente entre suas sensações físicas e as dos demais seres humanos, que sofreriam com o frio, por exemplo. A possibilidade de se constituir, ou não, de um ser “plenamente humano”, preconizado por Garrard pode ser novamente equacionada, neste momento.

Todavia, ela é possuidora de um caráter singular. Ela tem a sensibilidade própria dos inocentes, que guardam a pureza dos sentimentos diante da beleza da vida e da natureza circundante, assim como as pessoas que viviam em estado de natureza, considerados por Rousseau, “o bom selvagem”. A criatura afirma que seu “chief delights were the sight of the flowers, the birds, and all the gay apparel of summer”¹⁵⁵ (SHELLEY, 2003, p. 134) e afirma que quando a mudança no cenário acontece ela passa a ter atenção especial para os moradores da casa que observava na floresta, a família De Lacey, uma vez que encontrou nessa família a referência que precisa para analisar os seres humanos.

Da mesma forma como a natureza o encanta com sua beleza majestosa, nos momentos de intempéries ela também o aflige e machuca. “Nature decayed around me, and the sun became heatless; rain and snow poured around me; mighty rivers were frozen; the surface of the Earth was hard and chill, and bare, and I found no shelter”¹⁵⁶ (SHELLEY, 2003, p. 141-142). A criatura observa, então, as mudanças climáticas com tristeza. Entre suas análises da vida em família, o elemento natural sempre é retomado. O inverno, por exemplo, acompanha sua derrocada e, nesta conjuntura, ela faz um desabafo atormentado: “Oh, earth! How often did I imprecate

¹⁵³ O outono passou dessa maneira. Vi, com surpresa e pesar, as folhas amarelar e cair, e a natureza de novo assumindo a aparência lúgubre e árida que tinha quando primeiro contemplei as matas e a formosa Lua (SHELLEY, 2012, p. 147).

¹⁵⁴ as intempéries da estação não me incomodavam; minha constituição se adequava melhor ao frio do que ao calor (SHELLEY, 2012, p. 147).

¹⁵⁵ maior deleite era a visão das flores, dos pássaros, e de tudo que enfeita o verão (SHELLEY, 2012, p. 147).

¹⁵⁶ A natureza parecia a minha volta, e o sol não mais dava calor; chuva e neve desabavam sobre mim; rios caudalosos estavam congelados; a superfície da terra estava árida e fria, e nua, e eu não encontrava abrigo algum (SHELLEY, 2012, p. 156).

curses on the cause of my being"¹⁵⁷ (SHELLEY, 2003, p. 141)! Sua decadência é perceptível diante das considerações que ela elabora.

Ela se vê em meio a situações que provocam sentimentos de ressentimento e de cólera. “Ele torna-se mau porque é infeliz. A contradição narrativa tem também sua vertente cronológica; as circunstâncias modelam o monstro e desnaturam um natural que era bom” (LECERCLE, 1991, p. 39). Em diferentes circunstâncias a mesma relaciona seus sentimentos ruins aos processos evolutivos da natureza. Ela menciona inclusive optar por dormir durante o dia e viajar durante a noite por considerar que a noite a protegeria por não ficar visível aos homens. Quando a primavera chega, no entanto, a criatura ganha um novo ânimo.

The agony of my feelings allowed me no respite: no incident occurred from which my rage and misery could not extract its food; but a circumstance that happened when I arrived on the confines of Switzerland, when the sun had recovered its warmth and the earth again began to look green, confirmed in an especial maneer the bitterness and horror of my feelings¹⁵⁸ (SHELLEY, 2003, p.142).

E escolhe, dessa maneira, aventurar-se “to continue my journey after the sun had risen; the day, wich was one of the first of spring, cheered even me by the loveliness of its sunshine and the balminess of the air”¹⁵⁹ (SHELLEY, 2003, p. 142). Um dos acontecimentos mais sublimes vividos por ela consiste no momento no qual ela está envolta em um deslumbramento perante a natureza e se coloca de forma tão absorta e integrada que, mesmo se sentindo surpresa diante das novidades dos sentimentos que a acometeram, ela decide viver com intensidade cada sensação.

I felt emotions of gentleness and pleasure, that had long appeared dead, revive within me. Half surprised by the novelty of these sensations, I allowed myself to be borne away by them, and, forgetting my solitude and deformity, dared to be happy. Soft tears again bedewed my cheeks, and I even raised

¹⁵⁷ Oh, Terra! Como imprequei maldições contra o responsável por eu estar vivo (SHELLEY, 2012, p. 156)!

¹⁵⁸ A agonia de meus sentimentos não me dava trégua; todos os incidentes que ocorriam só serviam para alimentar minha miséria e minha raiva; mas algo que me aconteceu nas proximidades da Suíça, quando o sol recobrou seu calor e a terra começava de novo a se mostrar verde, confirmou de uma maneira especial a amargura e o horror de meus sentimentos (SHELLEY, 2012, p. 157).

¹⁵⁹ a continuar mesmo o sol já tendo nascido; o dia, que era um dos primeiros da primavera, alegrou-me apenas pelo encanto do sol brilhando e pelo frescor do ar (SHELLEY, 2012, p. 157).

by humid eyes with thankfulness towards the blessed sun, which estowed such joy upon me¹⁶⁰ (SHELLEY, 2003, p. 142).

E demonstra, ao narrar suas memórias, ter buscado o amor que lhe era necessário e a virtude, que tanto sonhava. Além disso, ela deseja compartilhar afeição e sentimentos como os de amizade, por exemplo. Durante suas primeiras aventuras sobre a Terra, a criatura se empenha, em vão, na tentativa de conquistar o direito à convivência com as demais pessoas. Em sua reflexão, ela faz um balanço de suas principais ações e de seus mais significativos sentimentos e emoções. “Once my fancy was soothed with dreams of virtue, of fame, and of enjoyment. Once I falsely hoped to meet with beings who, pardoning my outward form, would love me for the excellent qualities which I was capable of unfolding”¹⁶¹ (SHELLEY, 2003, p. 223). Ela chega a considerar que “I was nourished with high thoughts of honour and devotion”¹⁶² (SHELLEY, 2003, p. 223). Todos estes sentimentos revelam o quanto ela acreditava ser capaz de ser inserida no seio da sociedade e dela participar. Com o tempo percebe que seus esforços não surtiriam o efeito que almejava. A dor existencial que experimenta possibilita considerar-se a mais miserável das criaturas. Leopoldi faz uma reflexão sobre as sociedades indígenas, que pode ser reportada à criação do cientista, neste momento de desenvolvimento de sua personalidade. Para o autor, “o equilíbrio dessa relação só vai-se romper quando ela começa a inserir-se num contexto dominado pela sociedade e pela civilização com as conseqüências necessariamente negativas que elas trazem” (2002, p. 160). É o que ocorre com o novo ser. A partir do momento no qual entra em contato com a civilização, ele passa a sofrer o rompimento do equilíbrio do qual naturalmente possuía.

Leopoldi salienta ainda que “A “nostalgia” do estado de natureza é tão mais profunda quanto é para Rousseau a impossibilidade do homem viver em sociedade de maneira tão pacífica e sadia quanto vivia naquele estado” (2002, p. 160). O

¹⁶⁰ Senti emoções suaves e prazerosas, que pareciam havia muito mortas, reviver dentro de mim. Meio surpreso pela novidade dessas sensações, deixei-me levar por elas e, esquecendo minha solidão e deformidade, usei sentir-me feliz. Lágrimas suaves de novo molharam meu rosto, e até mesmo ergui meus olhos úmidos em sinal de gratidão ao sol abençoado que me dava tanta alegria (SHELLEY, 2012, p. 157).

¹⁶¹ Houve uma época em que minha imaginação se deleitava com sonhos de virtude, de fama, de prazer. Houve uma época em que alimentava falsas esperanças de encontrar seres que, perdoadando minha aparência externa, me amariam pelas qualidades excelentes que eu seria capaz de demonstrar (SHELLEY, 2012, p. 244).

¹⁶² Acalentavam-me pensamentos elevados de honra e abnegação (SHELLEY, 2012, p. 244).

desprezo e a violência que sofre por parte de seu criador e das demais pessoas faz com que ela mude sua perspectiva diante da vida e opte por ações criminosas. Ao fazer tal opção ela percebe o teor de sua escolha. “But now crime has degraded me beneath the meanest animal. No guilt, no mischief, no malignity, no misery, can be found comparable to mine”¹⁶³ (SHELLEY, 2003, p. 223). O equilíbrio da ecologia psíquica que todos os seres necessitam e que ela parece possuir neste momento da narrativa é, aos poucos, minado. Para ela, “Increase of knowledge only discovered to me more clearly what a wretched outcast I was”¹⁶⁴ (SHELLEY, 2003, p.133). As consequências deste desequilíbrio são perceptíveis em seu relato que se dá a partir da sua percepção acerca da forma como seus sentimentos e ações foram sendo modificados durante o percurso de sua vida.

‘This was then the reward of my benevolence! I had saved a human being from destruction, and as recompense I now writhed under the miserable pain of a wound which shattered the flesh and bone. The feelings of kindness and gentleness, to hellish rage and gnashing of teeth. Inflamed by pain, I vowed eternal hatred and vengeance to all mankind. But the agony of my wound overcame me; my pulses paused, and I fainted’¹⁶⁵ (SHELLEY, 2003, p.143)

É possível depreender que a criatura possui, nesta fase da história, uma noção bastante sofisticada sobre seus infortúnios e sobre as alterações psicológicas vividas por ela “When I run over the frightful catalogue of my sins, I cannot believe that I am the same creature whose thoughts were once filled with sublime and transcendent visions of the beauty and the majesty of goodness”¹⁶⁶ (SHELLEY, 2003, p. 223). Diante de todo o processo evolutivo de suas ações e de sua tomada de consciência perante o mesmo, ela se compara ao “anjo caído” e chega à conclusão de que seu destino, portanto seria cruel.

¹⁶³ Mas agora o crime me degradou à mais inferior das bestas. Não há culpa, maldade, crueldade ou miséria que se comparem às minhas (SHELLEY, 2012, p. 244).

¹⁶⁴ Ter uma maior compreensão das coisas apenas deixava mais claro para mim o pária miserável que eu era. (SHELLEY, 2012, p. 147).

¹⁶⁵ Essa então era a recompensa por minha benevolência! Salvava um ser humano da destruição e minha recompensa era agora me contorcer com a dor miserável de um ferimento que despedaçara carne e osso. Os sentimentos gentis e ternos que poucos momentos antes entretinha deram lugar a uma raiva infernal, em que eu rangia meus dentes. Transtornado de dor, jurei ódio e vingança eternos a toda a humanidade. Mas a agonia de minha ferida me venceu; meu pulso vacilou, e eu desmaiei (SHELLEY, 2012, p. 158).

¹⁶⁶ Quando repasso a lista de meus pecados, não posso crer que sou ainda a mesma criatura que uma vez estive tomada por visões sublimes e transcendentes da beleza e da grandeza da bondade (SHELLEY, 2012, p. 244).

I shall no longer see the sun or stars, or feel the winds play on my cheeks. Light, feeling, and sense will pass away; and in this condition must I find my happiness. Some years ago, when the images which this world affords first opened upon me, when I felt the cheering warmth of summer and heard the rustling of the leaves and the warbling of the birds, and these were all to me, I should have wept to die; now it is my only consolation¹⁶⁷ (SHELLEY, 2003, p. 224).

É esta mudança de percepção que também é discutida aqui. O ser humano em todas as épocas históricas de que se tem registro, sempre esteve em busca dos elementos que trouxessem a ele o conforto, a ascensão dentro dos grupos dos quais faz parte, o poder, a glória. No entanto, ao fazê-lo, ele coloca a todos, humanos e demais seres que habitam o planeta, em risco, uma vez que não vê limites para suas ações, não considera as consequências dos seus atos e não mede esforços para alcançar o que deseja, mesmo que custe o equilíbrio da vida sobre a Terra. Para Garrard, “os seres humanos responsáveis têm o dever implícito de deixar que as coisas se revelem à sua própria maneira inimitável” (2006, p. 52). O autor salienta ainda que não se deve “forçá-las a se enquadrar em significados e identidades que convenham aos valores instrumentais dos próprios humanos” (2006, p. 52). É este nível de comprometimento com a vida sobre o planeta que se espera que a humanidade possua para que os seres não sofram o mesmo desprezo e a mesma violência que a criatura do doutor Victor Frankenstein.

¹⁶⁷ Não mais verei o sol ou as estrelas, ou sentirei o vento em minha face. Luz, sentimentos, sensações, tudo se acabará; e nesse estado encontrarei minha felicidade. Alguns anos atrás, quando as imagens que esse mundo proporciona primeiro se mostraram para mim, quando senti o alentador calor do verão e ouvi os ruídos das folhas e o canto dos pássaros, e significavam tudo para mim, eu choraria se tivesse de morrer; agora é o meu único consolo (SHELLEY, 2012, p. 245).

6.4 Um encontro épico: o equilíbrio e o desequilíbrio das três ecologias de guattari evidenciados no diálogo entre criador e criatura

*We crossed the ice, therefore, and ascended the opposite rock. The air was cold, and the rain again began to descend; we entered the hut, the fiend with an air of exultation, I with a heavy heart and depressed spirits. But I consented to listen, and seating myself by the fire with my odious companion had lighted, he thus began his tale*¹⁶⁸ (SHELLEY, 2003, p. 104).

O encontro entre as duas personagens destacadas é um dos momentos mais emblemáticos no romance de Mary Shelley. O teor da conversa que Victor Frankenstein e sua criatura travam nas montanhas geladas leva o leitor a refletir sobre todo o conflito e toda a subjetividade humana presentes na obra, afinal, é o centro imaginativo poético da história. A descrição dos Alpes e a figura imponente do Mont Blanc, evocam, na fala do cientista, uma natureza sublime, grandiosa e impressionante a ponto de considerá-la “as belong to another earth, the habitations of another race of beings”¹⁶⁹ (SHELLEY, 2003, p. 97). É como se instintivamente Victor percebesse o quanto a interferência humana é prejudicial ao meio ambiente. Neste cenário imponente, ambos são levados a expor seus sentimentos mais profundos de forma intensa. É importante ressaltar que Victor Frankenstein não mensurou o que aconteceria com seu propósito. A criatura, em contrapartida, não tinha como dirigir seu destino, ao se ver abandonada sem ao menos compreender o que ou quem era.

Algumas das considerações mais importantes sobre este diálogo versam sobre a necessidade de o novo ser ter o contato com outro ser humano, algo que lhe foi negado, desde sempre. “Let me see that I excite the sympathy of some existing thing; do not deny me my request”¹⁷⁰ (SHELLEY, 2003, p. 148). É preciso compreender que ela, a princípio, acreditava que poderia fazer parte do mundo dos homens e ser aceita pelas demais pessoas, uma vez que também possuía

¹⁶⁸ Cruzamos o gelo, então, e subimos a rocha no outro lado. O ar estava frio e a chuva de novo começara a cair; entramos na cabana, o demônio com um ar exultante, eu com o coração pesado e o ânimo deprimido. Mas consenti em ouvir, e sentei-me ao pé do fogo que essa minha companhia abjeta acendera; e ele começou sua história (SHELLEY, 2012, p. 115).

¹⁶⁹ “como se pertencessem a outro planeta e fossem as habitações de outra raça de seres” (SHELLEY, 2012, p. 107).

¹⁷⁰ Permita que eu possa ter a solidariedade de algum ser vivo; não me negue esse pedido (SHELLEY, 2012, p. 164).

características humanas e, sobretudo, sentimentos bons. E relata ao seu criador as primeiras sensações que consegue distinguir, como elas surgiram e como se relacionou com a vida que recebeu.

No entanto, a criatura nota que a ela não estava reservado o direito de conviver em harmonia com os demais seres humanos, uma vez que não se enquadrava nos parâmetros sociais e físicos das demais pessoas que habitam este planeta. Victor se equivoca ao acreditar que poderia dar vida a um ser inanimado sem consequências para si ou para outrem, mesmo tendo forçado a ordem cósmica. Ela, por sua vez, se equivoca ao acreditar que poderia fazer parte do meio social no qual seu criador se enquadrava. A conversa que ambos possuem é perpassada pelas reflexões da criatura em anacronia por retrospectiva. Victor também elabora suas considerações. No entanto, os argumentos estruturados pelo incompreendido ser compõem a maior parte do diálogo. No trecho a seguir percebe-se como Victor passa a considerá-la quando sabe que a mesma se tornou violenta:

He approached; his countenance bespoke bitter anguish, combined with disdain and malignity, while its unearthly ugliness rendered it almost too horrible for human eyes. But I scarcely observed this; rage and hatred had at first deprived me of utterance, and I recovered only to overwhelm him with words expressive of furious detestation and contempt¹⁷¹ (SHELLEY, 2003, p. 101-102).

O próprio criador a considera feia, horrenda. As demais pessoas também tiveram a mesma postura diante dela. No entanto, mesmo sem o contato direto com os humanos, a criatura teve momentos nos quais pôde compreender o teor dos relacionamentos. Após se aproximar da família De Lacey, além de observar o comportamento deles, ela teve contato com alguns clássicos da literatura universal e conseguiu compreender as subjetividades que envolvem a vida em sociedade. Em meio ao gelo do esplêndido Mont Blanc, ela faz uma análise do elo que deve existir entre um ser quando da criação de outro e reconhece que seu criador não deseja a convivência entre eles: “you, my creator, detest and spurn me, thy creature, to whom

¹⁷¹ Aproximou-se; seu semblante demonstrava profunda angústia, combinada com desdém e maldade, enquanto sua feiura sobrenatural o fazia quase horrível demais para os olhos humanos. Mas eu mal notei isso; a raiva e o ódio de início me deixaram sem fala, e só me recobrei para lançar contra ele palavras cheias de furiosa aversão e desprezo (SHELLEY, 2012, p. 112).

thou art bound by ties only dissoluble by the annihilation of one of us”¹⁷² (SHELLEY, 2003, p.102). Mesmo não tendo nenhuma espécie de relacionamento com outro humano, ela compreende que uns precisam dos outros para viver em sociedade, algo que ela tanto almejava e que lhe foi negado.

É interessante perceber o quanto é sofisticado o nível de consciência e de conhecimento que a criatura possui neste momento da narrativa. Ela tem um poder de arguição que Victor não imaginava e o provoca ao questioná-lo sobre sua ousadia em brincar com a vida. Em sua concepção, seu criador deveria cumprir com suas obrigações, especialmente as que ele teria para com ela e se mostra ainda em equilíbrio ao argumentar com propriedade sobre suas angústias e desejos. Victor, ao contrário, se mostra desesperado e em conflito. No entanto, o desajuste do cientista é muito mais latente quando ele trava com ela um diálogo que se intensifica, acerca dos sentimentos dela e da irresponsabilidade que ele, enquanto criador, demonstrou. Victor perde o controle, inclusive, ao proferir, durante a conversa, duras palavras que machucam e ofendem sua criatura. Victor não percebe que o uso que fez dos aparatos tecnológicos para a concretização de seu trabalho promoveu a criação de um novo ser que ele não conseguiu compreender.

A percepção de que a técnica acelera incrivelmente os processos de transformação dos materiais e das energias naturais dá origem à ideia de que – por contraste com as lentas, silenciosas e imperceptíveis gestações das obras da natureza, como uma floresta ou uma cordilheira – o que se atinge é uma capacidade de criação com características mágicas que aproxima o transformador do estatuto de criador (BOGALHEIRO, 2018, p. 60).

Neste momento, é perceptível ao leitor mensurar quão grande é a aflição de ambos. Criador e criatura estão frente a frente, cada um com uma expectativa diferente e sofrendo com as consequências de tudo o que Victor elaborou. Toda ação humana frente à natureza possui resultados que podem ser bons ou, como no caso da ação de Victor, desastrosos. A paisagem escolhida por Mary Shelley para ambientar esta conversa também revela a grandiosidade do conflito externado por

¹⁷² você, meu criador, me detesta e rejeita, a sua criatura, à qual está ligado por laços que só a morte de um dos dois pode dissolver (SHELLEY, 2012, p. 112).

ambos. O sublime, representado pelo Mont Blanc se coloca como elemento de destaque para a cena que marca este encontro, cujo teor, voltado para o poder de criação e de responsabilidade para com a mesma, os faz refletir sobre os infortúnios vividos.

Ao analisar este processo criacional, em um sentido mais amplo e, de acordo com Boff ao se referir aos preceitos ecológicos contemporâneos, há uma “preocupação ética de responsabilidade para com a criação” (1995, p. 20). Segundo o autor, “a ecologia deixou seu primeiro estágio na forma de movimento verde ou de proteção e conservação de espécies em extinção” (1995, p. 20). Ele amplia o conceito afirmando que a mesma foi transformada em uma crítica radical devido à forma como a civilização foi construída. Boff enfatiza, ainda que “o argumento ecológico é sempre evocado em todas as questões que concernem à qualidade de vida, à vida humana no mundo e à salvaguarda ou ameaça da totalidade planetária ou cosmológica” (1995, p. 20). Verifica-se, portanto, a importância das discussões ecológicas e das ações que a mesma promove para as questões mais pungentes, especialmente em tempos de antropoceno.

Tais ações ecológicas podem ser pensadas e ressignificadas, portanto, em diferentes campos de atuação. A título de retomada do conceito, os estudos ecocríticos se preocupam, para além de questões referentes ao meio ambiente, com a ecologia social e a psíquica. Ao considerar tal premissa, é importante reforçar que os laços afetivos que deveriam unir criador e criatura nunca foram produzidos. O novo ser que precisa da harmonia de sua ecologia psíquica, tem seu direito ao convívio humano negado e, em um momento de equilíbrio e reflexão, afirma a Victor que “I am malicious because I am miserable. Am I not shunned and hated by all mankind? You, my creator, would tear me to pieces, and triumph; remember that, and tell me why I should pity man more than he pities me”¹⁷³ (SHELLEY, p.147)? Mesmo assim, ela demonstra que poderia conviver de forma harmoniosa com as demais pessoas e se mostra ainda disposta a manifestações de carinho e de afeto. E roga que a ouça.

Nota-se, em sua fala, que ela tem definido o papel que cada um deveria desempenhar no relacionamento entre ambos. “I am thy creature, and I will be even

¹⁷³ Sou mal porque sou infeliz. Afinal, não me escorraça e odeia toda a humanidade? Você mesmo, meu criador, me faria em pedaços sem hesitação ou remorso; lembre-se disso e me diga por que eu deveria ter mais piedade pelos homens do que a que eles têm por mim (SHELLEY, 2012, p. 163)?

mild and docile to my natural lord and king, if thou wilt also perform thy part, the which thou owest me”¹⁷⁴ (SHELLEY, 2003, p. 102-103). A observação, mesmo que à distância, da família De Lacey, fez com que ela pudesse compreender como funciona boa parte dos relacionamentos afetivos. Ressalta-se, assim, a importância da manutenção do equilíbrio da ecologia psíquica e social, preconizado por Guattari, para todos os seres. Neste momento em que trava tal conversa com seu criador, ela demonstra ainda estar no equilíbrio de sua ecologia psíquica, o que remete também ao conceito do bom selvagem de Rousseau. “I was benevolent and good; misery made me a fiend. Make me happy, and I shall again be virtuous”¹⁷⁵ (SHELLEY, 2003, p.103). Além disso, é possível depreender que “The Creature’s claim of affinity to the new creature Adam, rather than to Satan, “the fallen angel”, rises from a hope that this sufferings are reversible rather than irrevocable. He is acutely aware of the Satan narrative”¹⁷⁶ (WOLFSON; LEVAO, 2012, p. 171). Ela explica, portanto, por meio deste paralelo, o que Victor se recusa a aceitar: que ele, como criador, deveria ter assumido o papel de pai.

Oh, Frankenstein, be not equitable to every other and trample upon me alone, to whom thy justice, and even thy clemency and affection, is most due. Remember, that I am thy creature; I ought to be thy Adam, but I am rather the fallen angel, whom thou drivest from joy for no misdeed. Everywhere I see bliss, from which I alone am irrevocably excluded”¹⁷⁷ (SHELLEY, 2003, p. 103).

A configuração familiar atual está em ampla modificação, assim como toda a sociedade. No entanto, com relação à responsabilidade materna ou paterna, é preciso considerar que um ser humano deve ser sempre responsável pela vida, e pela proteção e bem-estar do ser que coloca no mundo, ou que assume como filho.

¹⁷⁴ Sou sua criatura, e serei até mesmo gentil e dócil com aquele que é meu senhor e amo, se você cumprir também sua parte, a que me deve (SHELLEY, 2012, p. 113).

¹⁷⁵ Eu era bem-intencionado e bom; o infortúnio fez de mim um demônio. Faça-me feliz, e de novo serei virtuoso (SHELLEY, 2012, p. 113).

¹⁷⁶ A reivindicação de afinidade da criatura com a nova criatura Adão, e não com Satanás, "o anjo caído", surge da esperança de que esses sofrimentos sejam reversíveis ao invés de irrevogáveis. Ele tem plena consciência da narrativa de Satanás (Tradução nossa).

¹⁷⁷ Oh, Frankenstein, não seja justo apenas com os outros, para só de mim tripudiar, a quem mais deveria mostrar injustiça e até clemência e afeto. Lembre-se de que sou sua criatura: eu devia ser seu Adão, mas em vez disso sou o anjo decaído, o qual nada fez para que você lhe proibisse a alegria. Em toda parte vejo a felicidade, da qual só eu estou irrevogavelmente excluído (SHELLEY, 2012, p. 113).

Neste sentido, é importante destacar que a criatura se considerava boa, a princípio, e que somente se tornou violenta a partir da violência à qual foi exposta, por parte de quem deveria ocupar, para ela, o lugar de pai. É imprescindível que os seres precisem de outros para seu equilíbrio. A falta de interação com as pessoas, aliada à forma como foi tratada, impuseram nela a concepção de que não fazia parte do que na atualidade se considera como a teia da vida, da qual todos os seres estão, de alguma forma, ligados, conforme as discussões ecocríticas e ecosóficas dos autores que fundamentam este estudo e das demais pessoas engajadas com as questões relativas à preservação da vida sobre a Terra.

Durante o diálogo, fica evidente que a criatura precisa ser ouvida por seu criador, no entanto, não sabe como fazê-lo. “How can I move thee? Will no intreaties cause thee to turn a favourable eye upon the creature, who implores thy goodness and compassion”¹⁷⁸ (SHELLEY, 2003, p.103)? E implora para que ele a compreenda, uma vez que os piores atos que cometeu foram motivados por seu abandono e por sua solidão. Ao considerar os conceitos ecocríticos já elucidados, pode-se explicar, embora não se justifique, o teor de ódio disseminado por ela, uma vez que nenhum ser consegue viver isolado, sem nenhuma espécie de contato com os demais.

A solidão e o isolamento extremo fazem com que a pessoa perca seu equilíbrio diante da vida e das coisas. Instintivamente a criatura percebe seu infortúnio. “Believe me, Frankenstein: I was benevolente; my soul glowed with love na humanity; but am I not alone, miserably alone”¹⁷⁹ (SHELLEY, 2003, p.103)! Sua explicação demonstra que apreendeu alguns conceitos acerca dos relacionamentos humanos. A observação da família De Lacey, aliada ao acesso que a criatura teve a obras literárias proporcionaram a ela conhecer a história da humanidade, em diversos aspectos. Assim, ela percebe que não compartilha das mesmas condições que as demais pessoas. Ao ler, por exemplo *Paraíso Perdido*, ela afirma que o fez como se fosse uma história real e que despertou nela emoções diferentes e profundas. Especialmente com relação à história de Deus, que ela comparava com a própria, por considerar ter elementos em comum. Ela fatalmente compara seu

¹⁷⁸ -Como posso fazer com que você me ouça? Nenhuma súplica será capaz de conseguir de você um olhar mais favorável a sua criatura, que lhe implora sua bondade e compaixão (SHELLEY, 2012, p. 113)?

¹⁷⁹ Acredite em mim, Frankenstein, eu era bom; minha alma irradiava amor e humanidade; mas estou condenado à solidão, uma miserável solidão (SHELLEY, 2012, p. 113)!

criador a Deus e o confronta, mais uma vez, por tê-la desamparado, o que Deus não fez com sua criação. Questões subjetivas perpassam sua mente e complementam seus argumentos para a causa mais urgente para ela: o contato com o outro.

Like Adam, I was apparently united by no link to any other being in existence; but his state was far different from mine in every other respect. He had come forth from the hands of God a perfect creature, happy and prosperous, guarded by the special care of his Creator; he was allowed to converse with and acquire knowledge from beings of a superior nature: but I was wretched, helpless, and alone. Many times I considered Satan as the fitter emblem of my condition; for often, like him, when I viewed the bliss of my protectors, the bitter gall of envy rose within me¹⁸⁰ (SHELLEY, 2003, p.132).

Esta fala remete ao leitor contemporâneo a visão espiritual do cristão que acredita ter sido Deus o Criador de todas as coisas. A criatura compreende esta visão a partir das leituras que fez. O fato de chegar a tais conclusões permite ao leitor inferir que o seu aparato cognitivo teve um rápido desenvolvimento acerca das questões mais sofisticadas que envolvem as crenças humanas mais subjetivas. Ela era um ser completo e, como tal, deveria ter tido seus direitos preservados, em especial no que concerne ao direito à vida e a ter sua existência preservada sobre a terra, como deve ser com todas as espécies, segundo os estudos ecocríticos e ecosóficos. Afinal “Muitos ambientalistas afirmam que precisamos elaborar um sistema de valores que tome como ponto de partida o valor intrínseco ou inerente da natureza” (GARRARD, 2006, p. 35). O novo ser, como todos os demais que vivem sobre a terra, deveria fazer parte, também, da natureza, como um todo.

Com relação ao papel do cientista em sua vida, o próprio Victor conclui que “For the first time, also, I felt what the duties of a creator towards his creature were, and that I ought to render him happy before I complained of his wickedness”¹⁸¹ (SHELLEY, 2003, p.104). Ele não elabora com veemência seus argumentos, como a

¹⁸⁰ Como Adão, eu aparentemente não era unido por laço algum a qualquer outro ser existente; mas a situação dele era bem diferente da minha em todos os outros aspectos. Ele se originara das mãos de Deus como uma criatura perfeita, feliz e próspera, assistido por um zelo todo especial de seu Criador; ele podia conversar com seres de natureza superior, e deles adquirir conhecimento, enquanto eu era miserável, desamparado e solitário. Muitas vezes considerei ser Satã a melhor imagem da minha condição, pois, como ele, com frequência a bile amarga da inveja subia-me, ao ver o contentamento de meus protetores (SHELLEY, 2012, p. 145).

¹⁸¹ Pela primeira vez, também, senti quais eram os deveres de um criador para com sua criatura, e que devia tentar torna-lo feliz antes de reclamar de sua perversidade. (SHELLEY, 2012, p. 115).

criatura o faz, mas, reconhece o mal que praticou e sente-se culpado. Para além de explicar o teor do que compreende, ela, no entanto, reforça sua avaliação diante do que ocorre e reporta a Victor toda a responsabilidade das desgraças ocorridas tanto com a família dele quanto para com a humanidade. “Yet it is in your power to recompense me, and deliver them from na evil which it only remains for you to make so great, that not only you and your family, but thousands of others, shall be swallowed up in the whirlwinds of its rage”¹⁸² (SHELLEY, 2003, p. 103). Outra questão importante a ser destacada é com relação ao momento no qual a criatura assume a força e o controle que pode imprimir contra seu criador, logo após Victor destruir a nova criatura, que seria sua companheira. “You are my creator, but I am your master – obey”¹⁸³ (SHELLEY, p.172)! É perceptível ao leitor o quanto Victor se equivoca ao pensar ter controle sobre sua criação até ver sua criatura se voltar contra ele. O cientista não domina sua criatura, assim como o ser humano contemporâneo não tem total domínio sobre os elementos que produz e sofre com as consequências dos seus produtos. A partir desta fala, é possível perceber o que tem sido recorrente neste estudo: a importância do estreitamento dos laços afetivos e, além disto, a necessidade de se ter responsabilidade para com as atitudes frente ao meio ambiente e aos seres que dele fazem parte.

Victor, entretanto, não está imune de sofrer as consequências de suas atitudes e sua fala demonstra o quanto está também afetado pela situação, embora em um nível diferente do de sua criatura. O desequilíbrio de sua ecologia psíquica é evidenciado diante das ações do ser desajustado que se tornou. Apesar de reconhecer o mal que fez, ele não consegue enfrentar o problema que criou e, mais uma vez, exige que a mesma vá embora.

Why do you call tom y remembrance, ‘I rejoined’, ‘circumstances, of which I shudder to reflect, that I have been the miserable origin and author? Cursed be the day, abhorred devil, in which you first saw light! Cursed (although I curse myself) be the hands that formed you! You have made me wretched beyond expression’¹⁸⁴ (SHELLEY, 2003, p. 104).

¹⁸² E, no entanto, está em seu poder compensar o meu infortúnio e livrar os outros do mal cada vez maior pelo qual você será o único responsável, ao tragar com sua ira não só a sua família como também multidões (SHELLEY, 2012, p. 113-114).

¹⁸³ “Você me criou, mas eu sou seu amo; me obedeça (SHELLEY, 2012, p. 186)!

¹⁸⁴ --- Por que você me traz à lembrança – retruquei – circunstâncias que me fazem tremer só de pensar nelas, das quais fui a origem e o autor? Maldito seja o dia, demônio abominável, em que você viu pela primeira vez a luz! Malditas sejam (embora eu esteja amaldiçoando a mim mesmo) as mãos

Têm-se, portanto, na fala de Victor, uma espécie de confissão na qual ele assume ter sido o causador dos males ocorridos. Seria este o reconhecimento do mal que causou ao meio ambiente, ao empreender em um trabalho científico e tecnológico de forma antiecológica e antiética. Por alguns instantes o cientista é tomado por sentimentos bons que estavam adormecidos em seu interior ao reconhecer que a fala da criatura teve um efeito estranho sobre ele. Sua atitude perversa é repensada e ele se sente afetado pelos argumentos dela, o que demonstra que Victor possuía resquícios de bondade e de espirosidade de quando ainda estava emocionalmente equilibrado.

I compassionated him and sometimes felt a wish to console him; but when I looked upon him, when I saw the filthy mass that moved and talked, my heart sickened and my feelings were altered to those of horror and hatred. I tried to stifle these sensations; I thought, that as I could not sympathise with him, I had no right to withhold from him the small portion of happiness which was yet in my power to bestow¹⁸⁵ (SHELLEY, 2003, p. 149).

Na narrativa, para além das questões emocionais já evidenciadas, outras acerca da necessidade de re-ligação do ser humano com a natureza são percebidas. Como quando se pensa na criação de todos os seres, uma vez que, diante de toda a problemática que envolve a vida sobre a Terra, é importante garantir que “o universo possa ser visto como uma totalidade inteligente e auto-organizante” (BOFF, 1995, p. 60). No entanto, o respeito para com as espécies precisa ser reforçado, por meio da ressignificação das relações humanas e não humanas. A vida sobre a terra é um direito de todos os seres.

que deram forma a você! Você me trouxe uma infelicidade além de qualquer descrição (SHELLEY, 2012, p. 114).

¹⁸⁵ Sentia compaixão por ele, ao ver aquela massa repugnante que se movia e falava, meu coração doía e meus sentimentos se alteravam para o horror e o ódio. Tentei reprimir essas sensações; pensei que, se nem eu mesmo podia me solidarizar com ele, não tinha o direito de lhe negar a pequena porção de felicidade que estava ainda em minhas mãos conceder-lhe (SHELLEY, 2012, p. 165).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Mary Shelley oferece uma reflexão quase que profética sobre a ação humana destrutiva para com a natureza e pode instigar debates e influenciar em novas posturas que busquem impedir que os seres humanos continuem a oprimir, a dominar e a destruir a natureza. Ela pode promover no leitor o despertar para a consciência sobre como o ser humano se posiciona ou deve se posicionar com relação ao ambiente natural. O impacto ético produzido pela leitura da obra faz alusão ao pensamento de que o mundo não é formado por elementos isolados e independentes, mas por uma rede interconectada e interdependente na qual cada componente possui valor intrínseco e necessário para o equilíbrio da totalidade.

A natureza é fonte de vida. O grande desafio para as pessoas talvez seja encontrar seu lugar no mundo e lutar pela causa correta. É importante destacar que a natureza se expressa. Os seres humanos precisam compreender que ela tem uma espécie de voz que fala, por vezes “grita” por socorro, pede ajuda. Ouvir as distintas vozes que coexistem nela se faz necessário. Para Sansiñena, “[...] el ser humano sólo logrará reconectarse con la naturaleza escuchándola y aceptando que ésta tiene una voz propia y un lenguaje que los humanos deben aprender a interpretar”¹⁸⁶ (2010, p. 61). *Frankenstein*, proporciona, portanto, ao leitor contemporâneo a possibilidade de uma leitura ecocrítica, que busca uma nova percepção de sua realidade ao colocar em evidência a possibilidade de reflexão sobre os problemas ecológicos mais pungentes. Além das questões ecológicas, a discussão acerca do dualismo mente/corpo, a dicotomia natureza/cultura, a influência humana no meio e a relação dialógica entre o mesmo e a natureza, com vistas a promover o equilíbrio foram também discutidas neste estudo.

A obra de Mary Shelley é um texto relativamente simples, mas rico em imagens literárias que remetem às questões ecológicas e estimulam o leitor a perceber a conexão que existe entre o ser humano e o meio e no quanto uma postura antiecológica pode ser catastrófica. O estudo do texto literário se faz importante para refletir e conectar as diferentes nuances que envolvem a sociedade.

¹⁸⁶ O ser humano só será capaz de se reconectar com a natureza, ouvindo-a e aceitando que tem uma voz própria e uma linguagem que os humanos precisam aprender a interpretar (Tradução nossa).

É possível perceber nela, a partir de uma leitura contemporânea pautada nos conceitos ecocríticos, um apelo/sugestão para a promoção de uma relação apropriada com a terra e com a urgência em ampliar o horizonte de percepção sensorial para que haja o despertar da consciência diante de toda a problemática que envolve o ser humano e o meio ambiente. Afinal, segundo Callenbach, “Não existe praticamente nenhuma paisagem que não tenha sido transformada ecologicamente por atividades do ser humano” (2001, p. 55). O autor afirma que os humanos somos organismos pensantes e que não é necessário esperar pelos desastres para optar por uma vida sustentável. Para ele, “Podemos imaginar um futuro sustentável na plena aceção do termo e que, por isso, pode oferecer um futuro de longo prazo, com esperança e saúde para a humanidade” (2001, p. 180). Ao observar, portanto, o comportamento do capitão Walton, de Victor e da criatura, o leitor pode refletir sobre a falta de compromisso dos indivíduos para com o meio, ao compreender, de forma antinatural e antiecológica, mesmo que anacronicamente, a postura das três personagens analisadas neste trabalho. É importante considerar que

La vulnerabilidade del género humano frente al poder destructor de la naturaleza nos hace recordar que cohabitamos con otros seres vivos y que es esencial para nuestra supervivencia como especie el ser conscientes de que formamos una comunidad con todas las criaturas vivientes¹⁸⁷ (AGUIRRE; TORTONE, 2010, p. 47).

A humanidade precisa encontrar a essência comum que a une aos demais participantes da teia que compõe o planeta. Isto somente será possível aprendendo a observar a natureza, a respeitá-la e a buscar a promoção de um estilo de vida mais saudável e mais equilibrado no qual todos os elementos que estão interligados tenham seu espaço e direitos respeitados, com ênfase nos valores e princípios de cooperação e de conservação. Uma das soluções para o problema da escassez de recursos se dará por meio da educação ambiental que demanda uma postura comprometida com a manutenção do meio e contra a devastação do mundo natural. Afinal, Callenbach salienta que “Nós não poderemos ter um mundo de abundância e

¹⁸⁷ A vulnerabilidade da humanidade frente ao poder destrutivo da natureza nos lembra que coabitamos com outros seres vivos e que é essencial para nossa sobrevivência como espécie ser consciente de que formamos uma comunidade com todos os seres vivos (Tradução nossa).

SUSTENTABILIDADE se não cuidarmos da terra” (2001, p. 57). Somente a partir dessa educação, juntamente com o comprometimento das diversas comunidades, haverá uma mudança no cenário de recursos naturais comprometidos mundialmente.

De acordo com Capra, há soluções para alguns dos principais problemas da atualidade. No entanto, ele afirma que é preciso reorientar as percepções humanas com relação aos pensamentos e aos valores. O autor reforça que “estamos agora no princípio dessa mudança fundamental de visão do mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão radical como foi a revolução copernicana” (1996, p. 23). O autor faz uma advertência, entretanto, aos líderes políticos afirmando que ainda não despontou entre eles, a compreensão necessária para que tal mudança de paradigma ocorra.

É importante destacar, ainda, a relevância de se estender tais discussões no âmbito educacional, uma vez que os estudos ecocríticos, aliados ao trabalho com a literatura em sala de aula podem promover um olhar mais crítico sobre as demandas ecológicas mais pungentes. Criar uma maior consciência moral e cívica, preocupada com a ética, com a civilidade e com a importância de sentir-se pertencente a um lugar e promover a manutenção deste local para o bem comum, em um âmbito sócio-político, é de consubstancial relevância na contemporaneidade. “É necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade” (MARTINS, 2006, p. 90). É fundamental promover discussões a partir de personagens e de obras cujos enredos apresentam dilemas e demandas holísticas, como o romance de Mary Shelley amplamente o faz. É urgente valorizar, respeitar e cuidar do meio e de todas as formas de vida existentes no planeta em uma postura de interconexão e de espiritualidade. Levar tais demandas para o ambiente escolar pode ser primordial na atual configuração do planeta com o advento do antropoceno.

Segundo Guattari, “é evidente que uma responsabilidade e uma gestão mais coletiva se impõem para orientar as ciências e as técnicas em direção a finalidades mais humanas” (1990, p. 24). O autor reforça que “uma ecosofia de um tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, éticopolítica e estética, deve a meu ver substituir as antigas formas de engajamento religioso, político, associativo...” (1990, p. 54). Como alternativa de vida em equilíbrio, faz-se urgente fomentar a comunhão entre os homens e os demais seres por meio de uma proposta de relação

apropriada com a terra para buscar solucionar, ou mesmo, minimizar os efeitos da crise. Cabe às indústrias, reduzir drasticamente suas atividades e às pessoas, mudar a forma de consumo e de exploração do meio. É tarefa de todos auxiliar na criação de um mundo novo, um mundo sustentável tanto para as gerações atuais quanto para as vindouras com ações conscientes, com respeito pelas espécies e pelo seu modo de vida em detrimento de atitudes exploratórias e irracionais.

Por meio do olhar ecocrítico projetado no romance de Mary Shelley, foi possível repensar as questões mais urgentes com relação ao meio ambiente, com especial destaque para a necessidade de ressignificação das questões que versam sobre o respeito e a preservação da vida humana e não-humana sobre a terra. Destaca-se, assim, a importância de se considerar o texto literário como elemento que pode contribuir no processo de formação e de reflexão para as causas mais emergenciais, ao promover um olhar voltado para o bem comum, por meio do despertar da consciência e de um reposicionamento individual, com vistas a reestruturar de forma abrangente os modos de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, María Elena; TORTONE, Noelia. La poesía pastoril inglesa: La naturaleza como construcción cultural. In CARBALLO, Mirian; AGUIRRE, María Elena. **Eco-crítica, “Crítica Verde”**: la naturaleza y el medioambiente em el discurso cultural anglófono. Córdoba: Asociación Cooperadora Facultad de Lenguas – UNC, 2010. p. 23 – 54.

ALEGRETTE, Alessandro Yuri. **Frankenstein**: uma releitura do mito de criação. 2010. 125 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91524>>. Acesso em: 03 dez. 2019.

ALMEIDA, Rogério de. O mito de Frankenstein no cinema. In ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein**: imaginário & educação. São Paulo: FEUSP, 2018. p. 158 – 174.

ALVES, Isilda Melo Seabra. **A ecologia no feminismo americano**. Lisboa: Universitária Editora, 2000.

ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos. Um Pesadelo Maravilhoso e Fecundo: Nos 200 anos da Publicação de Frankenstein. In ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein**: imaginário & educação. São Paulo: FEUSP, 2018a. p. 9 – 10.

ARAÚJO, Alberto Filipe; GUIMARÃES, Armando Rui. Victor Frankenstein: Um Prometeu Moderno? In: ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein**: imaginário & educação. São Paulo: FEUSP, 2018b. p. 88 – 113.

ARIÈS Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S. A., 2003.

BADENES, Guillermo; COISON, Josefina. Ecotraducción. In CARBALLO, Mirian; AGUIRRE, María Elena (orgs.). **Eco-crítica, “Crítica Verde”**: la naturaleza y el medioambiente em el discurso cultural anglófono. Córdoba: Asociación Cooperadora Facultad de Lenguas – UNC, 2010. p. 173 – 214.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOGALHEIRO; Manuel. **O fim da natureza**: Paradoxos e incertezas na era do antropoceno e do geo-constitutivismo. Universidade Lusófona do Porto, Porto [PT]. RCL - Revista de Comunicação e Linguagens. N. 48, 2018. ISSN 2183-7198

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALLENBACH, Ernest. **Ecologia**: um guia de bolso. São Paulo: Peirópolis, 2001. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix LTDA, 1996. Tradução: Newton Roberval Eichenberg.

CARBALLO, Mirian; AGUIRRE, María Elena (orgs.). **Eco-crítica, “Crítica Verde”**: la naturaleza y el medioambiente em el discurso cultural anglófono. Córdoba: Asociación Cooperadora Facultad de Lenguas – UNC, 2010.

COLI, Jorge. **O fascínio de Frankenstein**. Folha de São Paulo, 02. Jun. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs0206200204.htm>> Acesso em: 20 ago. 2018. Não paginado.

CORRÊA, Lilian Cristina. **O foco narrativo em Frankenstein**. TODAS AS LETRAS I, volume 8, n.1, 2006. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/841>> Acesso em: 12 jan. 2020.

D'ONÓFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**: autores e obras fundamentais. São Paulo: Editora Ática, 2007.

DONADA, Jaqueline Bohn. **“Spontaneous Overflow of Powerful Feelings”**: Romantic Imagery in Mary Shelley’s Frankenstein. VDM Verlag: Saarbrücken, 2009.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001. Tradução: Sandra Castello Branco.

EGGENSPERGER, Klaus. Prometeu, Fausto, Frankenstein. In: MOURA, Magali; ARAÚJO, Nabil. (Orgs.). **Imagens de Fausto**: história, mito, literatura. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2017. p. 137-161.

FERRAZ, Geraldo Galvão. “Apresentação”. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein, ou o Prometeu moderno**. São Paulo: Ática, 2012.

FLORESCU, Radu. **Em busca de Frankenstein**: o monstro de Mary Shelley e seus mitos. São Paulo: Mercuryo, 1998. Tradução: Luiz Carlos Lisboa.

GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. Tradução: Vera Ribeiro.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1990. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt.

GUIMARÃES, Armando Rui; ARAÚJO, Alberto Filipe. Como Criar um Monstro: O Manual de Instruções do Dr. Victor Frankenstein. In ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein: imaginário & educação**. São Paulo: FEUSP, 2018a. p. 71 – 87.

GUIMARÃES, Armando Rui; ARAÚJO, Alberto Filipe. O Monstro de Frankenstein: Uma Leitura Educacional. In ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein: imaginário & educação**. São Paulo: FEUSP, 2018b. p. 114 – 135.

GUIMARÃES, Armando Rui. Mary Shelley: Vida e Obra. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein: imaginário & educação**. São Paulo: FEUSP, 2018c. p. 32 – 70.

GUIMARÃES, Denise. **História em Quadrinhos e Cinema**. Curitiba: Ed. Universidade Tuiuti do Paraná, 2012.

GRIFFIN, Andrew. Fire and Ice in Frankenstein. In **The Endurance of Frankenstein: Essays on Mary Shelley's Novel**. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London. 1997. p. 49 – 73.

HITCHCOCK Susan Tyler. **Frankenstein: as muitas faces de um monstro**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010. Tradução: Henrique Amat Rêgo Monteiro.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era das revoluções: Europa 1789 – 1848**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A. 2004. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel.

KERRIDGE, Richard. **Qual a relação entre a análise ecocrítica e a escrita criativa?** (Conferência). Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Curitiba - PR, 29 nov. 2019. Tradução: Zélia Bora e Márcio M. Cantarin.

KUBLER-ROSS, ELIZABETH. **Sobre a Morte e o Morrer: O que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. Editora Martins Fontes, 1969. Tradução: Paulo Menezes. Não paginado.

LEOPOLDI, José Sávio. **Rousseau - estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas**. Revista Alceu, São Paulo, nº4, 2002 - academia.edu Disponível em: <https://www.freewebs.com/cauboibbb7/alceu_n4_Leopoldi.pdf> Acesso em: 07 jan. 2002.

LATOURE, Bruno. **“O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”**. Entrevista. El País, Marc Bassets 31 mar 2019; 15:37 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html> Acesso em: 14 mai. 2019. Não paginado.

LECERCLE, Jean-Jacques. **Frankenstein: mito e filosofia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015. Tradução: Nair Fonseca.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais são os desafios do professor? In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. Angela B. Kleiman... et al.; São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 83-102.

MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco G. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: 1995. Editorial Psy II. Tradução: Jonas Pereira dos Santos.

MENEZES, Marco Antônio de. **A dessacralização da vida e da arte no século XIX**. História: Questões e debates, Curitiba: Editora UFPR. n. 39, 2003, p. 221-253.

MORTON, Timothy. **Frankenstein and Ecocriticism**. ISBN: 978 1 107 08619 7 May 11, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/30613323/Frankenstein_and_Ecocriticism> Acesso em: 24 abr. 2019.

OLIVEIRA, Sonia Maria Barros de. **“Os critérios para a definição da nova época geológica, o Antropoceno”**. Entrevista. IEA - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 02 mai 2018. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/conversa-sobre-o-antropoceno>> Acesso em: 15 dez. 2019.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michele Z.; LAMPHERE, Louise (coord.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95 – 120. Tradução: Cila Ankier e Rachel Gorestein.

RIBEIRO, José Augusto. A Utopia da Fabricação do Homem. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein: imaginário & educação**. São Paulo: FEUSP, 2018. 229 p. (Mitos da pós-modernidade; v. 1). p. 136 – 157.

RODRIGUES, Felipe Lima; LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **Foco narrativo nas adaptações de Frankenstein para os quadrinhos**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2018. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/q_literatura/felipe_ricardo.pdf> Acesso em: 11 dez. 2019. Não paginado.

SANSIÑENA, María Sol. Afinidad entre el lenguaje y la tierra: Hacia uma conciencia y uma poética ecológica em Turtle Island de Gary Snyder. In CARBALLO, Mirian; AGUIRRE, María Elena (orgs.). **Eco-crítica, “Crítica Verde”**: la naturaleza y el

medioambiente em el discurso cultural anglófono. Córdoba: Asociación Cooperadora Facultad de Lenguas – UNC, 2010. p. 60 – 69.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In SOARES, Carmen (Org.) **Corpo e História**. ed. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2004. p. 3 – 23.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. **Perspectivas da Era Vitoriana**: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. Revista Diálogos Mediterrânicos www.dialogosmediterraneos.com.br Número 10 – Junho/2016. ISSN 2237-6585 189 Disponível em: <<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209>> Acesso em: 29 set. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências**. 1.6. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010. 59p.

SERRES, Michel. **O contrato natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. Tradução: Beatriz Sidoux.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein or the modern Prometheus**. Londres: Penguin Books, 2003.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein, ou o Prometeu moderno**. São Paulo: Ática, 2012. Tradução: Marcos Maffei.

SOARES, Carmen (org.). **Corpo e História**. 2. ed. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2004.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução: João Roberto Martins Filho.

TORRES, Sonia. **O antropoceno e a antroppo-cena pós-humana**: narrativas de catástrofe e contaminação. *Ilha Desterro* [online]. 2017, vol.70, n.2, pp.93-105. ISSN 2175-8026. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2017v70n2p93>> Acesso em: 03 dez. 2019.

TURNER, Kyndra. **From Frankenstein to District 9**: Ecocritical Readings of Classic and Contemporary Fiction and Film in the Anthropocene. Arizona State University. 2015. Disponível em: <<https://repository.asu.edu/items/29767>> Acesso em: 15 set. 2019.

WOLFSON, Susan J; LEVAO, Ronald. **The annotated Frankenstein**. Mary Wollstonecraft Shelley; editado por Susan Wolfon e Ronald Levao. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2012.